

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

livro-reportagem:

Mudou o quê?!

Fatos e relatos do crescimento econômico brasileiro no século XXI

Heraldo José Marqueti Soares

Bauru

2011

Heraldo José Marqueti Soares

livro-reportagem:

Mudou o quê?!

Fatos e relatos do crescimento econômico brasileiro no século XXI

Relatório do Projeto Experimental
apresentado pelo aluno Heraldo José
Marqueti Soares, RA 831239 para
obtenção do título de bacharel em
Comunicação Social, habilitação em
Jornalismo na Faculdade de Arquitetura,
Artes e Comunicação.

Orientador:

Profº Drº Maximiliano Martin Vicente

Bauru
2011

Banca Examinadora

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente
Departamento de Ciências Humanas
FAAC-UNESP

Prof. Dr. Pedro Celso Campos
Departamento de Comunicação Social
FAAC-UNESP

Prof. Ms. José Rafael Mazzoni
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade do Sagrado Coração (USC)

Nota Final: _____

Data: ____/____/____

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo a produção de um livro-reportagem abordando diferentes aspectos do crescimento econômico brasileiro, mais especificamente nos últimos dez anos. Estes semblantes circundam ao redor de temáticas muito discutidas pela mídia brasileira e internacional. Assim como estas mídias buscaram respostas para o sucesso econômico brasileiro no século XXI, especialmente com os bons resultados do PIB em 2010, o livro-reportagem também foi produzido com o intuito de explicar melhor o cenário brasileiro na crista da maior crise econômica dos últimos anos que vem levando países desenvolvidos à sua degradação política e sobretudo econômica.

Palavras-chave: livro-reportagem, economia brasileira, crise, jornalismo.

Abstract

The objective of this research is a production of a reporting-book broaching different aspects of the brazilian economic growing, more specifically on the last ten years. These visages surround topics so much discussed by the brazilian and international media. As these medias searched answers for the success of the Brazil's Economy in the 21st century, specially with the good results of the GDP in 2010, the reporting-book also was produced in order to explain better the brazilian scene on the crest of the greatest economic crisis of recent years which has led developed countries to its political and economic degradation.

Keywords: reporting-book, brazilian economy, crisis, journalism

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
PROPOSTA	11
PLANEJAMENTO	12
EXECUÇÃO	14
RECURSOS TÉCNICOS, MATERIAIS E HUMANOS.....	15
ESTRUTURA DO LIVRO-REPORTAGEM.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
BIBLIOGRAFIA	21

1. APRESENTAÇÃO

O livro-reportagem é um Jornalismo evoluído. Ele permite mostrar aquilo que nem as grande reportagens expõem. O livro por si só já é algo completo e, se possui elementos da extensa apuração jornalística em sua composição, o trabalho chega próximo à perfeição.

A produção do livro-reportagem vem complementar aquilo que é acobertado pela grande mídia.

(...) a mídia esquece personagens, fatos ou privilegia determinadas angulações, além de hierarquizar a produção jornalística conforme o grau de peculiaridade dos eventos. Locais que não oferecem um adicional simbólico não são capazes de fazer com que seus acontecimentos sejam bem situados na imprensa. Periferias que têm percentuais altos de violência só são objetos de cobertura jornalística quando têm acontecimentos mais sensacionais, como grande número de mortos ou mudança no comando de uma favela. Os diversos pontos de vista dificilmente são escutados e, geralmente, apenas fontes oficiais e boletins de ocorrência são privilegiados. (RODRIGUES, 2010, p 11)

Quando o New Journalism nasceu nos Estados Unidos, a forma de narrativa do Jornalismo mudou em grande escala. Um fato sendo narrado e não meramente exposto trouxe uma maior vivacidade à realidade sobre a qual a notícia se baseia. Sendo assim, o livro-reportagem possui vantagens de trazer a verdade para mais perto do público.

O New Journalism se caracteriza principalmente por construir a notícia usando elementos narrativos. Esta nova “real magia” trouxe mais credibilidade ao trabalho do repórter, que presenciou os fatos no local e quer ao máximo que o público sinta aquilo que ele sentiu.

Segundo Edvaldo Pereira Lima, a construção do livro-reportagem se diferencia de reportagens convencionais pelo seu aprofundamento em três características: “ao conteúdo, pois trata de assunto em que a veracidade é fundamental; ao tratamento: linguagem, montagem e edição de texto e também, quanto à função: informar, orientar e explicar” (1995, p. 30).

A produção bibliográfica brasileira em livros-reportagens ainda é extremamente limitada. Em sua maior parte são obras com o cunho da violência brasileira. São histórias nas quais o repórter sobe os morros cariocas, se encontra com traficantes e denuncia as rotineiras mazelas sociais para a opinião pública.

Há uma grande necessidade das ciências humanísticas serem mais exploradas pelo Jornalismo Narrativo da grande reportagem em forma de livro, principalmente porque há muito o que ser repassado e discutido. Um exemplo foi buscado pelo presente trabalho, ainda que não contenha exageradas passagens narrativas que caracterizam este formato editorial e jornalístico.

É certo que um livro-reportagem mais próximo ao “romance policial” pode soar mais interessante que um trabalho que discuta os impasses políticos da humanidade, entretanto não é só a interação com uma realidade urbana policial que servirá como conteúdo de democratização do conhecimento social.

É importante o leitor ser entretido e informado por uma realidade que está sempre com ele, como a da segurança pública, assim como também é essencial livros que o levem a refletir as causas do sofrimento social ao qual este leitor está sujeito. Além disso, ele consumirá a leitura estando apto ao pensamento humanístico político da realidade de seu país, podendo fomentar em grandes escalas sua busca pelo papel cidadão em comunidades.

A situação econômica brasileira da última década é um motivo para que os leitores ou telespectadores/ouvintes/ internautas procurem cada vez mais o acesso aos grandes conteúdos que abordem e pesquisem os seus problemas cotidianos. Seja através do livro-reportagem ou de um especial de TV, a necessidade dos jornalistas em produzir estes conteúdos é maior a cada dia.

Nas TVs internacionais como a BBC ou a CNN as grandes reportagens são comuns durante toda a programação e o formato se repete na forma do livro também.

A produção de documentários sobre contextos políticos e econômicos ainda é extremamente pobre no Brasil. Não obstante os poucos conteúdos produzidos não chegam ao público, já que no caso da TV, essa programação fica fora do horário nobre. Além da inexistência de leis rígidas para proibirem programações de baixo calão, que dominam os veículos audiovisuais com estímulo à pornografia e à não-educação popular.

Thomas Friedman é um daqueles grandes jornalistas conhecidos pelo mundo. Ele viaja ao redor do globo buscando personagens que o ajude a ilustrar a realidade a ser passada para seu público. Em suas duas obras-primas: “O Mundo É Plano” e “Quente, Plano e Lotado”, Friedman reuniu dados, personagens, explicações de especialistas e, sobretudo excelentes histórias para relatar não só em seus livros, mas também em suas colunas no New York Times e em suas palestras nas universidades estadunidenses.

Os objetivos gerais deste projeto experimental giram em torno da tarefa de construir uma grande reportagem na forma de um livro dividido em vários capítulos, que no decorrer da narrativa deem embasamento ao leitor sobre a situação econômica do Brasil com a finalidade de fornecer uma resposta à pergunta do título: o país de fato mudou economicamente nos últimos anos? Estas mudanças são significativas ou é só um exagero?

Uma das metas foi construir uma obra didática que contrariasse toda a terrível sofisticação dos textos político-econômicos do Jornalismo brasileiro. A linguagem informal foi bastante utilizada, sem períodos demasiados prolixos. Foi fácil perceber o começo-meio-fim de cada tema, apesar de que eles muito inter-relaciona-se. A questão foi simplificar, tornando a leitura fluente para que o leitor entenda a proposta do livro e principalmente para que ele possa concordar ou não com os vieses expostos sobre os resultados alcançados com a observação e questionamento dos casos e fatos ali registrados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A princípio o Crescimento Econômico parece ser um tema um tanto complicado e longínquo da grande maioria dos estudantes de Jornalismo, seja pela falta de mais disciplinas econômicas nos cursos de Comunicação Social, seja pelo tabu existente quanto às complicações que a temática da Economia desperta no imaginário, não só dos alunos, claro, mas também na maioria das pessoas.

A falta de abordagem econômica é um déficit não só de cursos universitários, mas de todo o sistema de ensino brasileiro. Novamente, não há como fugir das comparações. No Japão, além de os alunos do ensino fundamental possuírem aulas até de culinária, se não bastasse, as crianças e adolescentes também tem aulas de “educação financeira”, onde é ensinado não só a poupar dinheiro, mas também aprendem sobre conhecimentos básicos de Economia relacionados ao dia-a-dia. Vi que algumas escolas no Brasil estão adotando este sistema, mas é claro, que por muito tempo só reinará na rede privada de ensino. Bom, o fato de em 2012 a Educação Musical ser obrigatória em todas as escolas brasileiras já é um avanço.

Vejo deficiências da própria mídia brasileira. Quando se fala em editoria econômica, logo já surge um repúdio muito grande pelo fato dos meios retratarem a Economia como algo trabalhado para uma elite selecionada. Então quem lê artigos e reportagens econômicas é o grande empresário, senão o próprio economista, ou em última instância é o graduando em Ciências Econômicas.

Ainda não consegui entender porque os grandes grupos que trabalham com o jornalismo impresso não mudam esses projetos editoriais.

O economista Reinaldo Cafeo, presidente da Associação Comercial e Industrial da cidade de Bauru (Acib) faz um trabalho muito interessante. Ele tem um blog intitulado “Descomplicando a Economia”, além de ser editor-chefe do Jornal Planeta Economia, dotado de uma linguagem clara e concisa. Neste periódico mensal há a sessão do “Guro Econômico”, que a cada edição tira as dúvidas mais tenebrosas quanto a assuntos da Economia.

O financeiro está presente em praticamente tudo, porém as pessoas não se dão conta da tamanha importância de se discutir isso. O dinheiro faz parte das relações interpessoais e não há como separar isso. Segundo o próprio Reinaldo Cafeo, “A separação de casais por divergências na relação com o dinheiro está em crescimento: 50% dos casais que se separam

apontam esta causa como a que motivou o fim do relacionamento” (2011, coluna semanal no Portal 94FM).

No programa *Fantástico* da Rede Globo, a Economia é bem retratada no quadro *Tintim por Tintim*, mostrando personagens que lidam com situações de problemas financeiros. E então entra o *Sr. Dinheiro*, papel do economista Luís Carlos Ewald, que busca ensinar a família táticas para poupar e investir melhor dentro de casa.

Contudo o problema é na mídia impressa e, em partes, também no rádio. A TV tem o poder ilustrativo nas mãos então consegue explicar tudo o que quer. A internet, por sua vez, abre um mundo de possibilidades e hoje é impossível não sanar uma dúvida financeira navegando por blogs que tratam da “descomplicação da Economia”.

Quanto ao desenvolvimento do Brasil, a situação nesta última década propôs mudanças extremas de modernização territorial. Acredito que há tempos não havia uma dedicação tão intensiva quanto à cobertura política-econômica do país. Não só pelas políticas públicas brasileiras como as relatadas no livro (PACs, bolsas...), mas sobretudo pela inserção do país nesta Nova Ordem Mundial.

As economias centrais (EUA e Europa) não conseguiram restabelecer as taxas de crescimento anterior a crise (com a exceção da Alemanha). Economias em desenvolvimento já obtiveram crescimento próximo ao observado antes da crise (no caso, a China). Países em desenvolvimento passaram a contribuir para o crescimento numa proporção maior do que os desenvolvidos.

(IPEA, 2011, p. 3)

A temática do Crescimento Econômico do Brasil, não pode ser relatada separadamente do contexto da Globalização. O jornalista norte-americano Thomas Friedman, autor de livros sobre a globalização, defende que os BRICs (países do eixo emergente: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) precisam saber lidar com o forte crescimento econômico. Para isso os valores do PIB já não são essencialmente determinantes.

Os aspectos que abordam este projeto experimental são os seguintes:

- Contexto brasileiro na crise econômica desencadeada em 2008
- Crescimento Econômico Brasileiro aliado à Sustentabilidade
- Situação das classes econômicas no Brasil do século XXI
- Influência de programas sociais estimulando o crescimento
- A realidade do Programa de Aceleração do Crescimento e quais suas

influências na expansão econômica do país

- Fatores contrários ao crescimento: Tributação, Economia Informal e Burocracia
- A internacionalização das empresas brasileiras como forma de crescimento econômico

3. PROPOSTA

Publicação impressa de um livro-reportagem na forma de 6 capítulos.

Após a avaliação da banca examinadora, a obra será publicada em forma legal de livro

Também será disponibilizadas cópias do livro em formato digital (PDF) para a biblioteca do campus da UNESP em Bauru e em Araraquara, onde funciona o curso de Ciências Econômicas desta instituição.

A proposta temática é fornecer embasamento sobre a questão do Crescimento Econômico Brasileiro, que possui uma baixa produção de teores científicos dentro das universidades. Este papel atualmente fica a cargo das instituições como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

4. PLANEJAMENTO

Cronograma:

Fevereiro – ideia da criação de um livro que abordasse o sucesso econômico brasileiros, originada da produção de um trabalho para o curso de Jornalismo Econômico realizado na *Universidad de Sevilla* – Espanha, entre outubro de 2010 e fevereiro de 2011. Este trabalho consistiu na análise comparativa de dois jornais impressos (*El País* e *Estadão*) à respeito de reportagens envolvendo o crescimento econômico do Brasil em 2010.

Abril – início do pré-projeto para a disciplina de Planejamento em Comunicação

Maio – a princípio o tema era a criação de um livro reportagem que fornecesse uma resposta para o crescimento sócio-econômico do país, se esse crescimento diminuiu de fato a pobreza no país e se o brasileiro estava vivendo com mais qualidade de vida. O livro seria baseado em diversas entrevistas com especialistas e não especialistas sobre duas versões para o crescimento sócio-econômico do país.

Neste mesmo mês enviei um pré-projeto ao professor que pensei escolher para a orientação: Maximiliano Vicente. Junto ao pré-projeto anexei o trabalho realizado na *Universidad de Sevilla*. Pouco tempo depois encontrei o professor Max, que aceitou orientar este trabalho.

Junho – Pré-Projeto pronto para o protocolo no Departamento de Comunicação Social da Unesp em Bauru

Agosto – Primeiros encontros com o professor Max.

O livro começou a ser escrito neste mês, bem vagarosamente, somente relatando minha experiência na Espanha.

Planejamento das primeiras entrevistas

Setembro – realização das primeiras entrevistas, buscando empresários para ilustrar a narrativa do livro

Neste mês já estava certo de que o livro-reportagem não focaria totalmente só no crescimento sócio-econômico, mas sim, relatarias fatos sobre os aspectos do crescimento da Economia do Brasil nos pontos mais marcantes de todo este processo dos últimos dez anos.

Outubro – digitação da obra, com uma velocidade maior. Algumas entrevistas ainda foram feitas durante este mês. Tudo começou a se ajeitar por aqui

Novembro – o livro já estava quase pronto, faltando alguns ajustes e algumas correções que mudaram com o passar dos meses, já que a Economia pode variar de um dia para outro. Por exemplo, o caso da crise na Europa foi um motivo para fazer vários ajustes durante os capítulos.

Dezembro – Publicação do livro, com todo rigor, produzido em gráfica e distribuir cópias a quem se interessar.

5. EXECUÇÃO

Não foi uma construção fácil, principalmente pelo tema escolhido. Como dito na apresentação, a Economia causa arrepios até mesmo em estudantes de Jornalismo. Nesta instituição de ensino, metade dos alunos gostam de Esportes (futebol) e a outra metade de Cultura.

Durante a escrita deste livro-reportagem a minha maior preocupação era dar uma informação errada, ou então me exaltar em opiniões e falar algo que não tinha nada a ver com o contexto brasileiro. Ainda não sei se consegui passar ileso nesta prova. A língua do homem é uma das coisas mais perigosas que existem.

Busquei ao máximo ter uma relação saudável com os entrevistados pois mais da metade desta obra só está concretizada graças a eles. Tentei ser fiel ao discurso deles e não fazer como muitas mídias que alteram tudo aquilo apurado, distorcendo assim, informações valiosas. Além do mais, este livro-reportagem fala de algo extremamente importante e delicado para a sociedade. A Política e a Economia estão estritamente ligados a qualquer ser humano do planeta. Tudo contorna o eixo financeiro e as políticas vão determinar os rumos das economias e vice-versa.

Este não é um assunto *away*, uma história, uma biografia de um sujeito ali. O sujeito aqui é o Brasil, é a nossa casa. São os alimentos que comemos que vão sofrer a alta de custo com os efeitos da seca no mundo que o senhor John Carter tanto me explicou na entrevista. Quando sentirmos nossos bolsos mais leves será o efeito da inflação pelo grande consumo das classes mais baixas no Brasil, e assim por diante.

6. RECURSOS TÉCNICOS, MATERIAIS E HUMANOS

O uso de laboratórios dentro da Universidade foram nulos.

Houve a interferência de professores da UNESP em forma de entrevista para o trabalho, além disso ouvi muitos palpites de pessoas que encontrava, principalmente de amigos já jornalistas.

Os maiores gastos foram os de deslocamento para encontrar alguns entrevistados, ainda que a tecnologia ajudou. Por exemplo com o presidente da Aliança do Brasil, John Carter, nosso papo foi via Skype.

Usei o telefone para ligar para algumas pessoas e o e-mail foi importantíssimo para que o professor Mark Blyth, da Brown University (Massachusetts) me explicasse o papel do Brasil e dos BRICs no mundo plano em crise econômica.

7. ESTRUTURA DO LIVRO

Capítulo 1 – Sinérgicas Tensões

Também serve como Prefácio do livro-reportagem. É o relato de como surgiu a ideia de terminar meu curso de graduação de uma maneira que pudesse deixar um material aproveitável de acordo com a sociedade brasileira dos dias atuais.

A experiência de viver na Espanha, retratada neste capítulo foi essencial para a definição do tema deste trabalho. Sempre tive a curiosidade de saber quais as diferenças entre o Brasil e outros países. Viver na Europa por seis meses me deu esta incrível oportunidade. O próximo passo poderia ser uma vivência em um outro país em desenvolvimento. Quem sabe comer coisas estranhas na China ou passar uma temporada no cordial inverno russo.

Este período que vivi fora do país presenciando um outro cotidiano se deu não só em esferas políticas, mas também antropológicas. Muitos europeus tem a imagem de que o Brasil “nada em riqueza” agora e que somos um país avançado. Isto ocorre talvez pelo desânimo que a crise econômica deste século tem gerado no chamado por mim de “eixo-rico”, que engloba principalmente Estados Unidos e Europa Ocidental.

As “sinérgicas tensões” são os transtornos que o século XXI tem passado, especialmente com a intensificação da crise econômica. Meus amigos espanhóis me dizem que nunca passaram por tamanho sofrimento e neste momento o alvo das culpas é o governo socialista. “Não temos dinheiro para nada”, dizem eles.

A Cáritas, uma fundação ligada à Igreja Católica, passou a ajudar famílias da classe média espanhola devido ao empobrecimento da população. Enquanto o Brasil passa por crescimento econômico, alguns países estão com seu crescimento negativo. Especialistas dizem que a Grécia não vai aguentar. Um calota já foi pronunciado. A Itália, terceira maior economia da Europa Ocidental já prepara a saída de Berlusconi. Chega uma hora que líder nenhum aguenta a crise e assim, vão dando início às transições de governo.

No capítulo também são comentados os movimentos de ocupação de grandes centros urbanos como o “15-M” e o “Ocupem Wall Street”, que estão tomando as grandes praças nas principais metrópoles mundiais, incluindo as brasileiras para protestar contra a crise econômica. Aqui no Brasil os protestos tem um direcionamento mais *anti-corrupção*, que é o certo.

Capítulo 2 – Brasil Sustentável ou Brasil Despencável

Sem dúvida a Sustentabilidade é o assunto que mais associam o Brasil então procurei falar da situação atual do país quanto à utilização energética, tanto de energias renováveis ou não.

Aqui são relatados e comentados os problemas e desafios de se pensar no futuro energético do Brasil com todo esse crescimento.

Será que estamos em crescimento desordenado e não-sustentável?

As usinas nucleares são uma boa alternativa para o país após a catástrofe japonesa em março de 2011? Os países ricos acham que não. Os emergentes com todo esse gás de crescimento continuarão enriquecendo o urânio, inclusive o Brasil que segue o projeto de Angra 3.

O ápice deste capítulo é minha conversa com o produtor John Carter, que trocou os Estados Unidos pela terra e pela mulher brasileira. John é presidente da Aliança da Terra, uma ONG mato-grossense, que preza pela produção sustentável no coração no Xingu.

Apesar das críticas à sua terra natal, o fazendeiro John defende os EUA alegando que muitas opiniões não tem fundamento de verdade. Sobre tudo ele elogia o Brasil dizendo que seremos os maiores produtores não só de carnes, mas de alimentos no geral, em um futuro bem próximo. As explicações são interessantes. Ele explica que enquanto nos EUA as fronteiras são bem limitadas, o Brasil possui muitas terras novas para explorar sustentavelmente, apesar de frisar que o Brasil pode triplicar sua produção com os solos que já estão destinadas à agricultura. Segundo ele, o Brasil aproveita muito mal o seu espaço e as suas políticas não funcionam como deveriam.

Capítulo 3 – Bolsas, Salários e Educação

Aqui procurei dar alguns vieses sobre a situação de crescimento econômico das famílias brasileiras, dando os valores do salário mínimo desde o Governo FHC até a Era Rousseff.

O salário-mínimo no Brasil era refém da fraqueza macro-econômica nos anos 90 e nos últimos anos ajudou a desenvolver o mercado interno brasileiro. Com o crescimento do consumo doméstico, o desenvolvimento econômico foi beneficiado pela diminuição das importações. Transforma-se em um motivo para o aumento do PIB, além de explicar a incrementação do consumo das classes mais baixas, nos auxiliando a entender o sistema.

O Bolsa Família foi discutido neste capítulo, com o argumento de que ele ajudou na diminuição da pobreza extrema no Brasil, mas que todavia, as medidas de pobreza no país são muito desreguladas. Em comparação novamente com os Estados Unidos, um pobre aqui seria um *ultra-mega-super* miserável lá. Aqui o salário mínimo está em torno dos 600 e poucos reais, enquanto lá é de mais de 3.400 reais. O Bolsa Família precisa se expandir e mostrar à opinião pública que é um complemento de renda e não uma simples transferência que vai enriquecer os menos favorecidos.

A Educação deve ser uma força inerente à qualquer atitude política no Brasil. Nesta altura do livro contamos que ela fez parte do desenvolvimento de todas as nações que “venceram na vida”. É preciso amplificar a porcentagem do Produto Interno Bruto para os investimentos educacionais, caso contrário o povo vai continuar clamando por Bolsa Família e não vai mudar a mentalidade. E infelizmente isso a maioria dos políticos brasileiros adoram manter.

Capítulo 4 – Frear atrasos, acelerar o crescimento

O Programa de Aceleração do Crescimento foi acusado de ser o responsável pela eleição de Dilma Rousseff. Se isso ocorreu ou não, aqui não importa. O que conta agora é que a maior política desenvolvimentista brasileira está em patamares de fiasco mesmo com a projeção de projetos sensacionais.

Veremos neste capítulo que o Trem de Alta Velocidade (TAV) tão sonhado vai demorar anos para ficar pronto, certamente posterior à Copa do Mundo de 2014. Nesta temática de grande eventos da década no Brasil, o PAC vem para preencher os buracos, principalmente de logística de transportes, mas vamos percebendo que além de poucos recursos investidos nos programas dele, existe a corrupção por trás de tudo.

Capítulo 5 – O Crescimento e a Marca Brasileira

Indubitavelmente esta é a parte que mais dediquei trabalho para construir. A explicação é simples, se deve à importância da indústria nos resultados do crescimento brasileiro.

Encarei discutir Economia com o fundador da melhor franquia brasileira do ano 2011, a *Multicoisas*. Ele me disse fatos importantíssimos e não foi o tipo de entrevistado “gente boa” que somente elogiou o país e suas políticas. Ele me fez enxergar mais além que a

tributação nos suga mais do que eu imaginava. E o que me surpreendeu foi ver que os empresários estão mais preocupados com a Educação no Brasil e assim, estão até abrindo “universidades” dentro das próprias indústrias para poderem treinar seu pessoal e assim, claro, crescerem.

O capítulo foi dividido em temas como o dos impostos, a Economia ilegal, a internacionalização das marcas brasileiras, os efeitos da crise no mundo e no Brasil e, por fim, como se dá o processo de Globalização no mercado brasileiro.

Capítulo 6 – O melhor país do mundo

O título dessas minhas considerações finais veio de várias vozes. Uma delas é do personagem do ator Eduardo Sterblitch, chamado “Melhor do melhor do Mundo”, apresentado durante o programa Pânico na TV, um pastelão da emissora *Rede TV!*. É uma paródia do grupo de humor “Os melhores do mundo”. Sendo assim, o Melhor do melhor do mundo é aquele estupendo sujeito que sabe fazer tudo, e faz melhor que o já “melhor do mundo”, mas no final, o Melhor do melhor do mundo acaba realizando tudo com a pior qualidade possível, sempre estabanado!

Do outro lado vem a imagem de que o Brasil é o melhor país do mundo para se viver. A ideia de que somos o país do futuro foi criada por um escritor austríaco – Stefan Zweig, que veio morar no Brasil e se apaixonou pelo país.

O crescimento econômico não é a chave do sucesso para o Brasil. O verdadeiro crescimento é aquele que se expande por todos os lados e, convenhamos, que este o Brasil ainda precisará brilhar muito mais. Sabemos que ele está brilhando, mas do outro lado temos o atraso do sistema político, que continua a brigar por não mudanças, permanecendo assim, num total decrescimento.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estou satisfeito que este trabalho tenha se transformado em realidade.

Quando mostrei meu pré-projeto ao meu orientador Max, tive muito receio dele me dizer “Olha, eu acho que isso não é possível, é uma ideia muito longe do chão”, mas ao contrário, foi uma resposta que me fez acreditar mais no meu projeto jornalístico. O professor Max (com seu leve sotaque espanhol de mais de 30 anos de Brasil) me disse algo como “Dá sim, é uma ideia interessante trabalharmos com isso, é possível, não se preocupe”.

Acredito que tenho pecado quanto à algumas fontes. Não fiz um trabalho tão investigativo como aquelas reportagens que vemos na televisão, ou sequer passei perto da destreza que o Truman Capote teve em suas investigações policiais. No entanto a minha intenção foi boa, consegui dar ao Brasil aquilo que me despertava curiosidade e fome de fazer Jornalismo.

Desde criança tinha um sonho de morar em outro país e sugar uma nova cultura. O intercâmbio pela UNESP na Universidad de Sevilla me abriu as laterais principalmente no fato de poder analisar as diferentes realidades e ter visto o que falta no Brasil para se desenvolver como a Espanha, ou a Itália, que foi outro território que passei bastante tempo.

Dentre todas as respostas, escolho uma em especial: estamos alcançando o Crescimento Econômico cada vez mais, mas só isso ainda é pouco. Se tivermos Educação e diminuição das diferenças sociais e políticas, nosso país será o Melhor do Mundo! Seja em 30 ou 50 anos.

9. BIBLIOGRAFIA

CALDAS, Suely. Jornalismo econômico . São Paulo, Contexto, 2003. 136 p.

FERREIRA, Carlos Rogé. Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas: discursos e contradiscursos, o novo jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem. São Paulo: Edusp, 2003.

LIMA, E. P. . Jornalismo Literário Para Iniciantes. 1. ed. São Paulo: Clube de Autores, 2010

LIMA, E. P. . Páginas Ampliadas: O Livro-Reportagem Como Extensão do Jornalismo e da Literatura, 4ª ed. Baureri: Editora Manole 2009

RODRIGUES, Felipe. Livro-reportagem : uma abordagem sobre a cobertura da *violência* no Brasil. Tese de Mestrado. Unicamp, 2010.

SOARES, H. J. M. . La Evolución de la Economía Brasileña: Análisis de los periódicos El País y Estadão. Monografía. Periodismo Económico, Facultad de Comunicación de la Universidad de Sevilla, 2011

FRIEDMAN, Thomas L. O mundo é plano: uma breve história do século XXI. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

CARVALHO, Marcelo Soares de, ROSANDISKI, Eliane. Mudanças na Distribuição de Renda Individual e Familiar no Brasil. I Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP. Caxambú, set, 2004

ALVIM, Carlos Feu. Brasil: o Crescimento Possível. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

CALDEIRA, João Paulo. **Pobreza não diminuiu só com o Bolsa Família**. Disponível em <http://www.advivo.com.br/materia-artigo/pobreza-nao-diminuiu-so-com-bolsa-familia>, acesso em 05/11/2011



Heraldo Marqueti Soares

Rotas
do
CRESCIMENTO
ECONÔMICO

Heraldo Marqueti Soares

Rotas do Crescimento Econômico

Projeto Experimental para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo
Orientado pelo Profº Drº Maximiliano Martin Vicente, do Departamento de Ciências Humanas da
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Ao Bom Deus

*e aos meus amigos e familiares,
pela confiança depositada...*

.

*...e também ao Brasil,
que anda mais crescidinho*

[...]

O homem que muito viajou conhece muitas coisas e quem tem muita experiência fala com discernimento.

Quem não foi provado, conhece pouco, mas quem muito viaja aumenta sua habilidade. Vi muitas coisas em minhas viagens, e o meu conhecimento ultrapassa as minhas palavras.

Muitas vezes estive em perigo de morte, mas fui salvo graças às minhas experiências

[...]

Capítulo 34 do Livro do Eclesiástico

“O Valor dos Sonhos e o aumento da Experiência”

Foto de Capa:

Heraldo Marqueti Soares

(nas proximidades do município de Barrinha,

a 40 km de Ribeirão Preto/SP)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1 – Sinérgicas Tensões	7
CAPÍTULO 2 – Brasil Sustentável ou Brasil Despencável?	12
CAPÍTULO 3 - Bolsas, Salários e Educação	33
CAPÍTULO 4 – Frear atrasos, acelerar o Crescimento!	45
CAPÍTULO 5 – O Crescimento e a Marca Brasileira	55
CAPÍTULO 6 – O melhor país do Mundo	89
REFERÊNCIAS.....	94
AGRADECIMENTOS.....	99

* O “livro” propriamente dito estará pronto no primeiro semestre de 2012 e será produzido em uma gráfica, como um livro normal, inclusive com gráficos coloridos. Este é o projeto entregue aos professores, não é o definitivo.
O relatório que há junto com este trabalho no CD é um mero testemunho de minhas impressões durante a realização deste livro-reportagem .
Qualquer dúvida, entrar em contato com heraldosoares@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Rotas do Crescimento Econômico vem abordar a nova posição econômica do Brasil nesta primeira década do século XXI. Tudo começou a partir de uma imensa curiosidade em comparar a conjuntura cotidiana da Espanha com a do Brasil. Vivi durante seis meses em Sevilha, na peculiar *comunidad autónoma* da Andaluzia, sul espanhol. No decorrer deste tempo viajei por sete países europeus. Fiz muito turismo mas também reparei demais na realidade que os europeus vivem, sempre associando aquilo que estava transformando meu país.

Voltei ao Brasil para terminar o último ano da graduação em Jornalismo. Com o olhar bem mais apurado resolvi tentar contribuir em algo para o entendimento do que acontece aqui dentro e o resultado é este livro-reportagem com fatos e relatos do novo desenvolvimento econômico brasileiro.

O Brasil disparou no crescimento econômico em um dos períodos mais difíceis da História Contemporânea e com isso foram surgindo desafios e rotas a serem trilhadas para que o país evolua com um desenvolvimento sustentável nas veias do crescimento. O primeiro capítulo toma a situação mundial para explicar como o país está inserido em todo este contexto de crises econômicas, ditaduras em quedas e desenlaces políticos e sociais que resultam na insatisfação popular, sobretudo dos jovens caçando alternativas para viverem um mundo melhor.

Em *Brasil Sustentável ou Brasil Despencável?* procurei associar o crescimento aos valores da Sustentabilidade na construção de um novo país que ressurgiu no século XXI com a responsabilidade de potência produtora de alimentos, além é claro, da robusta riqueza natural que lida com obstáculos de produção e busca por renovações energéticas com a meta de continuar crescendo ao passo da preservação ambiental.

A temática destes fatos e relatos é bastante extensa, cheia de personagens e especialistas *em Brasil*. Primei por discutir com várias pessoas os problemas brasileiros e mundiais para que o livro fosse melhor ilustrado. Na terceira parte separei alguns ramos interessantes decisivos nos resultados do progresso econômico tais como as políticas públicas sociais, a migração das classes e a desgastada carência educativa da população brasileira. O quarto capítulo tenta mostrar a real situação da maior política em prol do desenvolvimento: o Programa de Aceleração do Crescimento - PAC, pesquisando também qual sua relação com os temas anteriores, sobretudo à questão infra-

estrutural brasileira.

Nunca o Brasil esteve tão na moda. Na maré do crescimento as empresas brasileiras lutam por fincar seu lugar ao sol no grande quintal das companhias multinacionais pelo mundo. Em *O Crescimento Econômico e a Marca Brasileira*, relatamos os dados de crescimento da indústria brasileira lá fora, questionando os empecilhos e os pecados de fatores que afetam diretamente o desempenho de um crescimento: principalmente a Globalização e o papel do Brasil como emergente num planeta em crises e recessões.

Finalmente, o que nós brasileiros esperamos para um futuro a curto prazo é retomado em *O melhor país do mundo*. A sede brasileira por crescimento é grande e nos faltam muitos feitos para atingirmos um bom grau de progresso e driblar as forças contrárias a isso, como a corrupção e os impasses geopolíticos.

Riqueza não significa *qualidade*, no entanto é possível aplicar essa abundância a favor de um povo e progredirmos num tão almejado *avanço pleno*!

CAPÍTULO 1

Sinérgicas Tensões

A ganância humana é causa da prosperidade e do colapso de sociedades. Culpados são o excesso de crença no livre jogo das forças de mercado e a falta de instituições apropriadas para controlar desvios e assegurar a distribuição adequada dos frutos do desenvolvimento.

- Sérgio Leo, repórter especial e colunista do Valor Econômico

- *Pero, bueno, Brasil ahora está en una buena situación, ¿no? La Economía ha crecido y vosotros estáis estables con un increíble desarrollo* – me questionou a professora de *Periodismo Económico*.
- *Bueno, creo que no tanto cómo mucha gente piensa o no tan desarrollado cómo los periódicos dicen* – retruquei tentando não olhar diretamente nos olhos daquela senhora, que pareciam duvidar de tudo o que eu dizia – *lo que pasa es que hay una cierta distinción entre las informaciones, ¿sabes? Lo que El País muestra quizás no es realmente lo que pasa con nuestros pueblos*.

Depois de atingir o jornal espanhol de maior sucesso no mundo a professora me olhava de escanteio e eu tentei não gelar. Pontos de interrogação pipocavam das cabeças dos poucos alunos que havia na classe. Boa sorte haver poucos, pois não estava sendo fácil apresentar um seminário em uma sala de aula gigantesca com os *compañeros españolitos* do curso de Jornalismo Econômico da Universidade de Sevilha.

O tal tema era sobre o Crescimento Econômico do Brasil em uma comparação entre o *El País* e *O Estado de São Paulo*. Tentei demonstrar naquele tablado gigante que o Brasil não é aquilo que andam falando por aí, ao mesmo tempo, criticando a cobertura do *Estadão* a respeito da transição de presidentes no ano 2010-2011. Tentei ali, também não deixar de lado o trabalho jornalístico do *El País* que apesar de ser mais apropriado, passava uma imagem aos europeus de que o Brasil *agora* é um país rico.

- *No es verdad – continuei – hay informaciones erróneas sobre este desarrollo.*
- *¿Por qué? – ela continuou*
- *¡Buena pregunta! – dando um sorrisinho daqueles “Eu sei explicar”, sem saber por onde começar – Bueno – quando se começa a dizer qualquer coisa na língua espanhola, principalmente um raciocínio enrolativo, o segredo é sempre cantarolar “Bueno...” - lo que pasa es que no hay un desarrollo por completo, mientras la Economía crece, la población no crece en el mismo ritmo.*

Pensei ter ganhando um dez quando a professora começou a fazer sinal de afirmativo com a cabeça. No telão havia meu slide com um gráfico de crescimento dos últimos anos, apontando por último os 7,2% da chave de ouro do ex-presidente Lula.

Então continuei:

- *Creo que para tener un desarrollo considerable es necesario que la calidad del pueblo también sea desarrollada porque en mi país yo aún no puedo ver eso.*
- *¡Claro! Es un país todavía pobre, ¿no? - era engraçado quando os espanhóis dizem “claro”, porque sempre dizem isso e de uma maneira “nervosa”, como se o interlocutor estivesse dizendo coisas óbvias, entretanto eu não me sentia bem concordando que o meu país era pobre.*
- *Es un país con mucha gente pobre, pero lo que es más triste es que nosotros somos un país rico, tenemos de todo para ser una gran nación: no solamente la naturaleza pero tenemos una de las mejores agriculturas. Somos los productores más activos de carne y otros alimentos del mundo, tenemos ríos, tenemos petróleo... - aí eu já começava a me exaltar – tenemos gente inteligente que quiere el bien para su país...pero, pero...la Política no es una cosa que funciona en Brasil.*
- *Hombre, ¡aquí también lo ves que tenemos este problema! - era a senhora agora quem se exaltava.*
- *Sí, yo veo eso. Pero aquí me gusta la fuerza de cambiar las cosas. Otro día, en la Huelga General (Greve Geral na Espanha), me fui para ver como vosotros protestáis aquí en España y me quedé encantado en ver jubilados ayudando los jóvenes, siendo que esta causa no es para los jubilados, pero para las clases trabajadoras españolas, ¡para los más jóvenes!*

Assim, eu estava um pouco mais tenso. Arregacei as mangas do moletom de Jornalismo da UNESP e então dei linha na pipa, dizendo minha opinião: que no meu país é extremamente difícil uma manifestação ter adeptos tão variáveis.

Geralmente no Brasil uma manifestação é constituída somente por aqueles que estão no jogo. Se são ocupantes de terra, somente o MST fará parte. Se os estudantes brigam por meia passagem de ônibus, somente estudantes da UNESP estarão na manifestação.

Temos um problema. Talvez os não-brasileiros ainda não saibam que aqui ocorre isto. Nossa chama é passageira, cessa rápido. Nós brasileiros sabemos disso, é histórico, mas mesmo assim continuamos sem peito para pedir e brigar por aquilo que devemos receber por obrigação das políticas públicas. O jornalista espanhol, Juan Arias, correspondente do *El País* no Brasil escreveu um artigo em 2011 tentando questionando por que no Brasil as pessoas são tão desligadas da política e quase nunca protestam, dizendo a verdade de que aqui somos apáticos em relação aos políticos.¹

Meu pai, com sua singela vida vivida boa parte no meio rural, sempre disse que devemos viver independentemente do que faz o governo. No começo eu queria discordar dele numa desobediência ruidosa “Mas pai, e seus impostos?!”, mas logo, logo me dei conta que ele sempre esteve certo e que seus impostos só serviram para pagar os quatro anos da minha faculdade.

Uma das grandes dúvidas que tenho é o que devemos fazer. Quais os caminhos, que os não-políticos, sobretudo a juventude, devem tomar?

2011 foi um ano conturbado e com tremores sociais maiores que os balances sociais. Tem ano que isso é bem diferente. As crises econômicas tiraram o sossego de povos e autoridades. Em 2011 estourou o movimento 15-M na Espanha, que logo depois tomou conta de várias metrópoles no mundo. Os protestos da Primavera Árabe surtiram grande efeito, dando início ao consentimento geral de que vários países da África e da Ásia estavam sendo controlados por ditadores há décadas e que isto estava na hora de acabar. Hosni Mubarak do Egito foi preso e Muamar Kadafi, da Líbia foi capturado e morto pelos opositores de sua tirania. Nem cito o caso de Osama bin Laden, já que foi uma ofensiva militar norte-americana que encontrar um fugitivo que apesar de não ser governante, exercia forte influência no Oriente Médio. Com exceção de Bin Laden, eu nem sabia que tantos países assim ainda sofriam ditaduras!

Mais ultimamente começou o “Ocupem Wall Street”. Na sua maioria são jovens que estão a acampar em centros financeiros ao redor do mundo. Eles querem uma sociedade com menos

¹ AIRAS, Juan. Por qué Brasil no tiene indignados? IN:

www.elpais.com/articulo/internacional/Brasil/tiene/indignados/elpepuint/20110707elpepuint_9/Tes. Acesso em 15 out. 2011

desequilíbrios econômicos. Eles são repreendidos pelas autoridades, mas encontram cada vez mais apoio da população e se propagam facilmente pelas redes sociais. Muita gente critica essa arma, mas as pessoas têm encontrado na internet os principais artefatos para disseminarem a ideia de que muita coisa está errada no mundo e de que são necessárias mobilizações para mudar alguma coisa. Já estava na hora do mundo jovem se rebelar contra o caos financeiro que estamos passando!

Em vários períodos da História houveram protestos, entretanto a “decadência do eixo-rico” (um dos principais assuntos comentados neste livro) está se tornando um motivo para as populações ex-hegemônicas saírem de todo um comodismo trabalhista e de bem-estar social. Conhecemos o ditado de que *o cidadão só se mexe quando a água bate na bunda*. O liberalismo sem controle não é solução para os países e, a falta de democracia, seja na política, seja nos mercados, acaba engolindo os beneficiários deste liberalismo.

Cláudia Regina de Oliveira, professora de Ciência Política e Teorias do Estado das Faculdades São Luís do Maranhão, faz um comentário interessante em um artigo da “Revista Jurídica Praedicatio”, publicado em 2009: “Somadas as dificuldades epistemológicas e metodológicas para analisar o momento atual, novos acontecimentos emergem ocasionando novas questões, desafios e incertezas. Os últimos acontecimentos na esfera econômica (a crise de 2008, originada nos Estados Unidos e com consequências mundiais) evidenciam essa problemática. A economia mundial vivia o melhor momento desde a década de 70. Abruptamente, a euforia econômica transformou-se em pânico financeiro, a ponto de alguns economistas compararem a crise atual com a Grande Depressão Americana de 1929.

Neste “pânico financeiro” que a autora menciona, os países da União Europeia vivem um desespero para salvar o bloco da crise, que segundo a chanceler alemã Angela Merkel, é a pior desde a Segunda Guerra Mundial.

Mas e o Brasil?

Este livro-reportagem vem debater *O Brasil*. O que mudou nos últimos anos? Quais os impactos da Crise Econômica Mundial dos últimos 3 anos no território brasileiro? Qual a atual inserção do Brasil no mundo? Quais os problemas? E os desafios?

E o nosso desenvolvimento? Estamos mais ricos ou é uma mera imagem de um falso progresso natural, já que o eixo-rico vai mal? O Brasil de fato é um emergente ou nadamos na correnteza do sub-desenvolvimentismo? E nossas políticas públicas? O governo federal está trabalhando melhor? A corrupção *acaba* com o país?

São questionamentos essenciais para uma nova configuração de mundo na qual o Brasil torna-se um dos protagonistas. Em minha viagem à Espanha me dei conta de que precisava retornar ao Brasil com o desafio de ser protagonista aqui e, mais difícil ainda seria *de que maneira* poderia

contribuir com o nosso país. Este livro reportagem é fruto de um sonho que vive o caminho de ser concretizado. Claro que em partes, pois a carreira é extensa!

Reúno aqui diversos discursos de especialistas em Brasil. São economistas, administradores, políticos, trabalhadores, aposentados, donas-de-casa. Enfim, todos os personagens relatados aqui são pessoas que vivem o mundo atual e globalizado. Esse país que aprendi a descobrir nas viagens pela Europa e também no contato com estes indivíduos. Não são aqueles personagens comuns que o repórter fica dias acompanhando a vida, mas são figuras interessantes, sejam em conhecimento ou em sabedoria. São *gente* que quer viver um país diferente, ou um mundo diferente, no caso dos entrevistados estrangeiros!

O jornalismo é um braço forte na mobilização humana, não só para protestar mas para *acordar* e suscitar nas pessoas a importância da educação, a importância do viver o nosso país e contribuir para que ele seja positivo, nem que ao menos isso seja feito através de uma simples mentalidade de desenvolvimento. Afinal, em nossa bandeira está escrito *Ordem e progresso*, nada mais que isso junto à 27 estrelas dos nossos Estados.

O tema do crescimento econômico é a corrida na qual somos inseridos pelo processo da *Globalização* e se não nadarmos corretamente podemos sofrer o risco de ficarmos para trás e em último caso, de afundar. Enfim, são aspectos políticos e econômicos essenciais para a discussão de qualquer brasileiro que quer entender melhor o seu país no século XXI e ademais disso, quer ser protagonista deste nosso solo, e não um mero estrangeiro desvirtuado.

Nosso país deverá fechar o ano de 2011 como a sexta maior economia mundial, conforme os levantamentos da *Economist Intelligence Unit* publicado na revista britânica *The Economist*. Isso faz com que cada vez mais os olhos do mundo se voltem para nós.²

Um dos fatores que leva o Brasil a toda essa fama é o uso da terra. Estamos no topo da lista na produção de uma vasta gama de bens alimentícios (café, açúcar, cítricos, carne, leite, etc). Entretanto, essa função vem incrustada com a responsabilidade ambiental, não só por possuímos a maior área verde do mundo – a Amazônia, mas pelo desafio de atingir uma produção nacional com o melhor aproveitamento possível: menor degradação do ambiente e das fontes de matérias-primas, que a princípio já torna o Brasil rico por seu lado natural.

Diante dessas afirmações tão amplas resulta imprescindível nos adentrarmos em aspectos mais concretos para verificarmos como se está desdobrando essa ideia inicial lançada anteriormente.

2 THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. Focus Brazil. IN: www.economist.com/blogs/dailychart/2011/11/focus. Acesso em 10 nov. 2011

Brasil Sustentável ou Brasil Despencável?!

Em uma suave orquestra sinfônica da Natureza, estamos tocando uma estridente guitarra distorcida

- Adalberto Veríssimo, pesquisador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia, o Imazon

Seria possível o Brasil caminhar economicamente de uma maneira sustentável?

É uma pergunta difícil, não pela grandeza do nosso país, mas pela dificuldade em si de uma globalização que a cada dia se vê incapaz de transformar sua produção e consumo em um ciclo retornável.

O Brasil não faz parte da Organização dos Produtores e Exportadores de Petróleo (OPEP), entretanto é um dos maiores produtores e exportadores deste “ouro líquido”. Consultei a lista do *The World Factbook*, ou seja, o “Livro dos Fatos Mundial” da CIA – a Agência Central de Inteligência Norte-Americana. É um enorme banco de dados qualitativos do mundo. Na lista dos grandes produtores de petróleo de 2010, o Brasil já está na 9ª posição.¹

O Oriente Médio é a região que mais produz e lucra com o petróleo. Sua cultura é bem diferente da dos países da América do Sul, que correspondem a aproximadamente 7% da produção mundial de petróleo.

O Brasil precisa caminhar no desenvolvimento da exploração petrolífera, entretanto de um caminho diferente do realizado pelos países do Oriente Médio, que sempre tiveram seu desenvolvimento antagônico ao ideal de *Progresso Sócio-Econômico*, ou seja, do bem-estar social.

Primeiro lugar na lista do *The World Factbook*, na Arábia Saudita, os *sheikes* monopolizam toda a produção e exportação de bens derivados deste óleo. Dos 15 maiores mercados de petróleo, alguns possuem sérios problemas internos com o social, o político e até o econômico.

O caso da vizinha Venezuela é um dos mais notados. O 9º lugar na Lista da OPEP e 13º na *Factbook* é hoje uma nação sem democracia. Hugo Chávez está no poder há 12 anos controlando os meios de comunicação e driblando todos para prorrogar seus mandatos.

O Iraque, também dentro das listas, passa até hoje pelos resquícios da ditadura de Saddam

1 AGÊNCIA CENTRAL DE INTELIGENCIA NORTE-AMERICANA. The World Factbook. Country Comparison – Oil. Production. IN: www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/br.html. Acesso em: 15 nov. 2011.

Hussein: queda no mercado do petróleo e 1 milhão de refugiados após a ocupação norte-americana.

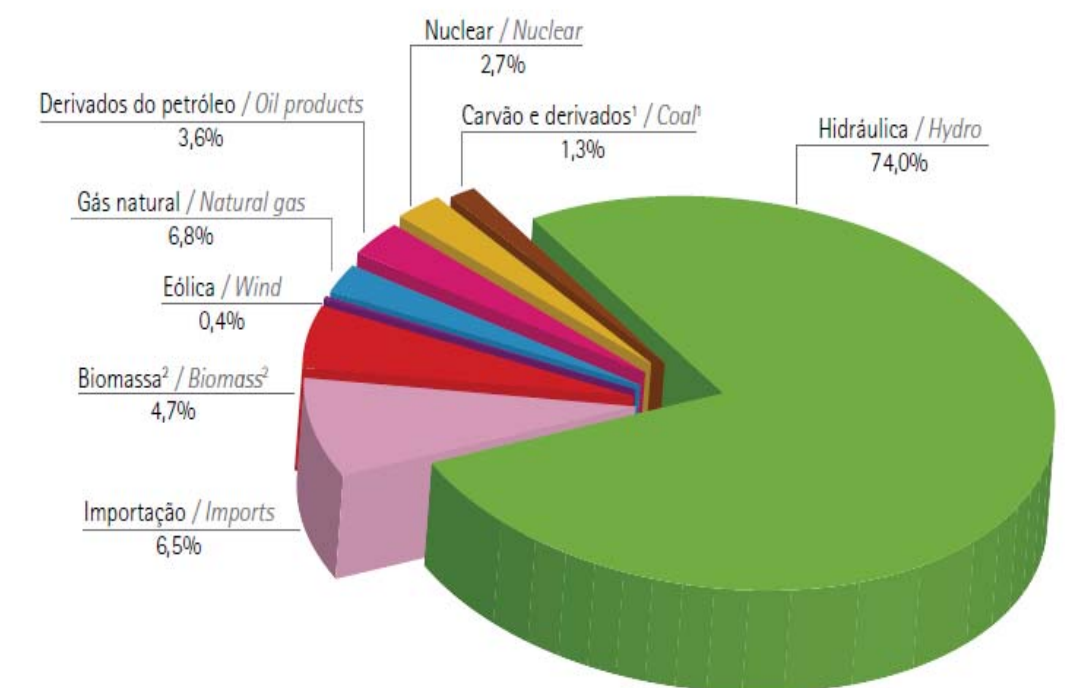
Pensamos quais os modelos energéticos que o Brasil deveria tomar para o seu sustento.

Hoje, 75% da Energia no Brasil vem das hidrelétricas, conforme o relatório da Empresa de Pesquisa Energética de 2010. ²

Somos o maior país com potencial de geração de energia pela força das águas. Em vários países ricos, como na América Anglo-Saxônica (EUA e Canadá) e na Europa, esse percentual equivale às Usinas Nucleares e às Termoelétricas. Primeiro porque são países que possuem rios extremamente fracos e curtos e segundo, porque no passado, esses países foram desbravados sem a mínima consciência da preservação ambiental das florestas e dos rios. Segundo John Carter, produtor rural estadunidense que vive no Mato Grosso, nos Estados Unidos só restaram 1% da mata nativa. Em nossa Mata Atlântica, por exemplo, restou um número um pouquinho maior, 7% do que havia no princípio de tudo.

Em 2010, segundo a Empresa de Pesquisa Energética - EPE, a situação energética do país foi assim:

Fontes de Energia no Brasil - 2010



Notas/ Notes:

¹ Inclui gás de coqueria/ Includes coke gas.

² Biomassa inclui lenha, bagaço de cana, lixívia e outras recuperações/ Biomass includes firewood, sugar cane bagasse, black liquor e other wastes.

Fonte: Balanço Energético Nacional de 2011 – Empresa de Pesquisa Energética

² EMPRESA DE PESQUISA ENERGÉTICA. Balanço Energético Nacional de 2011. IN: <<http://www.ben.epe.gov.br>>. Acesso em 26 out. 2011

Quanto às expansões do modelo energético nacional, temos que as porcentagens são:

- Petróleo, seus derivados e gás natural estão com 2,5% na expansão do consumo anual.
- carvão e bicomcombustíveis como o etanol, com 3,6% de expansão.
- e o grande forte brasileiro continuará por alguns anos a ser a energia elétrica, com 4,4%;

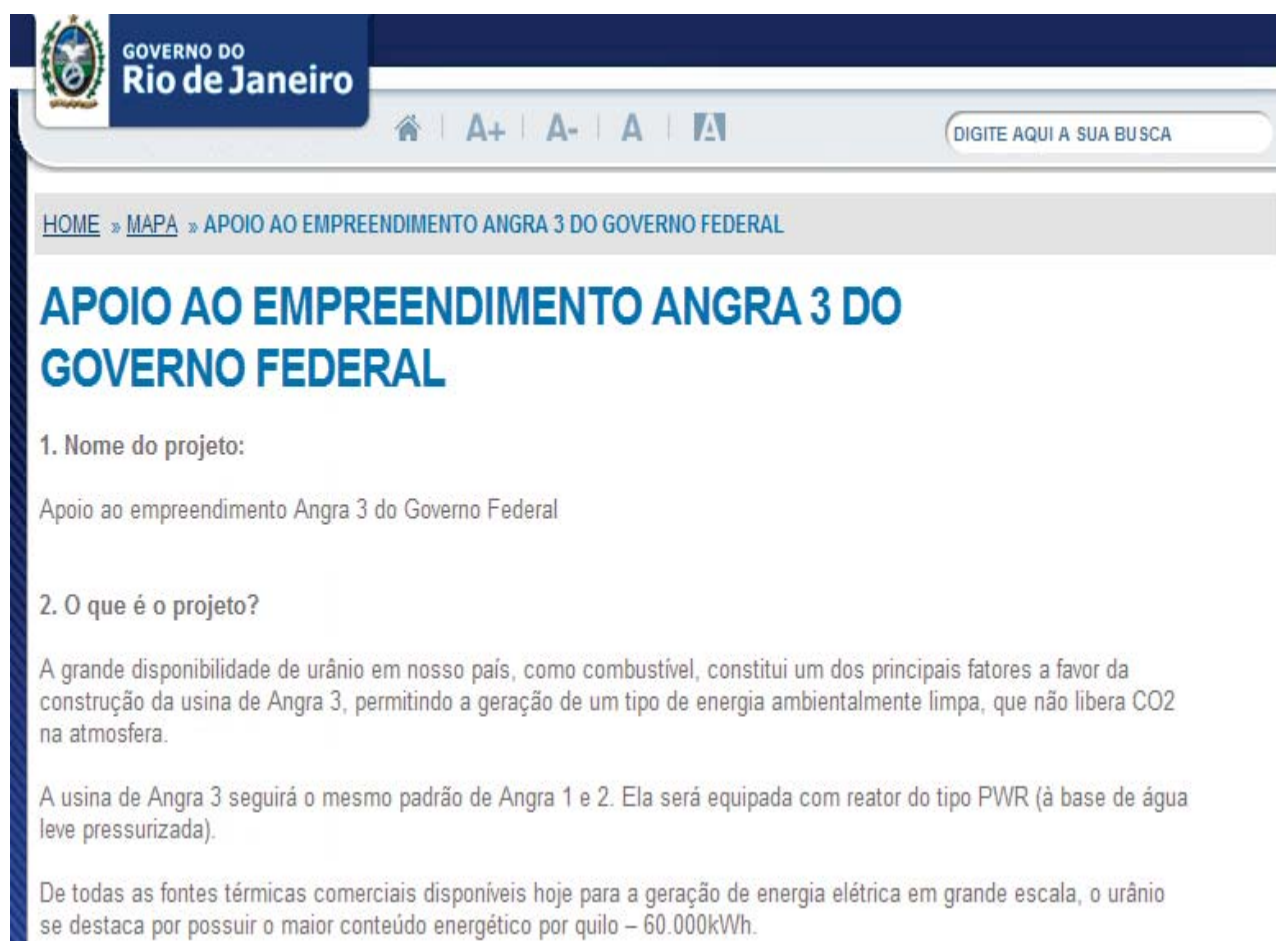
principalmente a hidroelétrica.

Segundo o pesquisador Edmilson Moutinho dos Santos, que é professor do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP, o Brasil deveria investir no modelo hidrelétrico *complementado* pela tecnologia das termoelétricas, ou seja, a utilização do carvão para nosso abastecimento energético.

O professor da USP criticou o governo brasileiro por liberar a construção da usina Angra 3, na cidade de Angra dos Reis. Para ele, não é necessária a utilização da Energia Nuclear no Brasil. Realmente se pensarmos somente um pouco, veremos que é muito arriscado direcionar a política energética do país para a área nuclear. Os riscos envolvidos nessa forma de obtenção de energia são altíssimos e, no caso, brasileiro, haveria outras opções disponíveis antes de se direcionar para o setor nuclear.

Após as catástrofes naturais no nordeste do Japão, o mundo acordou de um sonho mal sonhado. A usina de Fukushima foi atingida pelos efeitos do tsunami, liberando material radioativo na terra e no ar. Atualmente, segundo a Agência Internacional da Energia Atômica (AIEA), a situação dos reatores da usina japonesa está estável e em 20 anos deverá estar “limpa”.

A Alemanha prometeu desligar toda a sua produção de energia nuclear até o ano de 2022. Na minha ingenuidade acreditei que o exemplo alemão serviria para todo o mundo após o acidente no Japão. Hoje no mundo existem 432 reatores atômicos, de acordo com a AIEA. Infelizmente calcula-se que em 30 anos esse número já suba para 600 reatores no planeta. China e Índia não mudaram nada em suas políticas de energia nuclear após a sacudida japonesa. E o Brasil, no meio aos BRICS, foi no embalo e sente-se orgulhoso em desenvolver esse mal, como mostra o site do governo carioca:



The screenshot shows the official website of the Rio de Janeiro State Government. At the top, there is a dark blue header with the state's coat of arms and the text 'GOVERNO DO Rio de Janeiro'. Below this is a navigation bar with icons for home, font size adjustment (A+, A-, A), and a search bar labeled 'DIGITE AQUI A SUA BUSCA'. The main content area has a breadcrumb trail: 'HOME » MAPA » APOIO AO EMPREENDIMENTO ANGRA 3 DO GOVERNO FEDERAL'. The title of the page is 'APOIO AO EMPREENDIMENTO ANGRA 3 DO GOVERNO FEDERAL' in large blue letters. The content is organized into two numbered sections. Section 1, 'Nome do projeto:', lists 'Apoio ao empreendimento Angra 3 do Governo Federal'. Section 2, 'O que é o projeto?', contains three paragraphs explaining the project's significance, the technology used (PWR), and the energy source (uranium).

GOVERNO DO Rio de Janeiro

HOME » MAPA » APOIO AO EMPREENDIMENTO ANGRA 3 DO GOVERNO FEDERAL

APOIO AO EMPREENDIMENTO ANGRA 3 DO GOVERNO FEDERAL

1. Nome do projeto:

Apoio ao empreendimento Angra 3 do Governo Federal

2. O que é o projeto?

A grande disponibilidade de urânio em nosso país, como combustível, constitui um dos principais fatores a favor da construção da usina de Angra 3, permitindo a geração de um tipo de energia ambientalmente limpa, que não libera CO₂ na atmosfera.

A usina de Angra 3 seguirá o mesmo padrão de Angra 1 e 2. Ela será equipada com reator do tipo PWR (à base de água leve pressurizada).

De todas as fontes térmicas comerciais disponíveis hoje para a geração de energia elétrica em grande escala, o urânio se destaca por possuir o maior conteúdo energético por quilo – 60.000kWh.

Fonte: Site do Governo do Rio de Janeiro:

www.rj.gov.br/web/mapa/exibeconteudo?article-id=577825, acessado em 03 out. 2011

Segundo Moutinho dos Santos, o Brasil tem potencial para driblar a necessidade do uso da energia nuclear. Justamente no momento em que foram feitas importantes decisões sobre a construção de Angra 3, o Brasil descobre o pré-sal nas águas do Atlântico. Ou seja, não precisaríamos mais da energia nuclear já que a camada pré-sal é extremamente rica não só em petróleo, mas também em gás. Disse Moutinho, um dos maiores especialistas em energia no Brasil: “com o pré-sal, o Brasil não precisa de energia nuclear”. Ele ainda faz uma afirmação interessante dizendo que a Petrobrás queima o gás que está sendo extraído das camadas, ou seja, simplesmente *joga fora*.

Os setores de cientistas que começaram os planos de energia nuclear no Brasil não existem mais, a maioria já morreu. Moutinho dos Santos fez parte, mas disse que achou melhor sair dos projetos no final dos anos 80, por não ver futuro neste tipo de energia.

O Brasil poderia muito bem ser reconhecido como o país da inovação, como aquele país que

deu a volta por cima e se diferenciou das nações ricas em seu modelo energético renovável e/ou inteligente, mas não, o país continua querendo copiar até as coisas ruins dos países ditos desenvolvidos, como neste caso do uso nuclear.

Mais um motivo que nos mostra que o país deve investir pesado em energias alternativas e renováveis é o impacto das hidrelétricas no meio ambiente. A Usina de Belo Monte no Pará é um grande exemplo. Há mais de 20 anos é uma situação de extrema polêmica, que entretanto passará a ganhar o peso do seu funcionamento já em 2015, o grande ano entre as euforias da Copa do Mundo e das Olimpíadas, que farão o brasileiro esquecer-se de tudo.

O ministro das Minas e Energia, Edson Lobão, disse em maio de 2011 que nenhuma das 11 comunidades indígenas da região sofrerá com alagamentos ou qualquer outro efeito da barragem. Isto vindo de um ministro brasileiro suscita dúvidas pertinentes pois as barragens provocam sim um desequilíbrio ecológico com impacto ambiental. O ministro das Minas e Energia, talvez adotando a visão do poder público, só expõe o lado bom de seus feitos com inúmeros- números de sucesso do que foi realizado. Outras vozes diriam ou apontariam dados e versões não tão otimistas. E em obras gigantescas como Belo Monte, é onde se encontram as melhores oportunidades para mostrar o “Eu fiz!”.³

Um dos vídeos de Lobão defendendo a usina de Belo Monte pode ser encontrado no endereço eletrônico.

O caso das energias renováveis é uma questão decisiva para o caminhar brasileiro ao desenvolvimento sustentável. Para os pesquisadores do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP, Thais Hassan Inatomi e Miguel Morales Udaeta, a busca pela sustentabilidade requer planejamento e inserção de novas fontes que sejam renováveis e que impactem minimamente o meio ambiente.

Conforme é citado em um estudo publicado por esses autores do instituto da USP, “os níveis de suprimento energético e a sua infra-estrutura interagem-se com o desenvolvimento sócio-econômico, e consequentemente impactam o meio ambiente e portanto a sua sustentabilidade. A possibilidade de desenvolvimento sustentável no setor energético é portanto dinâmica (por ser afetada por questões sócio-econômicas, recursos e fontes, e meio ambiente), e implica em respostas das dimensões social, econômica, política e ambiental”.⁴

É um pouco difícil acreditar que nossas águas são recurso renovável, mas são. A energia hidráulica no país corresponde a quase quatro quintos de todo o uso. É uma cifra alta, por mais poderosos que sejamos no quesito *água*, é uma situação que deve ser mudada, não somente para

3 TV NBR. Ministro Edison Lobão explica que hidrelétrica de Belo Monte não vai prejudicar indígenas. IN: www.youtube.com/watch?v=aFrQ5CkxZkg. Acesso em 23 nov. 2011

4 INATOMI, T. A. H. ; UDAETA, M. E. M. Análise dos Impactos Ambientais na Produção de Energia dentro do Planejamento Integrado de Recursos IN: www.espacosustentavel.com/pdf/INATOMI_TAHI_IMPACTOS_AMBIENTAIS.pdf. Acesso em 23 nov. 2011

uma preservação maior da água mas por outras questões ambientais, como vimos acima, a construção de usinas hidrelétricas provocam uma crucial degradação.

Para uma usina hidrelétrica entrar em funcionamento é necessário uma devastação imensa de cerca de 200 hectares, então imagine o que são mais de 200 estádios de futebol de devastações e impactos ambientais no meio da floresta.

Quando instalamos energia eólica é necessário o que? A princípio só um grande espaço muito aberto onde possam ser inseridas as enormes turbinas que parecem grandes ventiladores. Para isso não é necessária uma construção monstruosa na beira dos imensos rios brasileiros. O governo poderia aplicar uma política de uso de áreas já desmatadas para a construção de usinas de energia eólica para aumentar um dos braços de nossa matriz energética que hoje corresponde a menos de 0,50% da energia utilizada pelos brasileiros.

No mundo todo a energia eólica é a que mais cresce (27% ao ano) e cada vez mais a consciência da importância deste tipo de energia renovável aumenta, apesar do alto custo de sua implantação, que compensa se colocarmos na balança o que se economiza com a preservação ambiental.

O Grupo de Estudos do Setor Elétrico na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) publicou um estudo interessante sobre a implementação e os gastos da energia eólica no Brasil. Para eles, um dos maiores problemas da implantação é a falta de uma estrutura de base no país: “Especificamente, o maior custo da energia eólica no Brasil pode ser atribuído aos maiores valores logísticos de implementação dos projetos, como por exemplo à precariedade das estradas nordestinas, região onde se encontra o maior potencial eólico no país; e, ao número restrito de ofertantes nacionais de aerogeradores associado às restrições de importação destes equipamentos. Os custos relacionados à logística do país fogem do escopo analítico deste texto por estarem relacionados a questões estruturais do país e devem ser encarados como uma condição de base”.⁵

Maurício Tolmasquim, presidente da Empresa de Pesquisa Energética do Brasil (EPE) é otimista e nos fala que o Brasil está avançando na energia eólica e que os preços de implantação vem caindo e atraindo mais investidores. Além disso, outra boa notícia é que o país está forte na construção dos equipamentos necessários na produção de energia eólica, ou seja, podemos nos dar bem fornecendo esses produtos para o restante da América Latina, que como temos visto, está melhor (Chile, Argentina), com expressivas taxas de crescimento econômico e captação de investimentos.

Por enquanto a Energia Eólica produzida no Brasil é suficiente para abastecer uma população de somente 400 mil habitantes, entretanto o país espera mais e mais das políticas do

5 Para mais informações, acessar o site do grupo de estudos em: www.nuca.ie.ufrj.br/gesel

Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (Proinfa), que diz que até 2014 o Brasil estará produzindo 7000 *mega watts* em Energia Eólica. Hoje a produção é algo ao redor de 1000 *mega watts*, sendo assim, eu duvido muito que um número alto possa ser atingido em tão pouco tempo.

Interessante saber que existe uma base internacional estipulada de incentivos às energias renováveis. Essa “lista” foi feita pela KPMG, uma empresa multinacional que presta consultorias em diversas áreas, incluindo a produção de energia nos mais de 150 países onde está presente. Em relação à produção energética renovável existem dez itens que deveriam ser seguidos para o sucesso nos incentivos ao uso dessas energias, mas destes dez itens o Brasil segue somente três: isenção fiscal, financiamentos subsidiados e os leilões públicos.

Entretanto há uma disparidade interessante porque mesmo o país recebendo poucos incentivos, hoje somos um dos mais respeitados na produção renovável de energia. Hoje fazemos parte de grupos que mais põem em prática este bem de produzir sem desperdício em ciclo, com renovação energética. Creio que é bom saber que apesar do nosso atrasado em vários pontos, estamos juntos com Estados Unidos, China, Rússia, Alemanha, Suécia, Itália e Espanha e na frente de outros como Reino Unido e França.

Entrevistei o produtor John Carter, presidente da Aliança do Brasil, a ONG do Mato Grosso que busca caminhos para produzir sustentavelmente.⁶

Em minha conversa pelo Skype com o americano naturalizado brasileiro desde 1992, ele me disse muito contente que o país está melhorando sua produção e está servindo de exemplo para o mundo todo. Não pude ver a cara de John mas tenho certeza que ele sorria em dizer “eu acredito que em pouco tempo Brasil vai ser o maior exemplo de como preservar o meio ambiente e aumentar a produção, seja de alimentos, seja de energia limpa”.

Gosto muito de comparar nosso país com outros, assim podemos ver erros, acertos, assemelhar as histórias e os diferentes desenvolvimentos

Em relação ao desenvolvimento sustentável, perguntei ao John se ele acha que o Brasil está na frente quando comparamos com outras nações, por exemplo, seu país de origem, os Estados Unidos. John foi um tanto cômico. “Eu vejo isso com outros olhos. Eu acho que Brasil não está na frente porque está fazendo muita coisa, mas Brasil está na frente porque ainda tem muita mata *em pé hahah*”. Ele continuou dizendo que temos muita mata em pé não porque o Brasil fez alguma coisa diferente mas porque ainda estamos no processo de desbravamento de fronteiras. “Vocês precisam aproveitar isso para explorar mercados, produzindo com um modelo econômico que compense manter essa 'coisa verde' em pé, como pagamento por serviços ambientais, ou a questão

6 O site da ONG Aliança da Terra é www.aliancadaterra.org.br

do carbono, enfim, algum mecanismo que compense o dono de terra a fazer a coisa certa. Os Estados Unidos desbravou o país inteiro, erro atrás de erro, virou uma potência econômica mas hoje começou a corrigir os erros do passado, como a proteção do solo contra a erosão, reflorestando a mata ciliar. O Brasil também está fazendo isso, com a diferença de que ainda tem muita mata em pé, com a oportunidade de não cometer o mesmo erro que *a gente*”.

John Carter finalizou esta parte com um ponto importante: o econômico. Ele afirmou que não adianta o Brasil fazer isso sem uma razão econômica para continuar deixando tudo “em pé”, como ele denomina a mata que ainda está viva. Segundo ele, precisamos de um incentivo, senão não adianta continuar copiando receita que o mundo todo está fazendo sobre preservação.

John disse que o Brasil possui um Código Florestal único de desenvolvimento econômico sustentável que ninguém no mundo todo possui. Entretanto afirmou que essa Lei não começa a funcionar. Se ela funcionasse, o Brasil teria uma autoridade moral e um respaldo formidáveis perante todo o mundo. “Não há a aplicação correta”.

Apesar desses vacilos, John é confiante e afirma “Eu tenho certeza que em 100 anos todas as crianças do mundo vão estudar o Brasil como modelo de Economia Sustentável”.

Perguntei também sobre a “Revolução Verde”. Thomas Friedman, um jornalista do New York Times acusa os Estados Unidos por sua suja história imperialista no mundo. John é bastante nacionalista na resposta:

É difícil falar nisso. Na verdade ninguém tem a resposta nesse planeta. Ninguém pode falar que estragamos tudo, ninguém pode falar que preservamos tudo, ninguém não tem nem o direito de ficar falando isso porque ninguém sabe se as mudanças climáticas que estão acontecendo é por causa disso ou daquilo. Ninguém tem uma certeza absoluta disso.

John Carter, produtor rural e presidente da ONG Aliança da Terra

Realmente é algo intrigante. O que mais me deixa furioso é saber que não existe um consenso normal do que está ocorrendo no planeta Terra. O documentário *A Grande Farsa do Aquecimento Global*, de 2007 ⁷ me fez pensar um pouco mais e não aceitar tudo que o Al Gore disse em *Uma Verdade Inconveniente*, de 2006 ⁸

Há uma “rixa” entre grupos de cientistas que dizem que o que está aumentando a

7 CHANNEL 4. *A Grande Farsa do Aquecimento Global*. IN: <<http://www.vimeo.com/1763687>> . Acesso em: 11 nov. 2011

8 GORE, Al. *Uma Verdade Inconveniente*. IN: <<http://www.vimeo.com/13112238>> . Acesso em: 11 nov. 2011.

temperatura da Terra é a poluição; existem pesquisadores que desmentem isso afirmando que a temperatura média do planeta aumenta naturalmente com o passar do tempo.

Considerando essas meias verdades presentes na Ciência, John continua seu raciocínio contando que o que certamente está ocorrendo é um aumento da população mundial, considerando que é necessário uma elevação da produção de alimentos. Neste ponto da entrevista era exatamente o que eu mais queria discutir com ele: *como o Brasil está inserido nesta tarefa de aumentar sua produção alimentícia para abastecer boa parte do mundo, já que temos os melhores solos, o melhor clima.*

Antes que eu fizesse essa pergunta ele continuou falando do seu país. Disse que os Estados Unidos tem um potencial em resolver grandes problemas. Me falou que se olharmos para os últimos 130 anos o país sempre foi líder de importantes descobertas de energia, de transportes, do carro, vacinas, computadores, tudo isso devido à uma tradição na destinação de investimentos à Ciência & Tecnologia.

O Brasil tem muita mata intocável, como disse o fazendeiro John, e os Estados Unidos só possuem 1% do que é nativo, então é preciso uma união para encontrar soluções. John Carter também cita o caso da Rússia, que é parecida com o Brasil, afirmando que lá existem uma grandiosidade de florestas nativas de pinos.

John retorna dizendo que a resposta ainda é muito difícil de ser encontrada, e que, ao mesmo tempo que não podemos barrar o crescimento do Brasil como emergente, não podemos esperar na tecnologia, respostas para tudo. Logo assim, apesar de John não dizer, eu não lembrei da nossa política. Claro que tecnologia não resolve tudo. A tecnologia sem políticas corretas, nada pode fazer para salvar o planeta. John é um criador e vive na Fazenda Esperança, no Mato Grosso, no meio da região do Xingú. “Para quem está aqui no chão, aqui no *meio*, quem conhece a verdade, a pressão econômica em cima dos recursos naturais, a tecnologia vem tarde e até ela chegar para resolver os problemas, a Amazônia já está no chão”.

Voltando à questão da Produção Alimentícia, um dos pontos chave do Crescimento Sustentável no Brasil, John diz que para os americanos, uma parte do significado de produzir sustentavelmente os alimentos é você utilizar uma terra que já foi destinada a outras culturas, ou até para pastagens e além disso, produzir a maior quantidade de alimentos pelo número de hectares com pouca utilização de adubos.

No Brasil os conceitos são diferentes, segundo o nosso fazendeiro, aqui o que discutem sobre sustentabilidade é o segredo de como produzir para abastecer a demanda, sem a prejudicar o meio ambiente, seja o solo, as águas, o verde nativo, etc.

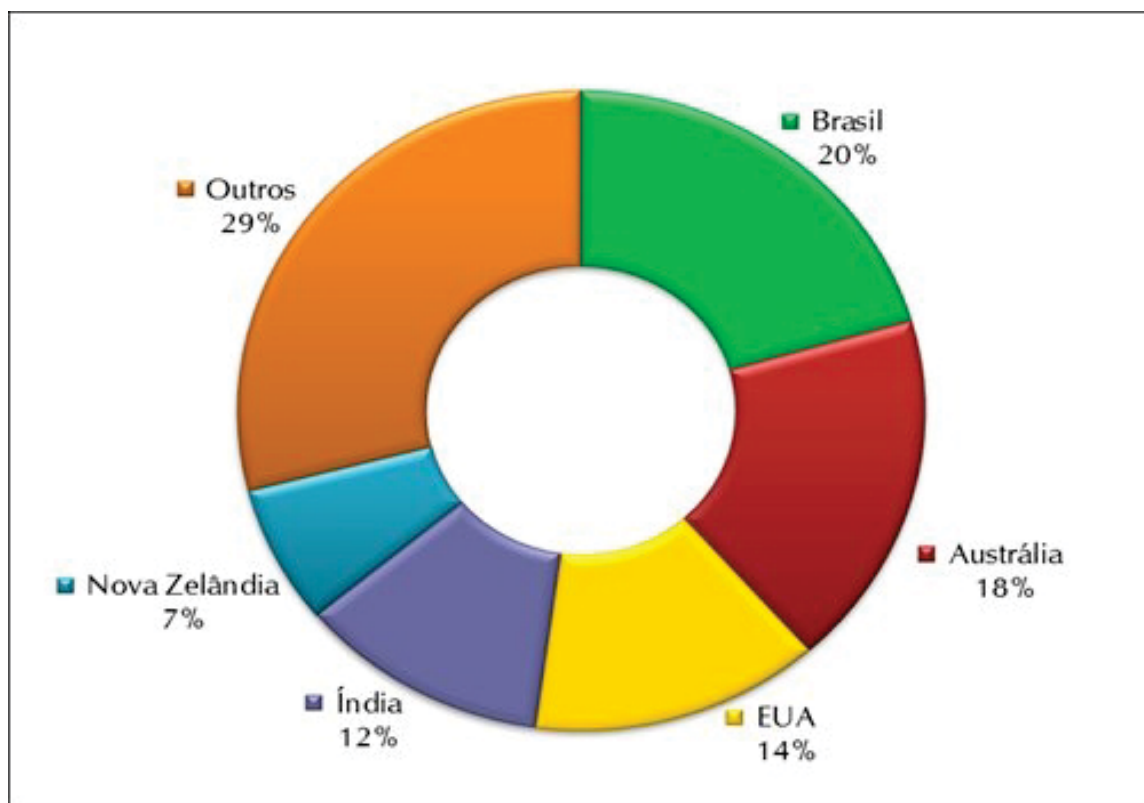
Não estamos errando, mas o conceito é longo!

Como disse John, nos Estados Unidos só restaram 1% da biodiversidade nativa, então lá já nem adianta mais ter esse sentimento tão forte de preservação, pois a mata destinada à agricultura já está toda aberta. Não existem novas fronteiras agrícolas. O Brasil, por outro lado ainda possui, por sorte, uma vasta área intocável até pelas malignas mãos dos homens. Então aqui ainda é necessária uma briga maior por proteger o nativo e preservar o restante do meio ambiente, seja com políticas de redução de poluição, proteção de áreas, aumento da reciclagem ou fontes renováveis de energia. Bom, o melhor é ter todas essas maneiras em nossas mãos.

“Em pouco tempo Brasil vai ultrapassar Estados Unidos na produção de carne. Cada dia que passa, Brasil está sendo mais eficiente e mais intensificado na agricultura e pecuária e ao mesmo tempo que está abrindo áreas, está intensificando a agricultura nas regiões que já foram abertas no passado, como em Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Mato Grosso do Sul”.

Pelo gráfico abaixo, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), fomos mais potentes que os próprios norte-americanos quanto às exportações de carnes no ano de 2010:

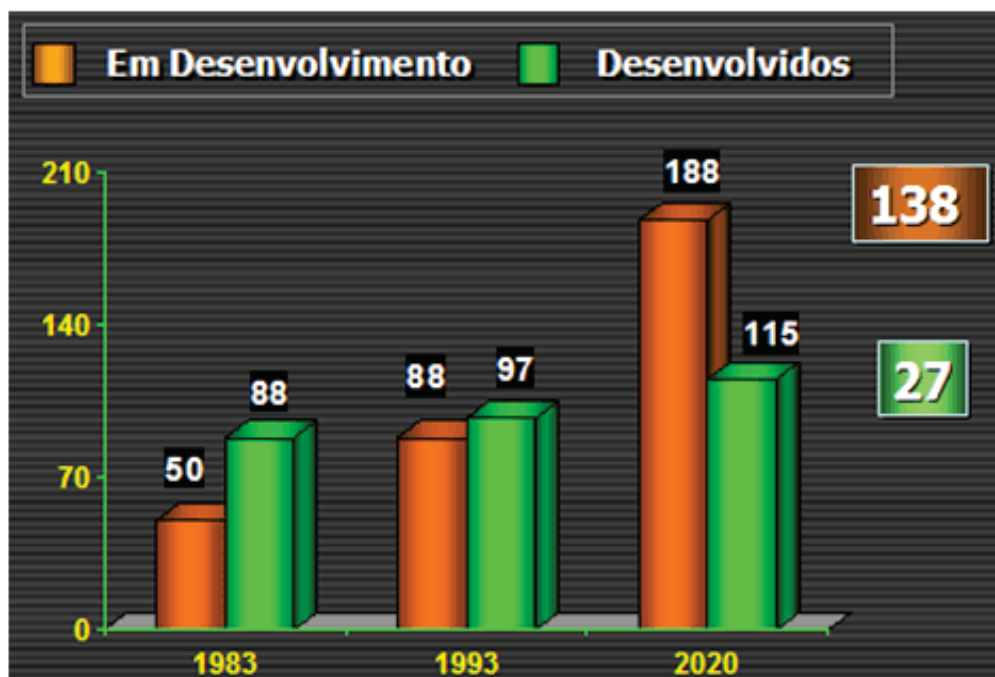
Exportação de Carnes – 2010



Fonte: USDA / Scott Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

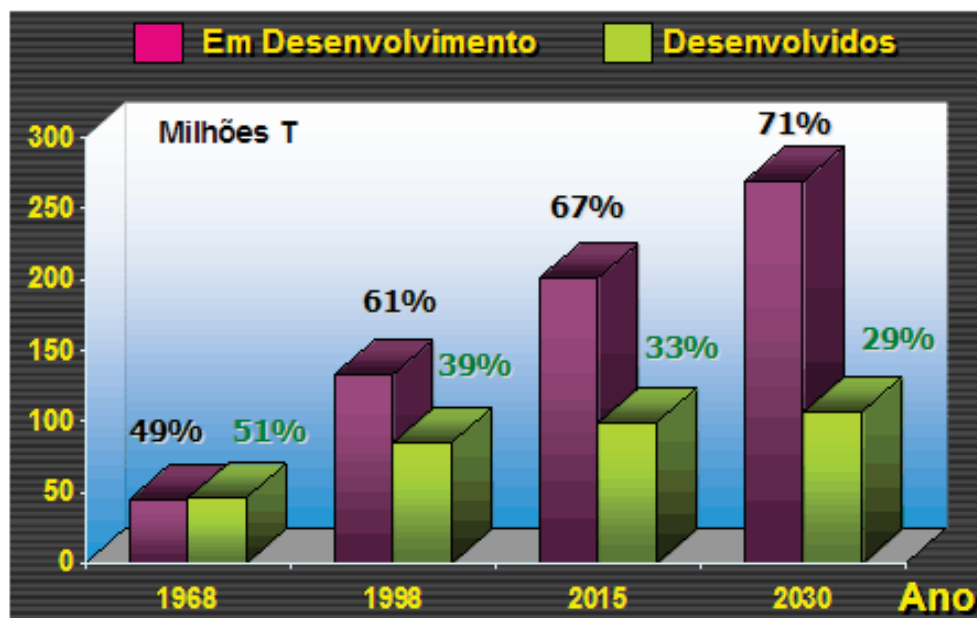
Nos últimos anos vem ocorrendo uma inversão grande entre o mundo rico e o mundo em desenvolvimento quanto ao consumo e a produção de carnes.

Consumo⁹



Fonte: Delgado et al, 1999. – Elaboração: L. Roppa, 2006.

Produção



Fonte: Luciano Roppa, 2006 – baseado na FAO/OCDE Statdata.

9 ROPPA, Luciano. Brasil: o consumo de carnes passado a limpo. IN: http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:icVHwuBknWoJ:www.carneangus.org.br/artigo/download/%3FID_ARTIGO%3D27+Luciano+roppa+2006&hl=es&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESgEVkWhrFDeiguxgGFXAnjZlPD9qszwTnFzLWldMpg3RjjIo_Pfg8C1NXliKYunFNGsYphbNKygWRxFDBJXu5cwpXCMZxTpYrWOnBrC2hw36Qd2XPEf rH4bnm0_arvW9mJT-TIY&sig=AHIEtbTlZOsVqCBlTqFeinVEA_O9kwzT-Q. Acesso em 29 out. 2011

Somos um país também conhecido por aproveitar mal o que possui, além da celebridade que gasta muito mal o dinheiro público. Frente a isso, também somos um país que ainda está num longo processo de utilizar melhor as suas terras destinadas à agricultura. Segundo o Senhor Carter me confirmou, o Brasil pode produzir 3 vezes mais do que produz, sem expandir a sua atual fronteira agrícola.

Ao dizer isso eu fiquei pensando “Só se criarmos estufas de quatro ou cinco andares em cima das plantações”, mas não é necessário não. É só dar uma volta aqui mesmo na região de Bauru e ver que a terra é má utilizada. É uma mistura, uma verdadeira bagunça de colheitas e plantações, misturada à pasto, mais a junção do *nada*. A forma norte-americana de dividir o país por *belts* é para nós um exemplo que causa inveja. Parece ser estranho que cada “cinturão” seja destinado a um tipo de produção, entretanto até hoje isso dá certo nos balanceios do mundo e não vi ninguém reclamar.

Quando fazia minhas viagens de ônibus e trem pelas planícies espanholas, era fácil perceber que bem aproveitado era o território, ainda que a agricultura espanhola seja pobre em quantidade ao compararmos com a tupiniquim. Na Espanha os campos eram preenchidos ou por uma bela cultura, ou por bugigangas energéticas como painéis solares ou cata-ventos eólicos. Onde não tinha nada era deserto, sem destinação alguma.

O conceituado economista brasileiro Stephen Kanitz afirmou em um de seus textos, que nos Estados Unidos e na Europa, 98% a 99% das florestas foram destruídas. Em contrapartida, 86% da mata amazônica luta por continuar “em pé”. Stephen Kanitz complementa citando uma cena do filme *A Bruxa de Blair* na qual dois personagens estão perdidos em uma floresta e um diz para o outro “Não seja idiota, nós destruimos todas as nossas florestas temperadas. É só andarmos meia hora em linha reta que logo sairemos daqui”.

Kanitz fala que se alguém se perder na Floresta Amazônica, poderá ter de andar por noventa dias até achar uma saída, tal o nível de preservação de nossa Amazônia, comparada com as demais florestas.¹⁰

Simplesmente olhando as fotos de satélite pelo Google Earth, é fácil ver que a península ibérica, por exemplo, não possui aquelas camadas verdes-azuis escuro, que significam florestas e grandes rios, como vemos no Brasil. A preservação lá ficou por conta das cidades mesmo. Eu acho difícil encontrar uma cidade brasileira que possui um rio que não tenha má odor. Já nas cidades europeias uma das melhores coisas que há para fazer é andar de bicicleta nas ciclovias dos parques à beira dos grandes rios. Não é charme não, é *desenvolvimento*. Já no Brasil você encontra a rodoviária de uma cidade caminhando pelo canal do rio, com muito cuidado para não ser atropelado

¹⁰ KANITZ, Stephen. Salvem as florestas temperadas! IN: <<http://www.kanitz.com.br/veja/florestas.asp>>. Acesso em 24 nov. 2011

na “marginal”.

Temos que aproveitar o que Deus (ou o que cada um acredita) nos deu: uma biodiversidade com a melhor terra do mundo e o *melhor* clima do mundo para a produção agropecuária.

Devemos estar preparados como potência emergente em produção de alimentos. Nunca na humanidade os aumentos foram tão grandes em tão pouco tempo. Em um intervalo de 30 anos a quantidade do consumo é multiplicada por dois! A população mundial cresce assustadoramente. Em 2050, se continuar esses níveis, passaremos das atuais 7 bilhões para 10 bilhões de bocas para serem alimentadas.

John reclama que as leis precisam ser melhores seguidas e que as áreas destinadas à produção precisam ser melhores delineadas. Segundo ele, vai ter gente que vai *chiar* do nosso modelo de produção, no entanto vamos ter que lembrar eles de que o Brasil vem preservando o que ninguém no mundo conseguiu preservar e produzir. O mundo e o clima vão exigir isso e será preciso punir quem desobedecer.

“Brasil vai ser o líder. Em 2050 se de verdade existirem grandes mudanças climáticas, os Estados Unidos não vão conseguir aumentar a sua produtividade alimentícia e o Brasil, com esse modelo de expandir as fronteiras agricultáveis e melhorar as já existentes, será o maior produtor mundial daquilo que tão importante é – os alimentos. Temos a melhor terra do mundo, aqui *é o lugar!*”.

Há gente que diga que há pessoas que até já estão a comprar cotas de água no mundo, com medo deste bem sumir e/ou entrar em racionamento. Mas uma coisa é certa: os gringos estão invadindo o país em busca de terras para garantir o seu mercado agropecuário. Eu não sabia disso, foi o John que me contou que o Governo Federal agora limita uma cota de 5000 hectares por cabeça de gringo. “Você precisa ver a *tela de radar!* O volume de capital querendo entrar no Brasil não só para a agricultura mas também para a *cadeia produtiva*. Os investidores querem Brasil!”.

Além disso, toda boa pessoa que lida com mercados/agronegócios precisa entender o que é o Brasil no BRICs. As melhores terras, não só do bloco emergente, mas do mundo estão no Brasil. Aqui é onde a agricultura mais cresce. Segundo dados da Organização Mundial do Comércio, somente os EUA e a Europa exportam mais alimentos que o Brasil. Somos os maiores exportadores de carnes bovina e de frango. A triada bovina-suína-frango brasileira já representa 38% do mercado mundial. Não há como negar que nos próximos 10 anos a pressão sobre a produção brasileira será nesses setores alimentícios. Precisamos dar conta do recado, sem deixar de abastecer o mercado interno, logicamente.

A responsabilidade é grande!

Terminando a conversa com meu amigo John, o que me deixou contente foi um

estadunidense finalizar uma entrevista dizendo que o que o Estados Unidos demoraram 30 anos para desenvolver em termos de produção sustentável, o Brasil agora o faz em apenas uma década.

O desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades

- Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas

A grande pergunta que devemos continuar a debater é: O Brasil é um país sustentável?!

Temos um senso comum de que Desenvolvimento Sustentável é produzir sem agredir a natureza, mas a ONU nos dá um conceito que vai mais além, dizendo que sustentabilidade é manter um ciclo no ambiente para que gerações futuras possam sobreviver no planeta. O presidente da Aliança do Brasil nos ajudou a entender melhor este conceito, além de ilustrar melhor para refletirmos se o Brasil é sustentável.

Aqui tudo indica que estamos caminhando para ser um país exemplo de sustentabilidade, mas como sempre existem “forças” que impedem que o país alavanque de vez no seu desenvolvimento, tanto o social, quanto o econômico e claro, o sustentável.

É de *dar medo* a temática do aquecimento global, da destruição amazônica. Nos assustam mais ainda as notícias de tsunamis, como a que ocorreu mais recentemente, em março de 2011, no nordeste do Japão.

Quanto a isso, somos um país *abençoado*. Não temos vulcões, não temos terremotos e muitos menos tsunamis. Estes são argumentos que alegrariam a nossa situação nos fazendo pensar “Sim, sim, temos tudo para crescer economicamente e sustentavelmente!”

Que bom seria se essas informações concretas fechasse o capítulo por aqui...

Já parou para pensar que tudo o que ocorre de mal no Brasil, ocorre como resultados da má intervenção humana no meio ambiente?

Por que em todos os verões, comunidades inteiras no litoral fluminense sofre com as chuvas, perdendo casas e famílias?

Por que vemos notícias de que bairros inteiros desmoronam assim, sem mais nem menos, nas cidades brasileiras?

Por que bueiros explodem na Cidade Maravilhosa?

Por que o Brasil é um dos países campeões em acidentes de trânsito?

Por que aviões têm dificuldades de decolar e aterrissar do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo?

– *Ora, pois, a natureza se vinga do homem.*

– *Isso mesmo, Deus castiga!*

Nada disso, a natureza, como diz o nome, é natural. Ela não castiga ninguém, ela age por si só. O que acontece, obviamente é que o homem (brasileiro, principalmente) coloca seu dedo de forma errada sobre ela e quando acontece alguma coisa, ela pode ter efeitos anormais resultando em destruições.

Todo verão, em várias cidades litorâneas ou montanhosas, não é a chuva que as castiga, como muitos jornalistas erram em escrever. É o homem que constrói civilizações em locais onde não se deve construir. O poder público é tão culpado quanto já que não cumpre com seu papel de instrutor do cidadão, impedindo-o de morar em qualquer lugar.

Os bairros desmoronam porque ninguém viu que ali era uma área de risco para a construção de moradias. Aconteceu isso em minha cidade, Monte Alto, em janeiro de 2007 um bairro inteiro desabou, e, aí sim, por Deus não houve mortes.

Os bueiros cariocas explodem porque a empresa de distribuição de energia Light deixou gases explosivos vazarem no sistema e além disso, foram encontrados erros na construção dos bueiros, não criando uma infra-estrutura subterrânea resistente para uma metrópole como o Rio. Aqui poderíamos puxar um gancho para o problema da urbanização desordenada do Brasil, mas vamos deixar mais adiante!

Com os acidentes nas rodovias é a mesma questão. Em 2007, dados do Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) apontaram que 183 brasileiros morriam por dia no trânsito. O que é isso? Uma guerra que ninguém ficou sabendo?! Não é a chuva que ocasiona os estragos na estrada, mas claro, a falta de qualidade com que as empreiteiras constroem as rodovias, sem a devida espessura necessária para evitar buracos. Ou então, o poder público não conserta os estragos. Além do mais, é muito fácil superfaturar obras. Quando uma rodovia é boa, pode ter certeza que é porque ali não houve corrupção.¹¹

Quando o aeroporto de Congonhas foi construído, não havia edifícios grandes ao seu redor. Nas últimas décadas os paulistanos construíram prédios quase *dentro* do aeroporto, dificultando as decolagens e os pousos. O acidente da TAM, também em 2007 provou ao Brasil porque muitas desgraças acontecem sem intervenção da natureza, mas pela ganância do homem, bagunçando a urbanização e a ocupação do *seu* espaço.

11 DEPARTAMENTO NACIONAL DE TRÂNSITO. Mapeamento das Mortes por Acidentes de Trânsito no Brasil. IN: <<http://www.portal.cnm.org.br/sites/9000/9070/Estudos/Transito/EstudoTransito-versaoconcurso.pdf>> Acesso em 01 nov. 2011

Nos EUA os furacões do Golfo do México causam uma terrível destruição. Depois de alguns meses, tudo volta ao normal. No Japão acontece o mesmo. Os países desenvolvidos reconstróem o país em um tempo extremamente curto, além de saberem, por tecnologia, quando o desastre vai ocorrer. No Brasil se existe um viaduto prestes a desmoronar, primeiro eles analisam, depois votam, depois abrem processo de licitação, depois enrolam mais um ano, depois..., depois...

Em relação ao aquecimento global, já se sabe que quem vai pagar o preço com a falta de estrutura são os países pobres. O jornalista de Economia do New York Time, Thomas Friedman prova isso no seu livro *Quente, Plano e Lotado*, falando que o principal problema dos países mais pobres é a carência por energia.

A Energia é, no mínimo, a força básica para a realização de qualquer trabalho humano

- Thomas Friedman – trecho de *Quente, Plano e Lotado*

Outro fator que mostra a falta de Sustentabilidade no Brasil é a falta de energia elétrica que também atinge nosso território. Infelizmente não é algo para se pensar somente nos lugares mais pobres do mundo. Estima-se que no Brasil, entre 10 e 15% da população não possui acesso à eletricidade. Isso são 5 milhões de domicílios. São mais de 20 milhões de habitantes. Os que se encontram em pobreza extrema são 16 milhões, então, não são é quem está abaixo da linha de pobreza que sofre com a escassez de água e luz.

A energia elétrica se torna indispensável no mundo hoje. Não só como forma de proteção e sobrevivência, seja essa proteção contra a violência, ou seja, a sobrevivência ao *quente* aquecimento global e ao *quente* crescimento global.

A falta de energia impede que as pessoas utilizem a internet, o celular e também a indústria. A falta de energia impossibilita um hospital de funcionar em uma região próxima à áreas rurais ou reservas indígenas. A falta de energia impede que uma escola possa fluir normalmente, mesmo que ela tenha dois ou mais professores por sala.

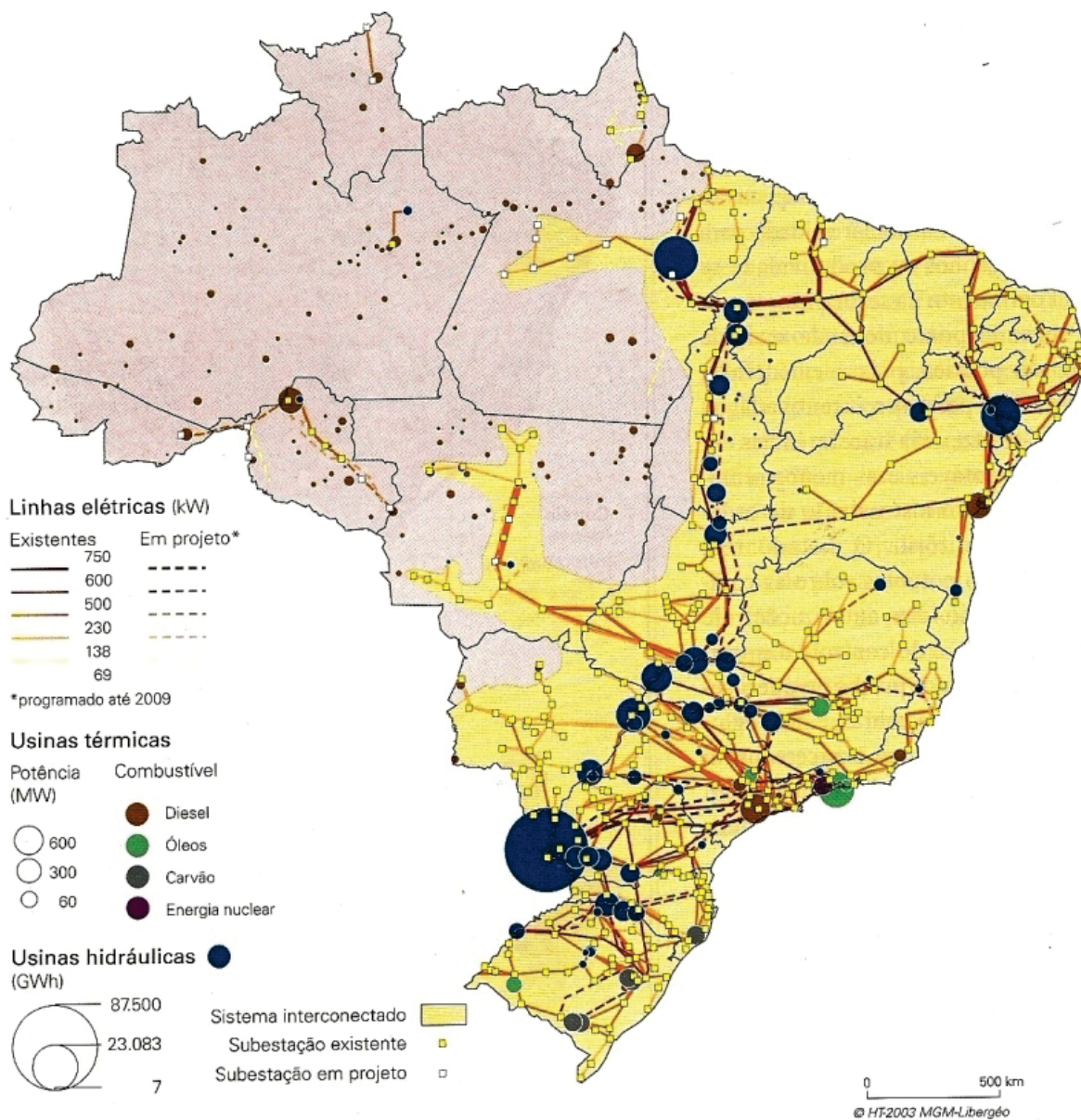
População x produção x consumo de Energia Elétrica

Regiões do Brasil	População (%)	Produção de Energia (%)	Consumo aprox. (%)
Sudeste	42,1	36,7	36
Nordeste	27,8	11,9	21
Sul	14,4	27,6	25
Norte	8,3	12,4	7
Centro-Oeste	7,4	11,4	11

Fonte: Balanço Energético Nacional de 2011 da EPE - Empresa de Pesquisa Energética (elaborado por Heraldo Soares)

A diferença entre o poderio do Sudeste em produzir e consumir energia é oposto ao que ocorre no Nordeste: população elevada, baixa produção de energia e consumo mediano. A região sempre foi castigada pela corrupção coronelista de tantos “sarneys” e “magalhães”. Ainda por cima, durante anos o Nordeste sofreu incessavelmente com o fato da população crescer mais que as economias locais, dá-se assim a um processo de déficit regional. Lembram quando a mídia caía em cima da bagunça que era as disparidades regionais no Brasil. De haver vários *Brasis* num só? Pois é, hoje ainda lidamos com isso. A tabela acima e o mapa abaixo ilustram esta verdade.

Disposição das usinas de energia no país - elétricas, hidráulicas e termoeletricas



Fonte: ANEEL, *Atlas da Energia Elétrica* – INGE0, Consórcio Brasileira

O mapa fala por si só. O correto seria a produção de energia acompanhar o povoamento do Brasil, mas como vemos, o eixo sudeste-sul é quase a totalidade dos grandes centros produtores. As demais regiões possuem pequenos focos de produção. O Nordeste é a segunda região em quantidade populacional mas está muito atrasada e nem ao menos possui grande aproveitamento do São Francisco, o maior rio da região, que até hoje não conseguiu ter suas obras de transposição finalizadas por conta de problemas de licitação e falhas no PAC. O *Velho Chico* é o rio capaz de abranger mais cidades. São 128. Com a transposição o rio passará a beneficiar 215 cidades da região mais afetada pela seca e pela corrupção no Brasil, segundo matéria publicada no jornal O Estado de S. Paulo do dia 21 de março de 2011.¹²

A região Nordeste deve aproveitar mais o seu potencial de energias renováveis principalmente a eólica, pelo simples motivo da carência que passam no que diz respeito às terras semi-áridas. A região Norte tem grande potencialidade para a geração de energia proveniente dos rios, que são largos e extensos, entretanto entram as questões ambientais, como a de Belo Monte. Contudo, é necessária uma reflexão melhor de qual é o modelo que a região deve seguir para se desenvolver sustentavelmente, ainda mais lá, o berço da biodiversidade mundial.

O Centro-Oeste está em grande expansão. Mais agrícola do que industrial. Lá há uma necessidade de expansão energética e sendo assim, a demanda por crescimento poderá ser maior do que a capacidade de lidar com esse crescimento e *muito maior* do que a força dos investimentos. Quanto à preservação, os estrangeiros reconhecem nossa vontade de proteção. Em agosto de 2010 a renomada revista britânica *The Economist* citou: (acesso à reportagem em português

labexkorea.files.wordpress.com/2010/09/the-economist-como-alimentar-o-mundo.pdf) "O

Brasil é acusado de promover a agricultura arruinando a Floresta Amazônica. É verdade que há o cultivo destrutivo, mas a maior parte da revolução nos últimos 40 anos tem se localizado no cerrado, a centenas de quilômetros de distância. Norman Borlaug, muitas vezes chamado de pai da Revolução Verde, disse que a melhor maneira de conservar os ecossistemas ameaçados do mundo seria produzir alimentos suficientes em outro lugar de forma que ninguém precisasse tocar as maravilhas naturais. O Brasil mostra que isso pode ser feito". Isso tudo chamamos de expansão de fronteiras. Podemos dizer que isso é um fruto do bom Crescimento Econômico Brasileiro.¹³

Ser eco-eficiente é uma das chaves para o sucesso das grandes corporações neste novo

12 SALOMON, Marta. Com transposição, São Francisco pode atender 215 cidades. IN: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso.com-transposicao-sao-francisco-pode-atender-215-cidades,694866,0.htm>. Acesso em: 21 nov. 2011

13 THE ECONOMIST. Como alimentar o mundo: O senso comum emergente sobre a agricultura mundial é desolador. Há uma alternativa.. IN: <<http://www.labexkorea.files.wordpress.com/2010/09/the-economist-como-alimentar-o-mundo.pdf>>. Acesso em: 21 nov 2011

milênio. Vejo muitos exemplos no programa *Cidades e Soluções*, do canal Globo News, apresentado pelo jornalista ambiental André Trigueiro, também professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). Em uma das edições de novembro, o *Cidades* provou através das práticas empresariais, que ser sustentável é alcançar *credibilidade*. Não adiantam o marketing barato que muitas indústrias expõem, pois várias delas voltam a poluir o rio quando as assessorias mudam de pauta. Fiquei espantado com o caso da Johnson & Johnson brasileira que tem em seu quadro de especialistas um Diretor de Operações Sustentáveis que ajuda a planejar atividades dentro da empresa no Vale do Paraíba, levando a reaproveitar as matérias-primas, como o próprio caso da água e até os uniformes mais antigos usados pelos funcionários.¹⁴

Este e muitos outros exemplos são as causas que nos fazem acreditar que uma parte do Brasil está voltada ao desenvolvimentismo. E não o mesmo desenvolvimentismo que os países ricos alcançaram há muito tempo, mas um crescimento especial, talvez distinto, o qual chamamos de *sustentável*

Acredito que o país esteja passando por uma grande transição. Não só estrutural, mas de consciência, de eliminação de preconceitos e rumos mais concretos. A senadora Kátia Abreu, que também é presidente da Confederação de Agricultura e Pecuária é uma das críticas ao esquerdismo agrário. Segundo ela, “os saudosistas de esquerda destroem pés de laranja e invadem órgãos de pesquisa porque o latifúndio improdutivo não existe mais”. O mundo percebeu há muito tempo que a esquerda não tem mais forças para pregar a sua verdadeira essência. Quando conheci o Mato Grosso do Sul indo para Campo Grande me matricular na universidade de Jornalismo, só vi várias concentrações de sem-terras na beira das rodovia. Era difícil de acreditar, mas estavam lá tranquilamente com suas grandes camionetes, quiçá até importadas.

Temos um ex-presidente que foi a maior prova de que o neoliberalismo engloba tudo. Não quero afirmar que o mundo tem que ser dos ricos, não é isso. Mas quero dizer que é necessário dar valor ao empregado. Se incentivarmos o proprietário de terra a produzir sustentavelmente e se fornecermos oportunidades de educação ao trabalhador para se inserir neste novo mundo sustentável, não há o que dar errado. É simples, não precisamos pensar em esquerda e direita.

Vamos pensar em globalização!

Anos atrás o Brasil precisava importar alimentos. No século XXI estamos a caminho de ser os maiores produtores alimentícios do mundo, sendo que 70% de nossa produção fica no país e satisfaz toda a população. Só que ainda não há a distribuição correta destes 70% pois todavia

¹⁴ O programa citado pode ser assistido em <<http://www.g1.globo.com/globo-news/noticia/2011/11/reduzir-o-desperdicio-na-industria-traz-beneficios-economicos-sociais-e-ambientais.html>>

carregamos a pobreza do subdesenvolvimento incrustado, que por sinal “desafia nosso peito à própria morte”.

Eu disse que precisamos nos espelhar no sucesso de nações que nas outras décadas cresceram vertiginosamente, *entretanto* é importante saber que estamos em um outro mundo. Como cansei de dizer aqui, os emergentes estão mudando aos poucos o eixo mundial. O Brasil vai ser um país único, como disse John Carter. Precisamos ver e planejar como se dará essa diferenciação. A produção de alimentos com um desenvolvimento sustentável é uma boa marca na qual temos grande potencial. Como citou a *The Economist*, somos um “gigante agrícola”

A Organização das Nações Unidas não para de alertar sobre os impasses mundiais e a importância da sustentabilidade neste novo milênio. A desertificação no mundo e a deterioração dos solos estão se intensificando na maior parte do mundo. Nestas próximas décadas os alimentos podem ficar de 30% a 50% mais caros!

A ONU ainda afirma que a condução natural do meio ambiente como está hoje levará à queda do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em 8%. Pode não ser o caso do Brasil, pois nossa pobreza está diminuindo, assim como afirmam o Índice de Desigualdades “Gini” e outras tantas estatísticas. Um caminhar cheio de desastres naturais sem a preparação do homem é um tanto mais drástica e equivale a uma queda de 15% do IDH mundial. Se um africano do Zimbabué vive até os 40 anos em média, significa que em 2030 a maioria dos zimbabuanos morra com 34 anos.

O demógrafo holandês Ralph Hakkert, do Fundo de Populações da ONU é otimista e estima que em 2050 a população vai estar em um nível de “segurada” muito maior, principalmente a África, que segundo ele, é a mais animadinha para ter filhos. Para Ralph, que tem uma mulher e um filho vivendo em Brasília, a urbanização e a aproximação das mulheres no mercado de trabalho irão estimulá-las a ter menos filhos.

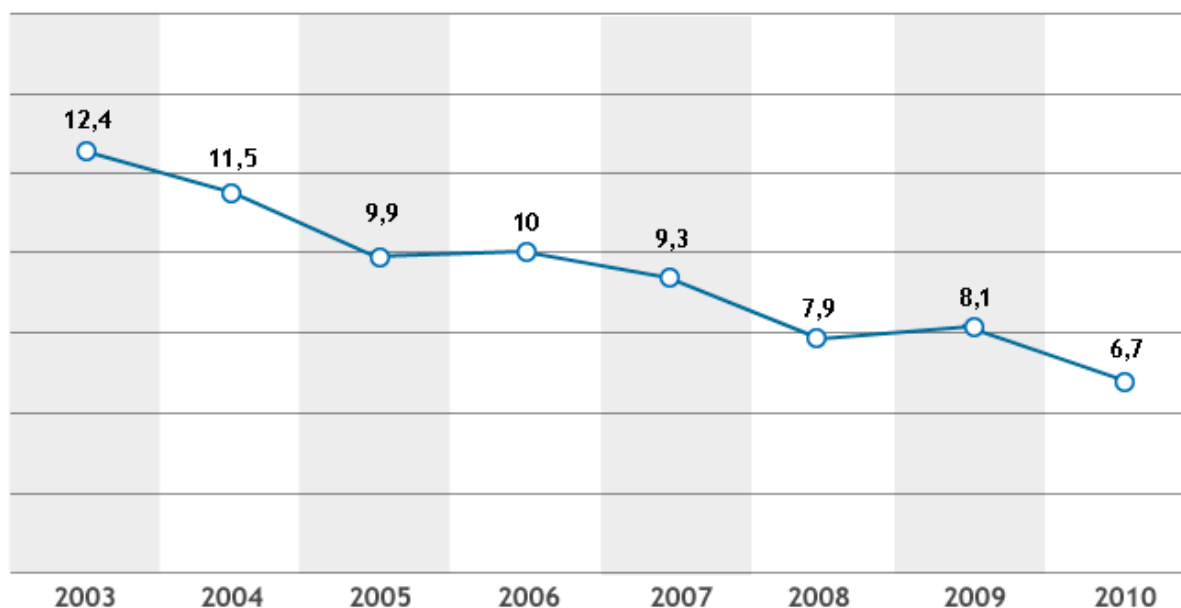
No Brasil a taxa de fecundidade caiu muito nos últimos anos e está menor que 2. Isso significa que não estamos reproduzindo a quantidade ideal para continuar as gerações.

Ainda acho exagero dizer que nossa população está envelhecendo absurdamente, sendo que até um tempo atrás (digo uns 5 anos) as notícias mais comentadas eram os tamanhos das filas de emprego nas grandes metrópoles. Ainda temos uma população jovem! Não acredito que as coisas mudem tão rápido assim.

Confira as taxas de desemprego dos últimos anos:

Série de taxas de desemprego - 2003 a 2010 (em%)

Resultado de 2010 foi o menor da série



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego

No final de 2011, essa taxa promete estar em 6,4%.

A revista *Você S/A RH* de novembro de 2011 publicou reportagem relatando que num futuro próximo o Brasil atingirá o “pleno emprego”, ou seja, faltará bons profissionais no mercado nacional. Eu duvido muito. Nossa juventude está bastante ativa para ocupar novos postos, entretanto as autoridades empresariais sempre reclamam que faltam profissionais qualificados no Brasil.

Enfim, independentemente da rapidez que o mundo está se transformando, eu quero viver sustentavelmente com minha esposa e meus dois ou três filhos num futuro a longo prazo!

Se por um lado existe a tendência de uma maior desigualdade nos países mais desenvolvidos, por outro há o crescimento explosivo de países em desenvolvimento. Estou muito impressionado com o que está acontecendo com a China. Tive um estagiário chinês trabalhando comigo durante o verão e, ao ouvi-lo falar sobre as mudanças no ambiente familiar e dos amigos, fiquei com a nítida sensação de que a China vai explodir economicamente, o que vai mudar as relações no mundo. Ao mesmo tempo, não sabemos qual vai ser o resultado disso. Pra dizer a verdade, não acredito muito que a pobreza vá aumentar. Em nível mundial, em termos de porcentuais, ela vai diminuir, mas será um processo um pouco contraditório. Em alguns países pode haver pobreza, como nos EUA, onde moro e vivencio essa discussão o tempo todo. Fala-se que, daqui a 20, 30 anos, Brasil e EUA terão níveis de desigualdade parecidos.

Ralph Hakkert, demógrafo da ONU
em entrevista ao Jornal O Estado de São Paulo (30/10/2011)

CAPÍTULO 3

Bolsas, Salários e Educação

- *Eu já passei fome.*
- *Eu acho que a questão é o estudo. A pessoa que estuda tem mais oportunidades. Mesmo um curso de torneiro. Uma pessoa que tem um curso assim se arruma fácil, tem muita indústria.*
- *Antes só tinha escola na fazenda, eu estudei até a terceira, só que lá na beira do Tietê mesmo! Tinha que ir a cavalo!*
- *A minha nora não quer ter outro filho não. Não por causa que é caro, mas é porque tem tanta coisa ruim, em todo lugar.*
- *É, hoje em dia tá mais complicado, droga, guerra...tem aluno batendo em professor aqui na cidade já!*
 - O imposto piorou...não pode nem fazer hora extra que já tira imposto!*
 - É licença, é IPVA...imposto da casa...*
 - A gente vive melhor, mas paga muito mais pra isso, não é?!*
 - Ali no mutirão tem muita gente acomodada, eles tem a casa deles e ficam por lá. Ali é feio.*
 - (Nisso passa uma viatura da polícia a 50km/h fazendo a curva da esquina, descendo para o mutirão)*
 - Não vindo o tsunami pra cá, tá bom!*

Conversa que tive com uma aposentada e uma dona de casa, na cidade de Monte Alto, SP.

Os programas sociais brasileiros ganharam mais ritmo neste milênio e a grande crítica aos últimos governos do Brasil se calcam nas políticas sociais, consideradas assistencialistas pela mídia e por especialistas. Até então, somente a partir de 1988 com a “Constituição Cidadã” ficou mais “assegurada” a questão da proteção social ao povo brasileiro, como assegura a socióloga Luciana Jaccoud, “a Constituição Federal de 1988 ressignificaria o papel do Estado brasileiro que institucionalizaria as políticas sociais em três áreas da Seguridade Social: assistência social, saúde e previdência social”.

O Bolsa Família é um programa do governo federal fácil de entender. Vamos ser bem claros. As famílias consideradas pobres que mantiverem seus filhos na escola recebem, por filho, valores que variam de R\$22 a R\$66 por criança. A partir do ano de 2011, o limite por família passou a ser de cinco crianças beneficiadas. Antes eram três.

É interessante um ponto a partir deste começo de entendimento. Segundo o site do

programa¹, o Bolsa Família é destinado a dois tipos de famílias de extrema pobreza. O Governo Federal julga como pobres aquelas famílias nas quais a renda por indivíduo não passa dos R\$70 e também as famílias que tem como renda, o máximo de 140 reais por pessoa.

Infelizmente muitos não sabem destes valores e fazem críticas sem pé nem cabeça. Sabemos que no Brasil não são só as pessoas que ganham menos de 140 reais as que vivem em pobreza. Partindo desse pensamento vamos à pergunta: “E as outras famílias que ganham valores semelhantes de renda, não precisariam também receber ajuda?”.

Nos Estados Unidos a situação parece até um exagero, mas creio que não. Lá quem vive em pobreza emergencial são os que ganham menos de 2 mil reais mensais. Aqui esse valor é de 140 reais, somente.

Vamos à calculadora:

A cesta básica custa aproximadamente 280 reais, dependendo do Estado. São Paulo é onde o preço é maior.

Suponha-se que uma mãe com três filhos, os três recebendo o Bolsa Família, ganhem cada um máximo de R\$66. Três filhos são R\$104. Para comprar uma cesta básico é necessário quase o triplo disso!

Analisando desta forma, é de se esperar que os adultos na família trabalhem duro, porque sabemos que o salário mínimo valendo agora R\$619 ainda é muito pouco.

Neste ganho com o salário mínimo, vamos comparar o atraso dos anos de governo FHC e os aumentos do salário no governo Lula e agora, Rousseff:

1 O site do Programa Bolsa Família é www.mds.gov.br/bolsafamilia.

A evolução do Salário Mínimo no Brasil (1994 - 2011)

<u>ANO</u>	<u>Valores em Reais (R\$)</u>
Governo FHC - 1994	70
1995	100
1996	112
1997	120
1998	130
1999	136
2000	151
2001	180
2002	200
Governo Lula - 2003	240
2004	260
2005	300
2006	350
2007	380
2008	415
2009	465
2010	510
Governo Dilma - 2011	545
2011	619

Fonte: Portal Brasil – www.portalbrasil.net – elaborado por Heraldo Soares

Como visto acima, os valores do Governo Lula são bem maiores que o do seu antecessor FHC. Além disso, as porcentagens de aumento no Governo Lula também foram ligeiramente maiores.

Fui pedir ajuda ao jornalista de economia do Jornal *Valor Econômico*, Sérgio Leo. Ele então me abriu a cabeça para dúvidas que eu não alcançaria com um simples raciocínio. Sérgio Leo me disse que havia na época um grande temor em aumentar demais o salário mínimo. Isso geraria instabilidades econômicas, ou seja, com o crescimento do salário mínimo as pessoas iriam consumir muito e, comprando muito, há o grande risco inflacionário pois haveria muita gente disputando comprar as “poucas” mercadorias. Esta é a simples lei da oferta e procura.

Não obstante, aumentar salários na década de 90 gerava uma crise na previdência, pois claro, as aposentadorias são de acordo com os salários. Eram muitos gastos que não podiam ser controlados tranquilamente. Os aumentos tinham que ser muito bem dosados, em muito pouco.

Já com a Era Lula houve algumas transformações relativas ao crescimento que logicamente

estavam ligadas aos valores salariais do povo. Lula implantou a promessa de “dobrar o mínimo” e assim, ocorreu uma aposta grande no aumento de renda daqueles assalariados com menores rendimentos. E então, o que ocorre? Esses assalariados vão consumir mais e então consumiam muito mais os produtos com valores não tão altos. Assim a pressão inflacionária não era aquela dos anos 90 e adiante, os empresários podiam investir bastante nas indústrias, seja em modernização ou em funcionários. Tudo isto alimentou um novo mercado de massas e por isso dizemos que o poder de compra de muitos brasileiros vem crescendo.

São reflexos que estão aqui até hoje.

Esse quadro foi mais estável, criando um círculo econômico muito mais confiável no mercado interno. Sérgio Leo me disse para pensar que nos anos 90 quando os mais pobres consumiam, o país entrava em inflações profundas, e, se compravam os produtos vindos do exterior, causava uma grande deterioração da nossa balança comercial. Hoje temos um mercado interno muito mais forte e também ganhamos muito mais força no exterior, atraindo mais capitais para dentro.

O “povão” brasileiro está mais forte. Todavia, não podemos deixar de esquecer que se as políticas sociais fossem mais fortes, desde o período pós-ditadura, as classes mais baixas estariam vivendo melhor. Nossas políticas públicas são ineficientes.

Até hoje, 2011, não é possível dizermos que o Sistema Único de Saúde, o SUS, possui qualidade. Em outubro o ex-presidente Lula foi diagnosticado com câncer de laringe e como toda celebridade brasileira, está sendo tratado no Hospital Sírio-Libanês, que é *o dos ricos*. Sendo assim, a pressão nas redes sociais para que Lula se tratasse no SUS foi notável. Isto, sem que ele furasse a interminável fila de espera para tratamentos cancerígenos. O ministro da Saúde Alexandre Padilha, em entrevista à revista *Veja* em novembro de 2011, pronunciou asneiras defendendo seu companheiro ao ser questionado sobre esses protestos para que o ex-presidente se tratasse na rede pública: “Não podemos achar natural que alguém que paga um plano de saúde (no caso, o ex-presidente) tenha de recorrer ao sistema público para se tratar. Se isso acontecer, o plano deverá reembolsar o governo. Não só no caso de câncer, mas todo gasto do SUS com pacientes que têm plano de saúde deve ser devolvido à União. Além disso, o SUS está preparado para tratar câncer sim”.

A dona de casa que entrevistei na minha cidade se lamentou dizendo “Agora que estou tendo que cuidar do meu pai é que me dei conta de como é o SUS, aquilo é vergonhoso”.

O Dieese - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos publica vários estudos, principalmente quanto aos salários do brasileiro. Um deles faz o cálculo de quanto seria o salário mínimo ideal para sua sobrevivência do brasileiro com dignidade.

Abaixo segue uma tabela comparando a evolução dos valores de dois anos específicos:

Salário “digno” estipulado / Salário mínimo real / Valor da Cesta Básica

	2007	2011
Salário necessário	R\$ 1.733,88	R\$ 2.297,51.
Salário mínimo	R\$ 380,00	R\$ 619,00
Valor da Cesta Básica	Média de R\$ 200	Média de R\$ 280

Fonte: Dieese, modificado por Heraldo Soares

Voltando ao caso dos Estados Unidos agora é mais fácil entender porque é necessário estipular um valor, a princípio alto para a linha de pobreza em um país. Em pleno ano de 2011 deve ser inaceitável o que diz o Banco Mundial sobre a Linha da Pobreza. Segundo o Relatório de Desenvolvimento Mundial do ano 1990, as pessoas que vivem abaixo da Linha da Pobreza são aquelas que passam o dia com menos de 2 dólares. Segundo o mesmo órgão, os “indigentes” são aqueles em piores condições que estas. Eles passam o dia com menos de 1 dólar.²

Mas e os outros? Como são divididas as faixas de renda? Quem vive com mais de 2 dólares por dia é pobre e o restante vai subindo de vida, sendo classe média e elite? Não é assim tão pouco matemático. O capítulo seguinte explica a divisão do IBGE das classes no Brasil e as respectivas rendas.

Muitas vezes o Brasil é bem mais desigual daquilo que temos em mente. As vezes vemos dados animadores da diminuição da pobreza, por exemplo, mas por um outro lado nos deparamos com um aumento na marginalidade. Podemos dar vários exemplos aqui de mazelas e sucessos de nosso cotidiano como nação. Portanto, quando escutamos a história de que o Bolsa Família tirou milhões da pobreza, devemos refletir que essa pobreza é a linha imposta pelo Banco Mundial de 1 dólar americano diário para cada indivíduo, ou seja, na realidade pouca diferença faz se é 1, 10 ou 50 dólares diários. *Tudo depende, cada caso é um caso.*

Segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, em cada grupo de 100 brasileiros, 8 passam fome. São quase 17 milhões de indivíduos. É quase duas capitais paulistas de população! Se imaginarmos o colapso que tudo isso gera em violência e mortalidade infantil, a desgraça pelos erros de governos é ainda maior.

No Brasil os governos federal, estaduais e municipais ficam determinando valores de

2 THE WORLD BANK. World Development Report 1990: WORLD DEVELOPMENT INDICATORS. IN: www.wds.worldbank.org/external/default/WDSCContentServer/WDSP/IB/2000/12/13/000178830_98101903345649/Rendered/PDF/multi_page.pdf. Acesso em 15 nov. 2011

“diversas pobreza” para a elaboração dos planos de governo, entretanto é importante pensarmos que o salário mínimo é *o mínimo-mínimo* e que nenhum brasileiro trabalhador deve receber menos do que isso durante o seu mês.

Dizem que o Bolsa Família ajudou a diminuir a pobreza brasileira. Vou colocar algumas informações aqui e cada um julgue como quiser.

Encontrei vários artigos, científicos e não, abordando o Bolsa Família e é interessante dizer que muitos deles estão nas línguas inglesa e principalmente espanhola. Pesquisadores e jornalistas de outros países cada vez mais estão buscando se aprofundar no Brasil e descobrir o sucesso deste crescimento num período tão difícil de crise econômica.

Logo de início vemos um erro comum e repetido por quase todos esses artigos: classificar o Bolsa Família como programa de transferência de renda. Ora, se fosse transferência seria uma diminuição da desigualdade brasileira saindo capitais dos bolsos dos mais ricos para os dos mais pobres e não é isso. O que ocorre é a retirada de dinheiro dos cofres públicos para complementarem a renda das famílias mais pobres do país. Não podemos concordar com erros conceituais de algo tão impactante na política brasileira.

Tenho uma dúvida que não achei a resposta em lugar nenhum. Somente um amigo jornalista me disse para analisar aqui neste livro-reportagem mas fui incapaz de encontrar a solução. A opinião dele diz que ao passo que a pobreza no Brasil diminuiu, a riqueza aumentou, mas aumentou muito. Esse raciocínio diz que a desigualdade aumentou pois os ricos ficaram ainda mais ricos do que o tanto de gente que migrou das classes baixas para a Classe Média. Se isso é verdade, nosso país continua no primeiro lugar da lista dos países com maior desigualdade social, onde há a maior diferença social entre um rico e um pobre.

Caso essa seja a verdade, nossas políticas públicas precisam tomar um rumo ainda mais severo. A mídia divulgou que nunca na história brasileira os banqueiros lucraram tanto.³ Não só eles mas boa parte do empresariado alcançando novas conquistas para a indústria nacional. Não é querer ser de esquerda, mas se o bolo cresceu, como dizia Delfim Neto, ele precisa ser dividido. O slogan do Governo Lula não era “Brasil um país de TODOS”?! Mesclando essa atitude com a propaganda Rousseff do “País rico é país sem pobreza”, estaremos em busca do melhor país do mundo!

Sônia Draibe, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Unicamp (NEPP) afirmou que nos anos 90, menos de 10% do PIB brasileiro era destinado a gastos sociais. Entende-se aqui gastos sociais como por exemplo destinados à alimentação, moradia, etc...

Já no começo dos anos 2000 essa cifra estava na casa de 15%. Alguma melhoria foi, já que

3 [Um exemplo pode ser visto em NOVO, Aguinaldo. Na Era Lula, lucro recorde dos bancos: R\\$ 199 bilhões](http://www.oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/02/26/na-era-lula-lucro-recorde-dos-bancos-199-bilhoes-365833.asp) <<http://www.oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/02/26/na-era-lula-lucro-recorde-dos-bancos-199-bilhoes-365833.asp>> 20 nov. 2011

os programas da década de 90 eram extremamente precários, defasados e imaturos, como por exemplo colocar um caminhão para distribuir comida para a população carente. Não vivíamos em guerra civil, mas a situação social era semelhante.

Ainda nos anos 90, Cristovam Buarque como governador do Distrito Federal, criou os programas Bolsa Escola e Poupança Escola. Foram as primeiras políticas brasileiras considerando a renda mínima das pessoas. Foi o começo da experiência do Bolsa Família.

Muitos defendem Cristovam por ser o precursor do que mais tarde levaria Lula e o PT às alturas: o próprio Programa Bolsa Família. Cristovam foi ministro da Educação no primeiro mandato de Lula, mas em 2004 o então presidente demitiu-o alegando que não queria mais acadêmicos nos ministérios. Agora fico me perguntando se existe algum brasileiro que entende mais de Educação do que Cristovam Buarque. Ou melhor, se existe alguém que entenda de Educação mas que não seja um acadêmico, que não seja um estudioso. E se eu fosse presidente e colocasse um gerente de banco como ministro da Saúde, ou no ministério da Defesa colocasse um deputado dono de uma rede de restaurantes?

Bom, é difícil. Cristovam Buarque foi apunhalado por Lula. Mas voltemos ao Bolsa Família.

O interessante aqui é saber se realmente o programa foi tão decisivo na diminuição da pobreza brasileira nestes últimos anos.

Vou expor mais dados, estes ilustram a diminuição da miséria e a previsão entre as duas primeiras décadas deste milênio:

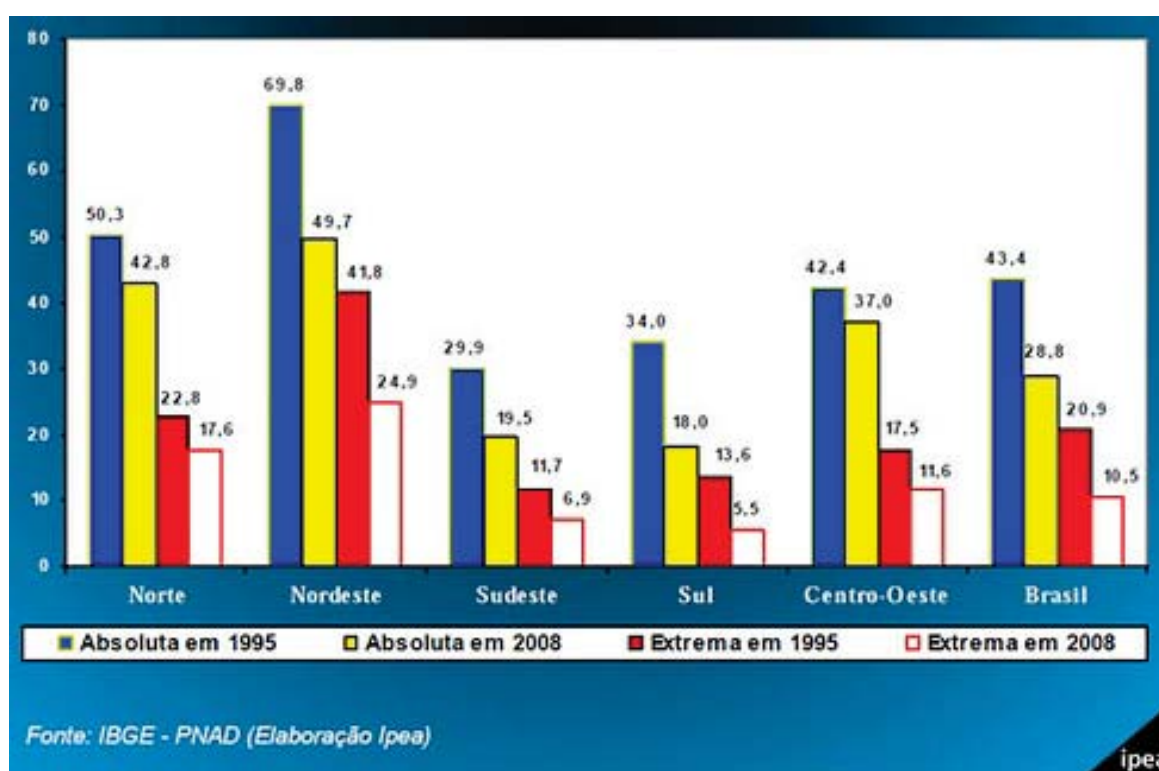


O Ipea publicou um estudo em 2010 revelando que até o ano de 2016 a pobreza extrema seja aniquilada do nosso território. Eles caracterizaram “extrema” a pobreza vivida por indivíduos que vivem com um quarto de salário mínimo, que atualizando os valores, seria de R\$ 154,75 por ano.

É árduo falarmos em eliminação total, até porque a questão da pobreza é extensa e varia muito de região para região, mas podemos tentar dar fê aos dados e acompanhar sua evolução anualmente.

É bom nos darmos conta que a queda da pobreza no Brasil está num ritmo bastante acelerado, confira o gráfico abaixo:

Taxas de pobreza extrema e absoluta nas regiões brasileiras (entre 1995 e 2008)



Em pesquisa do PNAD – Programa Nacional de Análise de Domicílios, foi encontrado que 8 milhões de domicílios brasileiros recebiam ajuda dos programas do Governo Federal de “transferência de renda”, isso no ano de 2004. A maior parte dessas famílias recebia até meio salário mínimo. É uma boa notícia.

O PNUD é o programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e sempre está presente nos veículos de comunicação. Este programa constatou já em 2007 que o Bolsa Família ajudou a diminuir a famosa desigualdade brasileira. O índice *Gini* no Brasil, que mede as desigualdades dos países, variando de 0 a 1 (pouco desigual e muito desigual respectivamente) também diminuiu

conforme diz a ONU.

Não tenho a mínima ideia de como essas pesquisas são feitas no Brasil, entretanto quero acreditar nelas. Ainda não encontrei um bom motivo para desacreditar dos estudos da ONU. Digo “pesquisas” e não “atitudes políticas”.

Mais um dado importante que foi provado é a questão do trabalho. Uma das críticas que pesam sobre esses programas de renda é o fato de que quem recebe ajuda do governo pode ser incitado a não trabalhar, ou a trabalhar menos. A pesquisa do PNUD constatou que as mulheres que recebem a ajuda tiveram uma participação quase 5% maior no mercado de trabalho, no ano 2007.

Realmente temos que considerar a famosa frase *Não adianta dar o peixe pronto, é necessário dar a varinha e ensinar a pescar.*

Então ficamos nos perguntando “Como ensinar a pescar?”. Como deixar de lado, talvez um preconceito existente no Brasil de que nordestinos – os maiores beneficiários do Bolsa Família – não são um povo trabalhador?

O mundo é cercado de estereótipos e preconceitos. Alguns temas são verdades e outros não, entretanto não é isso o que importa quando o assunto é trabalho e geração de renda.

O diferencial é a Educação.

Aquilo que o ex-senador Cristovam Buarque criou é o grande pontapé: estimular as crianças e suas famílias de que a saída para seus futuros é trocar a rua pela carteira da escola. E daí em diante entram o desenrolar desses programas, passando pelo Bolsa Família, pelo ProUni (Universidade para Todos) e assim por diante. Não tenho dúvidas de que esses estímulos são essenciais!

Andando pelas ruas da minha cidade natal – Monte Alto, interior de São Paulo, tive a chance de entrevistar algumas pessoas para este trabalho. Encontrei duas senhoras – uma aposentada e outra não. As duas foram coerentes e diretas em me afirmarem que a diferença entre o passado/futuro delas e, o de seus filhos e netos foi e é a Educação.

“Não tínhamos chance de nada na vida. Desde criança era trabalhar e estudar pouquíssimo” me dizia a aposentada. Falava toda orgulhosa que seu filho tinha um empresa e que seu neto era webdesigner.

Meu filho fez Administração. No começo era funcionário. Aí ele abriu uma fabriquinha em um ramo bem parecido. Meu neto, que é filho desse meu filho, já fez curso técnico. Ele é aquilo lá de webdesigner

- Lurdes Zucchi, 61 anos, aposentada

Estou falando de emprego e renda, não de riqueza individual, pois inúmeros empresários não tiveram nem o primeiro grau completo. Entretanto, nesse nosso século quem passa pelos bancos da universidade tem mais chances de qualquer inserção social maior.

Quando conversava com as senhoras, pude perceber uma certa tristeza em seus semblantes pois a questão da “falta de escola” em suas vidas deixou feridas, no entanto hoje elas se sentem satisfeitas por ver que as gerações seguintes, inclusive as da própria família, então mudando para melhor, estão *estudando*.

Observamos que há muito o que fazer, ainda que os dados sejam bastante animadores.

Segundo o PNAD de 2009, se pegarmos os 20% mais ricos, a média de estudos é de 10 anos. Já os 20% mais pobres possuem a metade desses estudos: o Brasil é ainda uma nação abastada por discrepâncias sociais.

O MEC (Ministério da Educação e da Cultura) nos diz que tudo indica melhoras nos resultados dos beneficiários do Bolsa Família. Existem muitos jovens pobres matriculados no Ensino Médio. Da implantação do Bolsa Família até este ano de 2011, a taxa de abandono caiu entre os beneficiários. Hoje os mais pobres beneficiados pelo programa estão sendo bem mais aprovados do que em qualquer outro ano do programa.

São bem interessantes as palavras de Linda Goullar, coordenadora do Plano de Mobilização Social pela Educação do MEC: “O desafio para os gestores estaduais e municipais é articular políticas intersetoriais – educação, saúde, desenvolvimento social, entre outras – criando uma rede de proteção às famílias. São passos fundamentais para garantir o direito de aprender. É um primeiro passo para levar essas crianças e jovens à emancipação e ao exercício pleno da cidadania”.

Mas assim sendo, como nem só de pão vive o homem; nem só de estudos vive ele.

No site do Bolsa Família há a informação de que 12 milhões de famílias brasileiras participam do programa, que faz parte do projeto *Fome Zero*.

Quero pensar um pouco, suponhamos que em cada família haja ao menos 2 filhos (um número médio). Então são aproximadamente 4 pessoas em cada família. Se são 12 milhões de famílias, temos aí 48 milhões de brasileiros sendo atendidos pelo Bolsa Família *aproximadamente*.

O Brasil possui 190 milhões de habitantes. 48 milhões corresponde a 25% da população brasileira. Sinto muito quem é extremamente defensor do programa, mas isso é mentira.

O principal do Bolsa Família é atingir prioritariamente famílias extremamente pobres. Se considerar as porcentagens de renda, a família tem um grande aumento sim, mas se pensarmos na realidade da renda, esses valores de dinheiro não são grande coisa. Para uma família muito pobre, 60 reais mensais por cada filho é o normal, entretanto o fato é que esse dinheiro não é o bastante para um mínimo digno.

Divulgar por aí que foi o Bolsa Família que tirou muitos pobres do fundo do poço é fazer propaganda eleitoral. Ora, temos toda uma Economia, todo um conjunto de conquistas que fizeram com que o Brasil alcançasse e continue alcançando essas mudanças.

Temos milhões de famílias com diferentes rendas e que, mesmo assim, continuam pobres. O governo precisa repassar a informação de que não é somente dando dinheiro às famílias, que essas já estarão bem avançadas no caminho anti-desigualdade. Vale lembrar que, segundo o PNUD, o Bolsa Família representa cerca de 25% da renda daquelas famílias mais pobres. É algo longe, longe e relativo. É preciso mudar a classificação de o que é ser pobre no Brasil.

O programa deve continuar, é claro, mas não devemos sorrir por darem dinheiro às famílias mais pobres. Só isso não é a solução, eles ainda carecem de muita coisa! O conceito de pobreza é dilatado e mexe com a situação de risco do ser humano. Por exemplo as populações rurais que não tem vida digna. É preciso impor estrutura de base para eles, como Educação e o incentivo à agricultura familiar. Não sejamos tolos de acreditar nas ações do “*Toma o dinheiro e se vira!*”

15% da população brasileira que se encontrava em situação de extrema pobreza foi retirada deste patamar. Em quase 10 anos do programa, não é uma cifra suntuosa, algo que se diga “Nossa, como faz efeito contra a desigualdade no Brasil esse Bolsa Família!”. Na verdade é algo que deve ser trabalhado em um dos braços das políticas pública na erradicação da miséria no Brasil.

Novamente afirmo que não devemos glorificar estes tipos de políticas públicas. O que ajudou na diminuição da pobreza foram vários fatores, entre eles a estimulação ao mercado interno, o aumento do salário mínimo, crescimento de investimentos externos e claro, em pouca parte, o Bolsa Família.

Não se pode esquecer de que ainda existem mais de 16 milhões de pessoas perambulando pela linha da pobreza. Então, ainda estamos longe de ser curados desta ferida, cheia de cicatrizes desde sempre em nossa História.

As pesquisadoras da Universidade de Santa Catarina – UFSC, Márcia Grisotti e Carmen Gelinski, da área de políticas públicas, publicaram um artigo apontando as falhas *estruturais* das políticas públicas brasileiras. Para elas, as políticas públicas do Brasil para combater a pobreza se baseiam em “visões parciais da pobreza, isto é, aquelas que pretendem abstrair a noção de pobreza a partir do indivíduo e suas características em contraposição àquelas que localizam a pobreza como decorrente das condições estruturais”.⁴

O Programa de Aceleração do Crescimento, discutido no próximo capítulo, a princípio pode soar um pouco desigual já que quando falamos de crescimento é comum deixarmos de lado o

4 GRISOTTI, Márcia ; Gelinski, Carmen Rosario Ortiz G. . Visões parciais da pobreza e políticas sociais recentes no Brasil. Revista Katálysis (Impresso), v. 13, p. 210-219, 2010

crescimento familiar-humano, que seria: fazer as famílias crescerem, fazer com que elas deixem a linha da pobreza e se desenvolvam no aspecto da renda, na diminuição de *nossa* miséria. E sobretudo, alcancem *oportunidades*.

No programa *Bom Dia Ministro* da Empresa Brasil de Comunicação, a ministra Teresa Campello, do Desenvolvimento Social disse algo importante e com uma sinceridade digna de aplaudir. Uma jornalista de Goiânia perguntou confusamente sobre os valores da ajuda do Bolsa Família. Teresa respondeu dizendo que é importante sabermos que o Bolsa Família não substitui a renda da família, mas sim, é uma *renda complementar*.

Teresa continuou sua resposta assumindo que o valor médio que as famílias recebem é uma quantia não suficiente para uma subsistência. Conforme ela disse, com os últimos ajustes no programa, a família poderá receber até 306 reais, mas que neste ano de 2011 recebem em média até os 120 reais. Ela usa o termo “alívio à pobreza extrema” para definir a “ajuda” deste programa.

A ministra finaliza a sua resposta afirmando de uma maneira otimista que “O Brasil está cheio de empregos, cheio de oportunidades de negócios e o governo quer que esse povo trabalhe cada vez melhor chegando a essas oportunidades, tendo o Bolsa Família como complemento em suas vidas.

E por que não caracterizar em todo este contexto o “crescimento social”?

Vamos aliar este desenvolvimento social ao econômico. O PAC é um excelente início que pode sugerir ao país novas rotas de oportunidades.

A gente mesmo tem que fazer as nossas coisas dentro de casa pra não dar errado. Não pode ficar esperando ajuda deles não, porque não tem!

(...) O país melhorou, não vindo guerras...né?!

- Alice Perseguir Mateus, 53 anos, dona de casa

CAPÍTULO 4

Frear atrasos, acelerar o crescimento!

O Brasil finalmente entrou no ciclo virtuoso de estabilidade financeira que nós não tínhamos até poucos anos. Isso graças a essa grande monta de reservas internacionais que nós temos, que além de nos ter protegido da crise, tem outro bônus que pouca gente está percebendo: essas reservas nos permitirão sair na frente quando essa recessão dos países desenvolvidos terminar, que vai ser logo, logo. Antes saíamos das crises com dívidas, ao invés de aproveitar as bonanças, a gente marcava passo pagando as dívidas dos anos ruins. Então a gente nunca tinha ano bom, porque em ano bom pagávamos dívidas e em anos ruins a gente amargava os prejuízos. A gente estagnava. Pela primeira vez na história vamos sair um passo a frente.

- Stephen Kanitz, economista, autor de “O Brasil que Dá Certo”
e é um dos 20 melhores palestrantes brasileiros

No governo Dilma, o Programa de Aceleração do Crescimento passou a ser responsabilidade do Ministério do Planejamento, Gestão e Orçamento. Antes era da Casa Civil, braço direito da Presidência da República. E por sinal, as duas gestões desses ministérios são de mulheres. Acredito que o país (e o mundo) precisam abrir e conquistar mais espaços para as mulheres na chefia dos órgãos públicos. Em pleno ano de 2011 é incabível que ainda haja preconceitos entre gêneros no poder público do Brasil.

Coloco confiança em Miriam Belchior. Professora universitária da área econômica. Trabalhou em projetos considerados vencedores por órgãos especializados da ONU, Miriam tem muita experiência e parece ser sensata no cargo de ministra do Planejamento. Tenho esperança de que ela não fará parte da gama de ministros despedidos do Poder no mandato Dilma Rousseff.

Para entendermos melhor os fatos político-econômicos do país, é essencial saber que existem o “PAC 1” e o “PAC 2”. Ou fase 1 e 2, cada um entenda como quiser.

PAC 1 : 2007 a 2010

PAC 2: 2011 a 2014

O PAC 1 começou lá no mandato do ex-presidente Lula em 2007 e deu importância ao setor energético, aos empregos e ao aumento do PIB. Entretanto foi um pulo maior que o pé dos governos. O PAC 1 foi superestimado e no lançamento do PAC 2 em 2010, muita coisa do PAC 1

não havia sido finalizada, principalmente nas obras de estradas federais. Não há erros de informação pois todos os gastos federais podem ser conferidos no site da União.¹

Especialistas dizem que o que foi investido no PAC 1 em logística de transportes, ainda não foi suficiente. O Brasil ainda é pobre nesse quesito.

Paulo Fernando Fleury, do Instituto Ilos de Logística, ligado a Universidade do Rio de Janeiro, pesquisou dados bastante interessantes.

É certo que muita coisa depende e é relativa ao compararmos duas ou mais nações, como a quantidade de habitantes, por exemplo. O professor Fleury fez comparações geniais do Brasil com os Estados Unidos, a maior potência econômica que enfrenta sua maior crise financeira deste início de século XXI.

Cerca de 60 bilhões de reais foram investidos no PAC 1 para os transportes no Brasil. Segundo Fleury, esta área é tão deficitária que é necessário um investimento de 1 trilhão de reais na logística do transporte brasileiro. É quase nosso Produto Interno Bruto!

O especialista vai um pouco mais além, por setores:

- mais de 800 bilhões deveriam ir para as estradas rodoviárias. Apenas 200 mil quilômetros são pavimentadas. O país possui mais de 1 milhão e 500 mil quilômetros de rodovias com más condições, ou seja 75% sem condições, segundo a Associação Nacional de Transportes e Cargas.

- Nas ferrovias temos somente 29 mil quilômetros. Os Estados Unidos, com 100 milhões de habitantes a mais, possui 7 vezes mais trilhos que nós. É necessário mais de 130 bilhões de reais para o setor, sendo que 120 seria para a reforma da malha existente. É vergonhoso mas somente 10% é usado. Há muita coisa em mau estado e muita coisa abandonada.

- Nos portos o país precisa crescer bastante para suprir o déficit do setor. Segundo Fleury são necessários 40 bilhões de reais. O PAC 1 tentou amenizar esse déficit com míseros 3 bilhões.

Em 2010 os gastos com logística nos transportes custou somente 10% do PIB. Eu me pergunto como foi gasto o resto. Ao olharmos Saúde e Educação no TCU vemos que a porcentagem destinadas à esses setores é baixíssima. Com Saúde foi gasto 4% do PIB (metade do que países desenvolvidos gastam)². Já com Educação foram também apenas 5% do nosso Produto Interno Bruto.³

A fala de Fleury apresenta um grande problema da nossa realidade:

“Toda vez que o transporte fica mais caro, fica mais ineficiente, ficam mais caros os produtos que eu estou comprando. Além disso, com o transporte caro, as empresas perdem a sua competitividade

1 Site do Tribunal de Contas da União – www.tcu.gov.br

2 Informações acessadas em: www.band.com.br/viva-bem/saude/noticia/?id=10000085541

3 Informações acessadas em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16000:investimento-em-educacao-atinge-meta-de-5-do-pib-e-e-o-maior-da-historia&catid=211&Itemid=86

internacional, o que diminui a geração de empregos, os investimentos em pessoas, e novas fábricas”.

Aí é possível traçar um paralelo importante da problemática do desenvolvimento do Brasil. Nossa infra-estrutura ainda é precária. Por exemplo, se pegarmos as estradas, que é o nosso principal eixo logístico de transportes, veremos que a situação é alarmante, como foi dito acima. Se as estradas são precárias, as empresas responsáveis pelos transportes precisam gastar mais com manutenção de seus veículos e de sua própria infra-estrutura. Com isso o consumidor será prejudicado já que o empresário vai precisar subir os preços de seus produtos para compensar os gastos com transportes. E como Fleury disse, afeta a boa competição necessária, podendo interferir ainda na produção causando desempregos por conta de menos investimentos no quadro de funcionários e produção, já que esses investimentos (caríssimos) terão que ser destinados à função do transporte. Lembremos que não citei os pedágios, outra fonte de gastos para o contribuinte.

Paulo Fleury, um dos maiores especialistas em logística de transportes brasileiros calculou que o investimento dos dois PACs nos transportes é igual a apenas 180 bilhões de reais. Em entrevista num evento em São Paulo, em setembro de 2011, ele afirmou que o Brasil pode ou não ter um apagão mais extenso.⁴

O que quero dizer aqui é que se não temos uma boa infraestrutura oriunda de políticas públicas, nosso caminhar vai contra o que é pregado pelos programas de crescimento que estamos discutindo aqui.

A função do Bolsa Família, além de auxiliar a diminuir a pobreza extrema, é dar *oportunidades* às famílias, ou seja, é fazer com que o pai de família, ou o filho, ou a mãe, possam trabalhar na indústria, possam ter um emprego, a fim de melhorarem a sua renda, o seu *desenvolvimento*. E, se os problemas de infraestrutura continuarem a corroer o bolso dos empregadores, o país não crescerá mais de 7%. A China está “fazendo a festa”.

Sem infraestrutura não há crescimento e creio fielmente que o problema continua sendo a corrupção.

Em 8 meses de governo, Dilma Rousseff já possuía uma lista de 5 ministros demitidos.

Alfredo Nascimento, ex-ministro dos transportes 2011, caiu fora. Uma das acusações é algo assim, inacreditável, além de inaceitável. Como ministro ele estava por trás dos projetos de expansão de ferrovias. Nascimento é fazendeiro e o projeto de uma ferrovia na região norte supunha passar por suas próprias terras, fazendo com que o valor das propriedades subissem vertiginosamente.

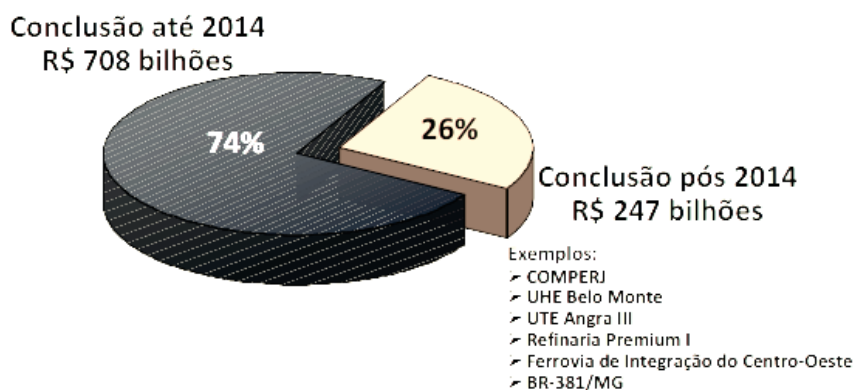
4 FLEURY, Paulo F. Custos Logísticos e Competitividade Internacional. IN: <http://www.slideshare.net/FIESP/paulo-fleury>. Acesso em 28/11/2011

O episódio ficou conhecido como “Faxina nos Transportes”. No total foram 26 demissões no Ministério dos Transportes, na Valec – empresa pública de ferrovias, e, uma grande crise no DNIT, Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes, órgão vinculado ao Ministério dos Transportes e um dos principais articuladores do PAC no setor logístico de transportes. Como esperar bons resultados de um setor do governo indispensável no crescimento do país com o PAC?

Então é complicado criticar o programa em si se nossas bases não são boas. Aí é claro que, como em situações relatadas acima, o nosso crescimento é afetado profundamente. A maioria das demissões de 2011 ocorreu por conta do mau uso do dinheiro público. O caso mais absurdo foi nosso caríssimo Antônio Palocci, que após infinitas corrupções ao longo da carreira foi convidado por Dilma Rousseff a continuar no Poder, neste novo mandato como chefia da Casa Civil, que mais deveria ser chamada de *Casa Mãe Joana* ao comprovar que o patrimônio do ex-ministro Palocci havia aumentado 20 vezes entre 2006 e 2010.⁵

Não sei de nada, só sei que todos querem esta fórmula mágica!

Valor Total do PAC 2 – 2011-2014 – R\$ 955 bilhões



Fonte: Ministério do Planejamento. “Apresentação do PAC 2”

Na cabeça do PAC, por enquanto a situação está tranquila. Mirian Belchior tem um passado limpo. É especialista na área econômica e é respeitada no exterior, até na ONU, então nisso ao menos o brasileiro pode ficar tranquilo.

No começo de 2011, Belchior deu uma entrevista dizendo que para o sucesso do PAC será necessária a ajuda de todos os ministérios. Então se for assim, veremos que o país não vai crescer. Já acompanhamos que alguns ministros importantes no desenvolvimento do PAC não são exemplos

⁵ Um exemplo da mídia internacional sobre o caso da fortuna de Antônio Palocci Filho:
www.elmundo.es/america/2011/06/08/brasil/1307485252.html

de bons trabalhos. Esperamos que Belchior saiba o que fazer, tentando contornar o mau uso do dinheiro público. É ela quem entende de Administração Pública, então alguns casos devem ir direto, sem passar pelas mãos de outros ministérios.

Em entrevista ao jornalista Luís Nassif, em setembro de 2011 ⁶, Miriam disse que o PAC retomou as obras de ferrovias no país e o que Lula fez na ferrovia “Norte-Sul” foi mais do que já foi feito em muitos anos no país. O PAC 2 promete “manter a roda da Economia girando”, é o que afirma o site oficial do programa.

Vamos à tabela de investimentos em logística na segunda fase do Programa de Aceleração do Crescimento:

Investimentos em Logísticas – PAC 2

R\$ bilhões			
EIXOS	2011-2014	PÓS 2014	TOTAL
RODOVIAS	48,4	2,0	50,4
FERROVIAS	43,9	2,1	46,0
PORTOS	4,8	0,3	5,1
HIDROVIAS	2,6	0,1	2,7
AEROPORTOS	3,0	-	3,0
EQUIPAMENTOS PARA ESTRADAS VICINAIS	1,8	-	1,8
TOTAL	104,5	4,5	109,0

Fonte: Ministério do Planejamento. “Apresentação do PAC 2”

Fico surpreso pelas Ferrovias ganharem em 2º lugar a atenção dos investimentos. A Europa nos mostrou que o modelo ferroviário por todo canto deixa a dinâmica dos países diferente. Bom, lá também encontramos muitas rodovias e excelentes rotas marítimas, mas para o Brasil, que está atrasado uns 30 anos em relação à Espanha, por exemplo, investir nos trilhos já é algum começo.

Digo a Espanha por ser um país que pude conhecer mais profundamente e também por ser uma economia média em relação à outros países do bloco da União Europeia. Agora estão em uma profunda crise econômica que ninguém sabe até quando vão precisar de dinheiro emprestado e muito menos até quando ficarão presos nesse poço da crise que se iniciou em 2008.

⁶ O vídeo e o texto desta entrevista podem ser consultados em <http://www.advivo.com.br/materia-artigo/entrevista-miriam-belchior>

Agora, segundo os dados da tabela retirada do relatório do PAC 2, os setores de portos e aviação estão com poucos investimentos. Não sei em detalhes quanto se gasta para construir rodovias e/ou aeroportos, mas se o Brasil está melhorando seu transporte aéreo só por conta dos eventos que vai sediar nestes próximos anos (Jornada Mundial da Juventude 2013, Copa do Mundo 2014 e Olimpíadas 2016), estamos profundamente enganados.

Na Espanha, até as cidades mais pequenas possui um aeroporto com ligação à Madrid ou Barcelona, que são os dois maiores centros de lá. E por quê no Brasil, um avião que sai de Congonhas precisa ir até Manaus, *pegar* mais passageiros para depois ir para o Recife? É burrice, não?! Precisamos parar com as piadinhas de portugueses!

Falando em Portugal, também viajei por todo o seu território em dezembro de 2010 e fevereiro de 2011 e minha primeira conclusão foi que eles não são ignorantes como costumamos caçar. Sim, estão em uma crise pior que a espanhola, entretanto souberam aproveitar o seu período de “vaca-gorda” nas últimas décadas do século XX. Ou melhor, aproveitaram o período da “bexiga cheia”, pois se fosse uma “vaca”, eles segurariam “parte” do que sobrou para sobreviver à crise, com bem menos riqueza claro. O exemplo dos Estados Unidos sim é uma prova de vaca gorda: a crise está lá apertando eles, mas aos poucos eles vão arrumando algo aqui, consertando uma política ali. São casos distintos Europa e Estados Unidos, apesar de ser a mesma crise. Em alguns países europeus, a bexiga cheia já está vazia, somente um vácuo para se virar na crise econômica.

O Brasil passa agora por uma espécie de período de vaca gorda, ainda que a maioria do *resto do mundo* não esteja na mesma situação. Isso pode atrapalhar nosso desenvolvimento já que muita coisa fica em pé pelas exportações de um país. No entanto um país líder na América Latina não pode ter pretextos para lamentar suas falhas econômicas. A América do Sul vem sendo o maior destino de investimentos chineses. A produção industrial brasileira está em alta. Nossa taxa de desemprego não é absurda como nos anos 90. A questão é que devemos *aproveitar*.

Se a Europa tinha os Estados Unidos e os Estados Unidos tinha a Europa em ajuda mútua, o que nos impede de ter a China, a Rússia e a América Latina como principais parceiros comerciais?!

Em relação aos Portos, são necessários mais investimentos.

Comparando com a Europa novamente: o Porto de Marselha, na França possui navios diários que vão para Barcelona na Espanha. Ou então em um único território, nos Estados Unidos é comum a ligação entre todo litoral leste, entre Miami e Nova York, por exemplo.

Por que não ampliar e criar novos portos no Brasil?

Precisamos de mais dinamicidade. Basta acessar o Google Maps e ver as linhas amarelas e alaranjadas no Brasil e em outros países mais desenvolvidos. Até nos países europeus mais pobres você vê muita infraestrutura, muitas estradas. E através do Google Maps é fácil ver as linhas

tracejadas das ferrovias e das rotas portuárias no Mediterrâneo, entre o Mar do Norte ou até no Atlântico.⁷

Falando em qualidade, a tabela do PAC 2 já mostra tudo que ocorre nas nossas rodovias: a qualidade é tão precária que a maior parte dos investimentos será destinada à manutenção da estrutura e não pela expansão, com novas construções.⁸

Investimento de R\$ 50,4 bilhões no PAC 2 em Rodovias

EMPREENHIMENTO	KM
Expansão	7917
Manutenção	55000
Projetos	12636

Fonte: Ministério do Planejamento. “Apresentação do PAC 2”, modificado por Heraldo Soares

As ferrovias estão com projetos interessantes para o PAC 2.

Falando do nosso estado de São Paulo, há 2 linhas, que se forem transformadas em realidade mesmo, vai mudar boa parte da logística dos transportes no Estado. Além dessas, há mais 3 projetos do PAC 1, mas que ainda não foram concluídas e a primeira a ser relatada, nem ao menos “saiu do papel”.

Primeiramente, temos as obras do Trem de Alta Velocidade (TAV) ligando Campinas – São Paulo – Rio de Janeiro. Bom, eu paro por aqui a minha animação porque o projeto do primeiro TAV da América Latina ainda nem começou com construção alguma. As variações dos orçamentos já explicam a confusão que o brasileiro faz: o projeto iniciou-se com R\$ 11 bilhões, chegou a R\$ 33 bilhões e muitos por aí dizem que somente este TAV não sairá por menos de R\$ 60 bilhões. O professor Paulo Fleury indignado disse: “Isso demonstra uma incapacidade de se fazer projetos, que empresário vai entrar num negócio que pode variar de R\$ 11 bilhões a R\$ 60 bilhões?”.

Até a entrega deste livro-reportagem o primeiro TAV brasileiro não havia saído do papel.

Os outros quatro projetos são interessantíssimos também, mas não sei se enquanto eu estiver vivo eles já estarão prontos.

- Ferroanel de São Paulo e Contorno Ferroviário de Araraquara:
- TAV's saindo de Campinas, ligando esta região metropolitana à dois destinos:

- Norte: Triângulo Mineiro;

⁷ Google Maps: www.maps.google.com

⁸ Os planos do PAC 2 podem ser consultados em www.slideshare.net/gleisi13/pac-2-apresentao-governo-federal

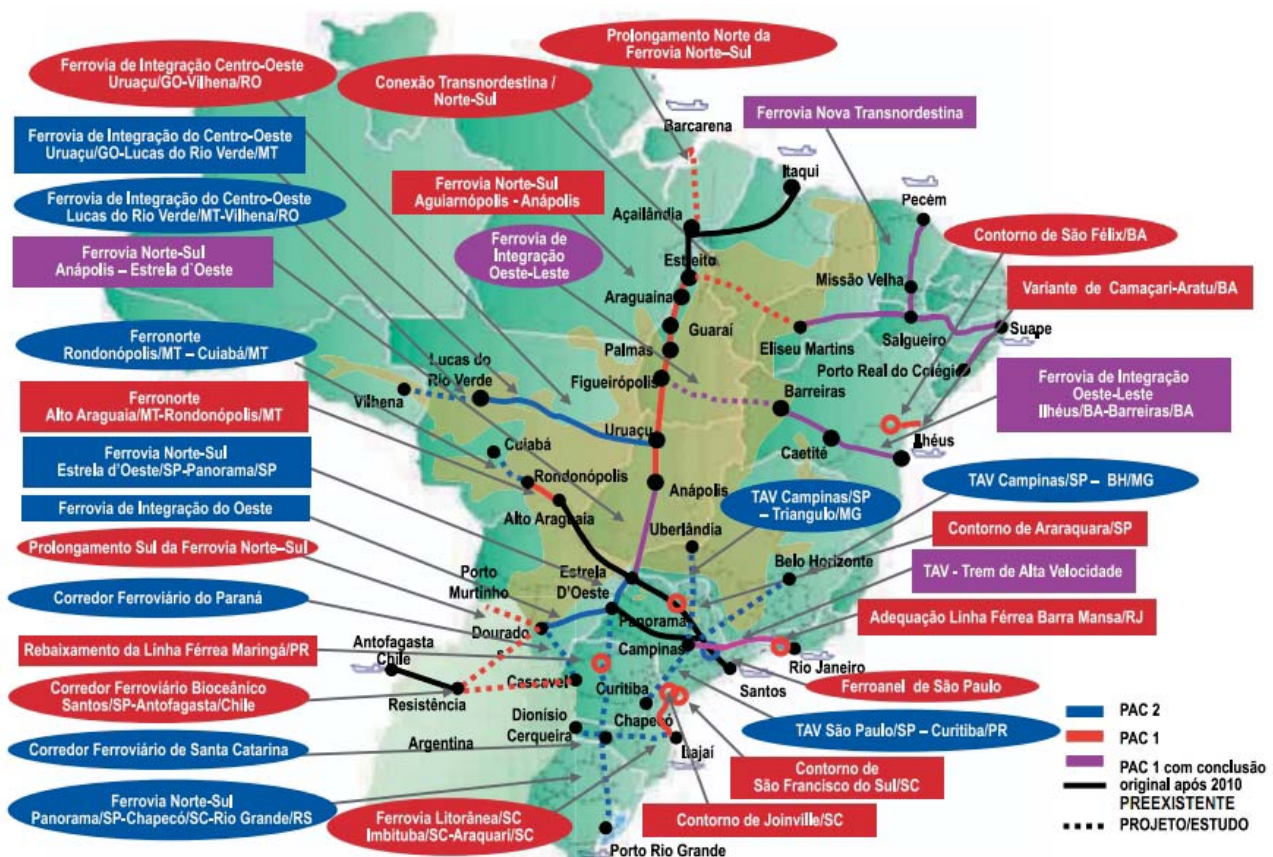
- Leste: à Belo Horizonte.

Muita gente não sabe, mais existem projetos de ferrovias no Brasil que datam da década de 50 e até hoje não ficaram prontas e estacionaram no tempo. As obras ferroviárias do PAC 2, pelo menos os Trens de Alta Velocidade, ficarão estacionadas no tempo. Pelo TAV Campinas-Rio podemos prever isso já que a obra ainda não começou. A morosidade é muito grande.

No Brasil, morosidade é sinônimo de desativamento de obras.

Segundo o site do Ipea a participação das ferrovias no transporte brasileiro vai passar de 25% para 35% com as obras do PAC. Eu estou desacreditado e creio que meus filhos não terão um país com boa malha de transportes. Vai tudo continuar funcionando *à caminhão*, ainda mais devido aos interesses da produção de combustíveis e da corrupção existente por trás do sistema de rodovias e concessionárias no Brasil. ⁹

Projetos para a Malha Ferroviária no PAC 2



Fonte: Ministério do Planejamento. “Apresentação

do PAC 2”

9 IPEA. O Futuro sobre trilhos. IN: desafios2.ipea.gov.br/sites/000/17/edicoes/55/pdfs/rd55not02.pdf. Acesso em 26 nov. 2011

O setor dos aeroportos é o que corre mais rápido devido ao interesse dos eventos que o Brasil sediará nos próximos 5 anos, principalmente a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

Vendo isso percebemos que o Brasil só funciona sobre pressão. Talvez o país seja como os seus filhos e só ao mexer no bolso ou com algum outro tipo de ação de forças é que funcionamos. Imagine se não fossem ocorrer esses importantes eventos mundiais aqui? Ficaríamos parados no tempo? Sem aeroportos?

- *Mas é claro, companheiro!*

Em setembro o Ipea divulgou um estudo constatando que apenas 3 dos 13 aeroportos em obras no país ficariam prontos a tempo: o do Galeão, no Rio, o de Curitiba e o do Recife. Ainda por cima eles consideraram “alarmante” a situação. Outro dado importante da pesquisa foi comprovar que para uma grande obra de Transporte ficar pronta no Brasil são necessários longos dez anos. Escrevo isso em 2011 e a Copa do Mundo é em menos de três anos. O Ipea confirma que no país existe uma “baixa eficiência na execução dos programas de investimentos”. Durante os anos de 2003 e 2010 a Infraero utilizou apenas 44% dos recursos. Há algo errado aí.

Edição do dia 09/09/2011
09/09/2011 21h53 - Atualizado em 09/09/2011 21h54

Reforma de 10 aeroportos pode não ficar pronta a tempo da Copa 2014

Durante a Copa, 600 mil visitantes estrangeiros e 3,7 milhões turistas brasileiros vão circular pelo país

 imprimir



Um levantamento feito por um órgão do governo mostra que a reforma de dez aeroportos brasileiros pode não ficar pronta a tempo da Copa de 2014. E nos portos, as obras nem começaram.

Vai ser uma das maiores movimentações turísticas de todos os tempos. Durante a Copa de 2014, 600 mil visitantes estrangeiros e 3,7 milhões turistas brasileiros vão circular pelo país. A previsão

Portal G1, acesso em 06/11/2011¹⁰

1 A notícia está no site do Portal G1 em: g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/09/reforma-de-10-aeroportos-pode-nao-ficar-pronta-tempo-da-copa-2014.html

Quando voltei de viagem, desembarquei em Guarulhos e só então já levei aquele primeiro “choque” de diferenças entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Começando pela poluição do ar percebida durante a aterrissagem. Depois veio a escada rolante, metade menor que a do aeroporto de Barajas, em Madrid e umas dez vezes mais lenta. Aí fui pegar minha bagagens naquelas esteiras gigantes e via malas caindo para todos os lados e fiquei ali por quase uma hora esperando minhas bagagens com mais o avião todo! E pensar que quando saí do Brasil para a Espanha, achei o aeroporto de Guarulhos *irado!*

Enquanto isso continuamos sendo enganados e em pouco tempo constroem dezenas de estádios de futebol, que servirão para tirar a atenção da população para os verdadeiros problemas do Brasil.

Ai, ai, dá vontade de chorar!

Parece que está todo mundo cego, surdo e mudo. Não há coragem, as pessoas tem medo de tudo, eu não sei o que está acontecendo neste país!

- Ouvinte Carlos, da Rádio Auri Verde de Bauru, em um madrugada de outubro quando eu refletia sobre este trabalho que tens em mãos

O Crescimento e a Marca Brasileira

O Brasil precisa urgentemente de uma ampla reforma tributária e política. Precisamos nos preparar para este momento que se aproxima, onde teremos uma população mais idosa, que irá requerer mais investimentos em previdência e saúde. Precisamos encontrar nossa forma de crescer que necessariamente não precisa ser cópia de outras nações, porém se inspirar no que está dando certo é inteligente. Podemos ser originais: acabando com o Jeitinho Brasileiro. Crescimento sólido somente com muito trabalho, e com investimento em educação, que possibilite o despertar de uma verdadeira consciência ética e cívica.

- Lindolfo Martin – fundador da melhor franquia do ano 2011

O Senhor Koji Fugita cresceu num sítio na cidade de Monte Alto, interior norte de São Paulo. Filho de imigrantes, viveu em meio à colônia japonesa formada no município. Não estudou nada, até a 4ª série somente. “A professora não gostava de mim”, dizia ele, rindo.

Naquela época, nos anos 50, os japoneses que viviam no Brasil não estudavam, somente trabalhavam. Hoje a comunidade descendente de nipônicos *estudam e trabalham*. Faz parte da cultura deles. Tanto é que, dificilmente hoje em dia vemos família japonesas na classe baixa. A maioria navega na classe alta.

Seu Koji enfrentou a época dura, e assim como meu pai, também cresceu trabalhando desde criança em colheitas. No caso dele, a da cebola. A dificuldade era tanta que a família fez dívidas e Koji, só com 17 anos assumiu os negócios na terra da família devido à saúde do pai.

Tudo destinado ao trabalho e ao investimento, desde sempre.

Seu Koji não teve tempo nem para sua lua de mel. Em 16 anos, multiplicou sua produção de cebolas por 50, totalizando 5000 toneladas, um *caso-raro* naqueles anos.

O dinheiro era gasto só para investimentos nos negócios. Seu Koji comprava máquinas e mais terras. Então passou a diversificar a produção com milho e goiaba, vendendo a produtores de doces e conservas.

Nos anos 80 Seu Koji salvou um empresário do ramo de alimentos que estava em crise. Os dois se tornaram fornecedores de alface, cebola e tomate picado para o McDonald's. Foi um sucesso, “ganhei muito dinheiro” disse ele.

Nesse momento Seu Koji ficava “encucado” pois, não queria deixar sua terra natal, já que grandes negócios exigiam presença na capital para manter as negociações, principalmente quando não haviam as tecnologias de comunicação que existem hoje, como videoconferências, etc. Porém, o empresário conseguiu aumentar o sucesso em seu lugar.

Decidiu então montar uma fábrica de doce de goiabada em conserva, pois conhecia muito o ramo da fruta que ele mesmo já produzia há bastante tempo. Em 1996 nasceu a “Alimentícia Fugita”, que mais tarde viria a se tornar a “Fugini Alimentos”.

A Alimentícia Fugita era fornecedora de doces para a Cica, que na época tinha sido comprada pela Unilever. A Cica então parou sua produção e a Fugita se encarregou de todo o serviço. Foi um período difícil, como conta Koji, que logo foi procurado por um empresário com vasto conhecimento na área de molhos e doces do interior de São Paulo. Ele estava vendendo sua parte na antiga empresa e Seu Koji o convidou para serem sócios, começando aí uma parceria que vai muito bem até hoje.

E somente aí o nome mudou para *Fugini*, dando um toque “italianado” na marca, já que tem como carro-chefe a produção de molhos e alimentos tradicionais da cozinha italiana, além de diversos doces.

E em todos esses não mais que 10 anos, os dois sócios foram errando e acertando, logicamente quase sempre só acertando. Passaram a usar um tipo de embalagem que economizasse 30% nos custos e também abriram uma segunda fábrica no interior de Goiás, onde os custos são mais baixos que os do território paulista. E assim, a *Fugini Alimentos* fatura 250 milhões de reais anualmente, pretendendo crescer muito mais.

Segundo Seu Koji, agora grande empresário Koji Fugita, o aumento da renda das classes mais baixas alavancou a elevação das vendas. Hoje o número de brasileiros que tem acesso a certos “luxos” é muito grande. Entre 2010 e metade de 2011, 1 milhão e 700 mil pessoas deixaram as classes D e E rumo à classe C, mais conhecida por Classe Média.

Já as classes A e B sofreram um recuo inédito, que desde 2003 não apresentava. Entre 2010 e 2011 237 mil pessoas passaram para a Classe Média. Quase 12% da população brasileira forma a elite das classes A e B, ou seja, 22 milhões e 500 mil brasileiros.¹

Um pouco mais da metade do Brasil forma a classe mediana: 55% da população – 105,4 milhões de pessoas.

A classe E, a mais baixa, precisa diminuir ainda mais. A maioria dos brasileiros da classe E vivem com menos de R\$70 reais mensais (*Ver capítulo 3 sobre as Políticas Públicas do Brasil*),

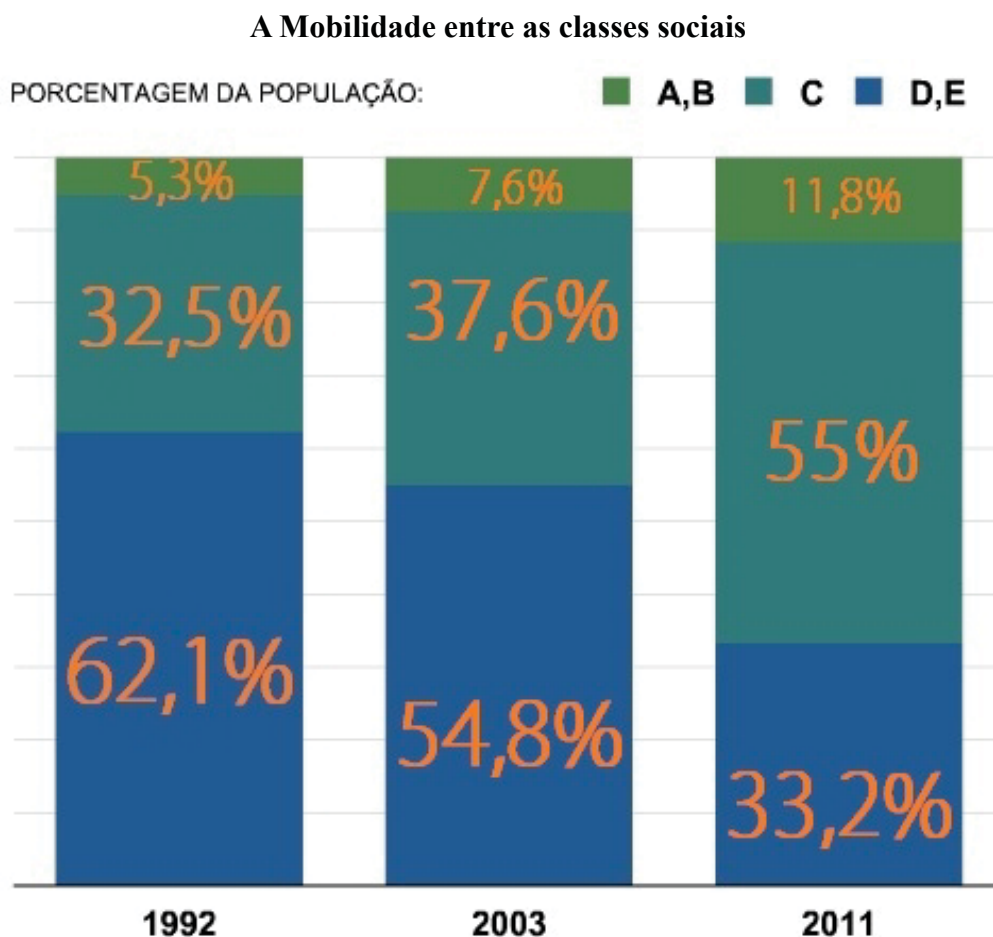
1 IBGE. Censo 2010. IN: http://www.ibge.gov.br/vamoscontar/guias_flipbook/guia_ensino_medio.pdf > . Acesso em 04 nov 2011

são mais de 16 milhões de pessoas vivendo assim, vergonhosamente. O restante da classe E, cerca de 8 milhões, vivem um pouco menos pior, o que não deixa de ser um número grande.

A classe D possui 9 milhões de membros, entretanto, no Brasil, a divisão das classe é feita assim:

- **Classe Alta: A e B**
- **Classe Média: C**
- **Classe Baixa: D e E**

Comparando a evolução das classes no Brasil em alguns anos, temos, segundo a Fundação Getúlio Vargas:



Fonte: FGV

Apresentado durante o 1º Fórum BID para o Desenvolvimento da Base da Pirâmide na América Latina e Caribe, em São Paulo, extraído do site www.vejaanoticia.com/

Segundo o IBGE, Instituto Brasil de Geografia e Estatística, a renda familiar dos brasileiros determinam a inserção em cada classe, da seguinte forma:

Classes Sociais de acordo com a Renda

CLASSES	RENDA FAMILIAR MENSAL
A	mais de R\$6.745
B	entre R\$ 5.174 e R\$ 6.745
C	entre R\$ 1.200 e R\$ 5.174
D	entre R\$ 751 e R\$ 1.200
E	até R\$ 751
E (abaixo da linha da pobreza)	menos de R\$ 70 por membro da família

Fonte: IBGE – elaborado por Heraldo Soares

Esse modelo sucinta várias críticas. Algo difícil de se debater. Há quem diga que a classe A é somente a elite, aqueles grandes empresários, em sua maioria, que não tem nem noção da “tamanho” quantidade de bens e capitais que possuem.

Essa distribuição do IBGE nos apresenta bastante vagal sim e os números da renda possuem uma distancia pequena uns com os outros. Não digo que a classe A deveria ser só os “podres de ricos”, mas se torna necessário expandir esses números. Como falo no capítulo das Políticas Públicas, quem ganha menos de R\$ 1.500 não deveria ser considerado classe média pois sabemos o tão pouco possível que é consumir bens com essa quantia de dinheiro.

Nós e a Crise

A crise econômica mundial que teve início em 2008, nos Estados Unidos parece não querer nos deixar em paz. Desde o começo tentavam estipular um limite para a situação global voltar ao normal, mas em quase 5 anos, muita coisa veio e foi; melhorou, mas piorou também.

Grécia, Espanha e Portugal encontram-se na pior. Itália está quase lá com uma crise política semelhante ao caso brasileiro: sempre os mesmos governantes.

Na Inglaterra, protestos de jovens sem emprego. A Alemanha e a França, as duas nações mais fortes e menos afetadas pela crise ditam as regras na União Europeia quanto aos pacotes de

austeridade – uma reorganização no rigor da economia de um país/bloco econômico.

Muita gente não sabe, mas o significado principal dos pacotes de austeridade é *corte de gastos sociais*. Toda aquela qualidade de vida europeia, que nós brasileiros tanto invejamos, eles a tem garantida pelo governo: boa educação, cidades planejadas, civilidade... E tirar isso do europeu significa o mesmo que mexer no osso que um cachorro morde desde filhotinho.

Então, como driblar a crise? Como recuperar os rombos que os bancos repassaram para o governos quando estes destinaram até a metade de seus PIBs para salvar essas instituições financeiras?

Segundo o economista Mark Blyth, professor de Políticas Econômicas Internacionais da Brown University, “é como se os bancos tivessem apostado todas as suas fichas no *Blackjack* e cada ficha fosse uma promessa de pagamento dessas enormes dívidas que eles acumularam e fizeram crescer”.

Agora, alguém precisa dizer quem vai pagar essa dívida!

- *Quem vai pagar?*
- *Os bancos?*
- *Não, aqueles que sempre pagaram: a população.*

A austeridade vai pagar através destes cortes de gastos sociais e através também, do aumento dos impostos. Em meio a tanta loucura, algumas medidas devem ser tomada para ir rebaixando o valor destas dívidas ao invés de mexer no bolso do povo, alimentando a Economia desigual que sempre vivemos.

Em Portugal e nos Estados Unidos já foram debatidos projetos de aumento de impostos para aqueles mais ricos. Não posso dizer se isso pode dar certo ou não, no entanto os bancos são os principais responsáveis por perder o controle da situação em cima da ganância que sempre caminhou junto com nossa História.

Quando fazia pesquisas para meu trabalho de graduação, encontrei um vídeo do professor Mark Blyth, este docente da Brown University, lá do estado norte-americano de Massachusetts. Resolvi então mandar um e-mail para ele para agendarmos uma entrevista, à distância mesmo.

Duas questões básicas ele me explicou que quero compartilhar aqui a respeito da atual conjuntura econômica frente à Crise e ao papel dos BRICs, o “bloco” formado pelos países ditos emergentes Brasil, Rússia, Índia, China e, ultimamente, também a África do Sul.

- Professor Mark, você poderia me dizer o que pensa sobre qual a posição do Brasil em meio à atual crise econômica mundial?

- *Bem, o Brasil resistiu bem à crise devido a dois fatores: demanda contínua para a China e o fluxo de capital em commodities como uma forma de compensar as perdas em ações e imóveis durante a crise. Como resultado, o real tornou-se um ativo “porto-seguro”, causando assim uma valorização da moeda de vocês. Já com os investidores externos, eles procuraram lucrar com sua ascensão e com as altas taxas de juros na economia doméstica, tudo através de um carry trade, que é uma aplicação financeira que consiste em tomar dinheiro (a uma certa taxa de juros) em um país e aplicá-lo em outra moeda, onde as taxas de juros são maiores. E tudo isso é bom para o crescimento a curto prazo, entretanto a economia brasileira ainda é muito dependente de exportações, principalmente das exportações de commodities. Se a China ou o mundo vacila, o crescimento econômico retarda ainda mais, e então o Brasil também pode vacilar.*
- E os BRICs, como eles se encaixam neste cenário? Qual é o papel deles?
- *Eu questiono: o BRICs estão governando o mundo? O consumo total das economias BRICs é de cerca de 4 trilhões de dólares. O total da União Europeia mais o consumo dos Estados Unidos é cerca de 20 trilhões de dólares. Os BRICs têm um caminho a percorrer. Todos eles são dependentes do núcleo União Europeia / EUA para seus mercados, uma vez que, três deles: Brasil, Rússia e China, possuem uma relação muito forte de mercado com o eixo União Europeia e Estados Unidos, respectivamente pelas trocas comerciais de Commodities (Brasil), Petróleo e Gás (Rússia) e Produtos Manufaturados (China). Este fato ainda mostra que esses países estão em um crescimento vulnerável, mas logicamente muito menos do que costumavam estar.*

O que o professor Mark Blyth me disse ajudou a entender melhor as coisas, além de apagar alguns conceitos e ilustrar melhor o que acontece. Isso porque geralmente, vendo aos noticiários sobre a crise na Espanha e os protestos na Grécia, já pensamos “estes países estão em um poço sem fundo!”. Não que não estejam, no entanto precisamos pensar um pouco e entender como se dá o mercado internacional.

Um ponto legal de se pensar é que países ricos mergulhados em crise não estão parados. Eles mantêm a sua balança comercial em funcionamento. Há setores que ainda possuem vendas altas e que estão ganhando dinheiro, talvez um pouco menos, mas não se encaixam na profunda crise que o resto de tal país está, ou seja, nem todos estão destruídos economicamente e além disso, a Economia deve continuar. O Brasil não tem obrigação de mudar de lado. O que der para ser feito,

que façamos. Como disse o professor Blyth, o eixo-rico ainda é poderoso, apesar das vulnerabilidades de infinitos setores.

Quando estive na Espanha, fiz um trabalho de Relações Internacionais pesquisando a questão da imigração na Europa. Resolvi conversar com um colega da minha cidade (Monte Alto-SP) que há 11 anos vive na Europa. Ele foi bem claro quando perguntei sobre a crise na Espanha:

Não é bem assim. Há setores que estão em crise e outros não. Na questão do emprego, por exemplo, um matemático que se forma na Espanha tem infinitas dificuldades a mais do que um que se forma em medicina interna, por exemplo.

O que o professor Mark disse faz sentido. Os BRICs ainda são extremamente dependentes do mercado dos países ricos. Por isso que a situação é mais delicada ainda, já que se os países ricos continuarem a caminho da recessão, com mais baixos do que altos, nosso mercado será altamente afetado, ainda que tenhamos um forte mercado consumidor interno e uma forte relação de comércio com a China.

É necessária uma consciência maior do que de fato é a crise.

Os números já falam por si só. A crise veio em 2008. Em 2010 o Brasil mostrou uma recuperação bastante forte, sendo destaque na mídia internacional e alcançando um crescimento de 7% do Produto Interno Bruto. Já este ano (2011) estamos com a cabeça bem mais baixa e o ministro da Fazenda, Guido Mantega, desde o começo do ano já vem falando de uma faixa de 4% de crescimento. Para os próximos anos esse valor pode ser ainda menor. O Banco Central foi um pouco mais pessimista (ou realista, pensando melhor) com uma projeção de crescimento de 3,5%, devido principalmente, segundo eles, à deterioração no cenário internacional.²

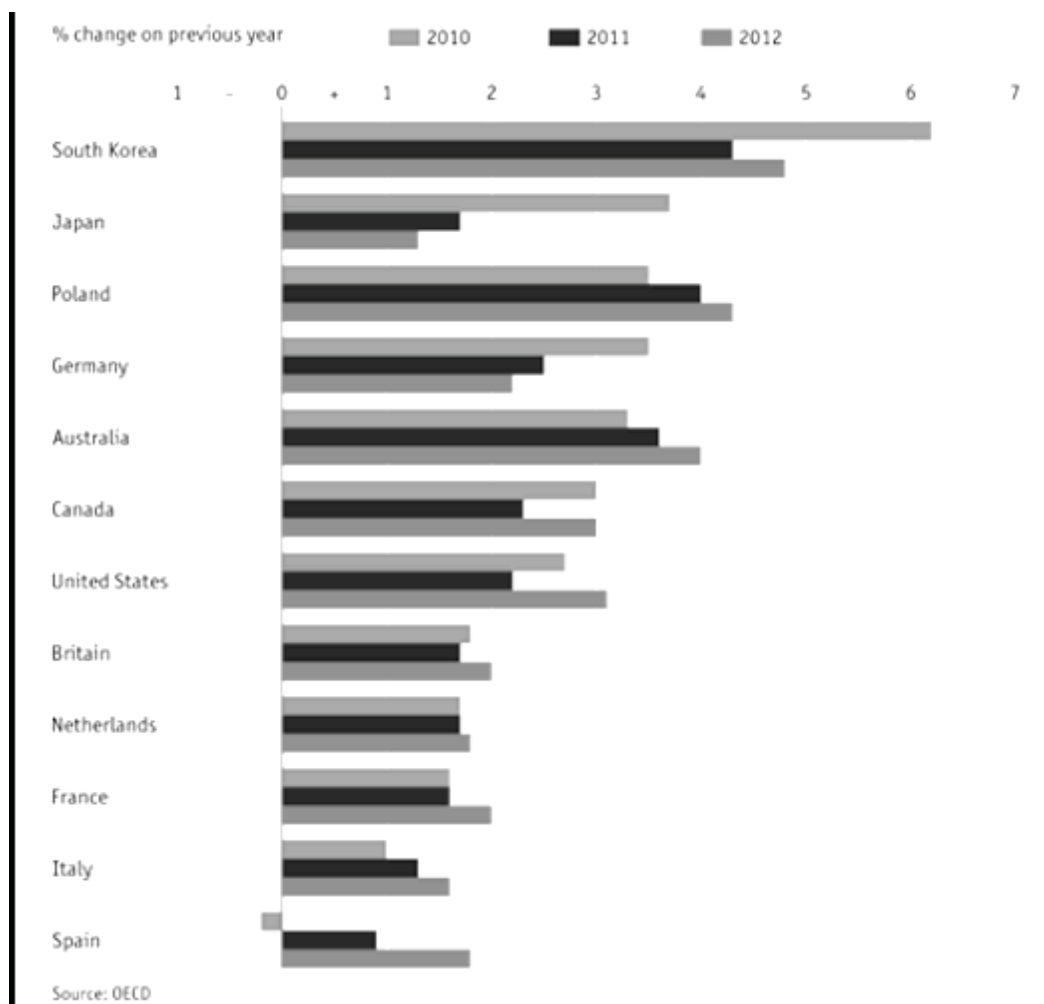
É pouco crescimento, não podemos nos orgulhar mais.

Já a previsão para a Formação Bruta do Capital Fixo (valores que medem os Investimentos no país) recuou, estacionando-se em 5,6%, segundo o Banco Central. Ainda que a China seja nosso maior financiador com seus investimentos em infra-estrutura, devemos ter a noção de que *há* uma crise. O Brasil não precisa dizer que está em crise, como estão os países ricos, mas mesmo assim é importante saber que o mundo é uma grande barca, envolvendo a todos. Um ou outro podem se afogar no mar, como temos visto os rumos da Espanha e Grécia, por exemplo. Entretanto todos estão no mesmo leito e no mesmo mar da crise econômica, considerada uma das mais graves que o mundo contemporâneo já passou. Como já disse Angela Merkel, chanceler alemã, “esta crise é a pior desde a Segunda Guerra Mundial!”.

2 BANCO CENTRAL DO BRASIL. Indicadores Econômicos Consolidados. IN: <<http://www.bcb.gov.br/?INDECO>> Acesso em 24 nov. 2011

Taxas de crescimento 2010 e as projeções para os dois anos seguintes, divulgadas pela OCDE, a Organização para o Desenvolvimento e Cooperação Econômica

Projeções de Crescimento de Nações Desenvolvidas



Fonte: OCDE

Japão e Alemanha provavelmente alcançarão um crescimento menor do que os anos seguintes, já a tendência é um baixo crescimento para os países com maiores dificuldades como Itália e Espanha. Também há países com projeções de poucas mudanças como é o caso do Reino Unido e dos Países Baixos.

Lembrando que o Brasil, em 2010 teve um crescimento maior do que todos os países acima mencionados (7,5%), sendo ocupando o 3º lugar atrás da China e da Rússia. Já as projeções para 2011 e 2012 estão entre os valores de 3,5% e 4,0%.

A lógica de tudo é que as coisas caminhem por bons caminhos. Com exceção de mandatos

de chefes de Estado ou outros tipos de chefes, tudo deve caminhar para melhor, para o desenvolvimentismo.

Todavia, como podemos constatar, só pelo gráfico acima, a economia do mundo parece estar para um caminho negativo nos próximos anos.

Acho que ninguém imaginava que logo no começo do século XXI a Europa e os Estados Unidos atravessariam tamanha crise. Aliás, neste Novo Milênio os Estados Unidos só passaram por maus lençóis: ataques terroristas, Era Bush, quebra de bancos, rombo-imobiliário, crise econômica, desemprego recorde.

Na Europa, com exceção da França e da Alemanha, os outros países mais importantes perderam sua hegemonia e cotidianamente a mídia faz cobertura das infinitas reuniões que os conselhos precisam fazer para decidir os pacotes de austeridade e as ajudas que eles podem fornecer aos fracassados com a política da “união faz a força”.

Os países emergentes estudam maneiras de como ajudar a Europa. Nunca pensei que um dia chegaria a este ponto.

Neste meio, os BRICs aparecem ou como sustentação da economia mundial ou como um simples mercado fornecedor e consumidor. Depende do analista. Cada um acha uma coisa. Há até quem diga que a China não é emergente pois está bem na frente deste grupo.

Hoje ela representa quase 20% em contribuição no PIB Global e está ultrapassando os EUA não só em medalhas nas Olimpíadas, mas também na hegemonia econômica.

O que cria raiva em muitos brasileiros é o fato do Brasil ficar de fora deste grupo de países que cresceram por vários lados no final dos anos 90 e no começo do Novo Milênio como Coreia do Sul, Espanha, Tigres Asiáticos e, é claro, o dragão chinês. Ainda que a China não esteja avançando tanto na qualidade de vida de seus bilhões de pessoas, o país desenvolveu uma política única de crescimento econômico. O Brasil parece que acordou só depois do ano 2000. Fica até difícil julgar as políticas econômicas da transição PSDB-PT.

A China iniciou mudanças com a era *Deng*, entre elas, a concentração de mercados e a criação das ZEEs – Zonas Econômicas Especiais. Houve um boom na industrialização chinesa, que começou em 1978 e se intensificou a partir de 1992. Hoje, com a crise, ela sofreram um insignificante abalo.

Apesar de hoje um país olhar feio para o outro, a aproximação China-EUA foi muito importante para a criação de novos mercados, não só de produtos foi a troca, mas atualmente há um número imenso de mentes *ching-ling* estudando e pesquisando nos EUA e também, americanos que abandonaram o falido *american way of life* para ver de perto o sucesso deste imenso país asiático.

A inserção da China na OMC também ajudou o país a caminhar junto à globalização. Hoje o

gigante chinês tem mercados no mundo todo e aqui no Brasil, não é raro ver olhinhos puxadíssimos falando mandarim e vestidos de terno na Avenida Paulista, em São Paulo, ou até no interior.

Dias atrás meu tio – empresário, sitiante, bem de vida – disse-me que “os chineses” estão oferecendo 1 milhão de reais na propriedade que ele adquiriu há um ano por 300 mil. Meu tio se negou. Agora ele investe pesado no local, construindo um armazém para abrigar sua fábrica.

É possível ver que a cabeça do brasileiro está mudando. No entanto esse brasileiro é só o empresário e alguns outros setores profissionais. O empresariado brasileiro está bom para negociar, está correndo atrás e está alcançando resultados, mas sem a mão do governo, *cumpadi, fica difícil...*

Em 2007, o jornal de negócios *McKinsey Quarterly*³ publicou uma reportagem interessante sobre o Brasil, apontando algumas falhas e dizendo que se essas falhas fosse superadas, o país teria um crescimento sustentável de 7% ao ano. Bom, em 2010 o Brasil cresceu 7,5%, mas esses obstáculos não foram muito bem superados, são eles:

- trabalho informal
- instabilidade macroeconômica
- serviços públicos ineficientes
- falta de infraestrutura

A Economia Subterrânea

O trabalho informal no Brasil ainda é alto, faz parte de cerca de 18% do PIB, fazendo o país perder 200 bilhões de reais anualmente em arrecadações. A informalidade é alta porque não compensa ser profissionalmente correto se há a instabilidade macroeconômica de juros vulneráveis, carga tributária alta e demasiada burocracia, seja para abrir um negócio ou para mantê-lo legal.

Com o crescimento econômico brasileiro, é propenso que o mercado informal continue em singela queda já que novos mercados estão sendo alcançados com maior formalização, e com o aumento do crédito, mais pessoas são estimuladas a deixarem a informalidade para “ganhar dinheiro” prestando contas ao governo. *Fazendo tudo certinho*, como dizem os comerciantes que encontro por aí.

Ainda que seja um desafio, os brasileiros estão tendo mais consciência da importância de ter uma empresa legalizada. No estado de São Paulo, a nota fiscal eletrônica ajudou nesta legalização e

³ THE MCKINSEY QUARTERLY. Cinco prioridades para a Economia do Brasil. IN: www.download.mckinseyquarterly.com/BrazilMGI_Portuguese.pdf . Acesso em 20 out. 2011

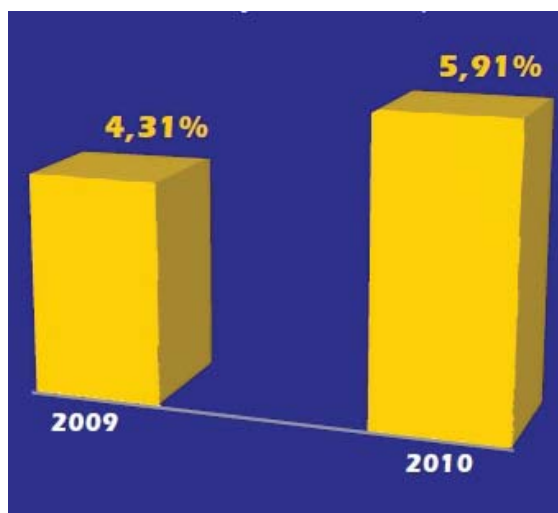
a ideia agora está sendo repassadas para outros estados. Muita coisa nasce em São Paulo e depois ganha o país todo. Está sendo assim como a Lei Antifumo e certamente com algumas políticas econômicas pelo alto nível de industrialização também.

Puxando isso encontramos os serviços públicos no Brasil, que são deficitários e não atendem todo o território para abranger os pontos fortes ligando economia e população. As regiões Sul e Sudeste evoluíram bem mais que as outras e ainda que no governo Lula a prioridade para o nordeste aumentou, o país ainda possui uma das maiores desigualdades sócio-econômicas de todo o mundo. O desenvolvimento, seja ele industrial ou social, carece dos serviços públicos, que muitas vezes são abandonados e vendidos à iniciativa privada. E assim, os custos somente sobem.

A falta de infraestrutura é melhor explicada no capítulo que fala do *PAC* e das políticas públicas brasileiras.

Sendo assim, o Brasil, apesar de conquistar um crescimento bom nestes últimos dois anos (em meio à crise econômica é um crescimento “bom”), tropeça muito nas políticas macroeconômicas. Eu não consigo imaginar até quando a inflação continuará a ser um fantasma na vida dos brasileiros. Bom, é certo que no começo dos anos 90 com o Plano Collor a inflação foi o próprio Satanás, entretanto frente ao nosso desenvolvimento, a inflação não segue esse otimismo todo e continua a assombrar nosso povo, de alguma forma:

Inflação 2009 e 2010



Fonte: IBGE e TCU disponível no relatório “Desempenho da Economia Brasileira”

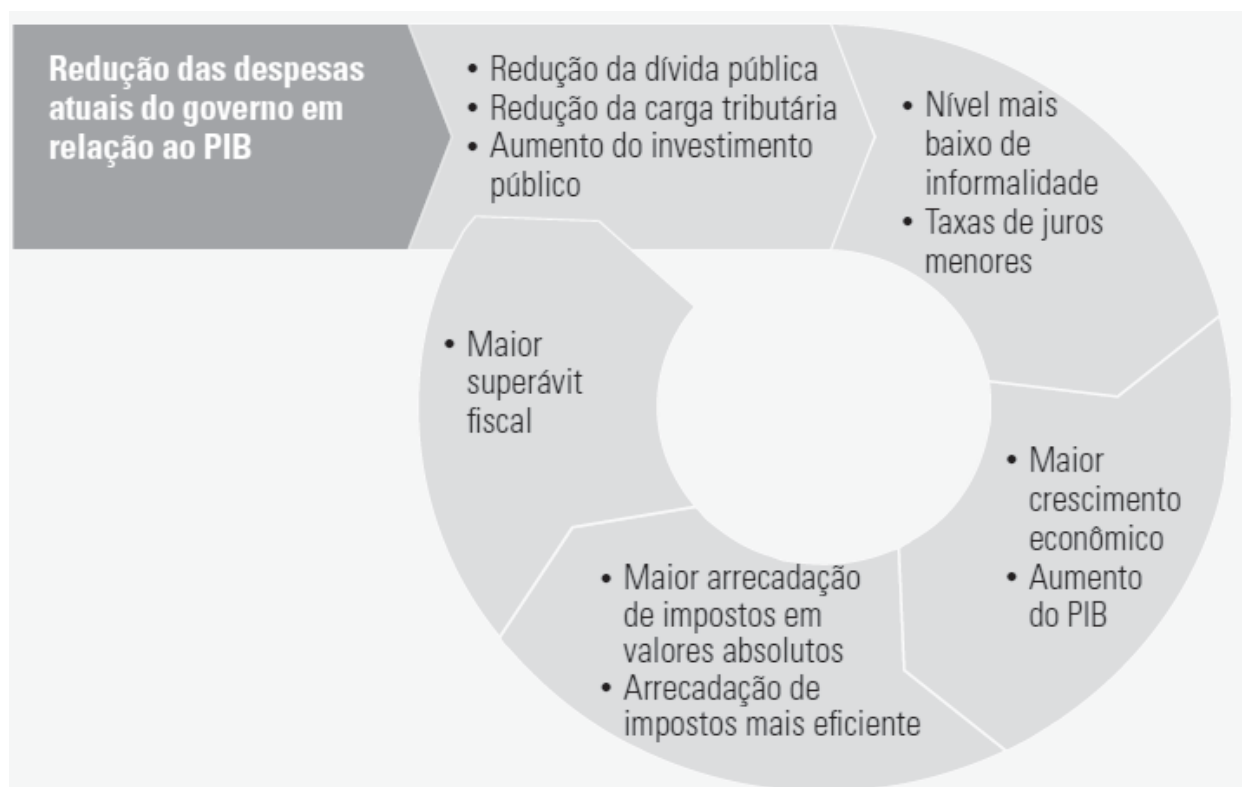
Certas coisas, observando a imagem acima, não fazem sentido. No ano que o Brasil alcançou um crescimento único, a inflação foi maior. Não obstante, é o maior motivo de discórdias

entre economistas. Basta assistir a um programa de debates como o *Roda Viva*, da Cultura ou ao *Entre Aspas* da Globo News.

O economista Marcello Filho, presidente da Associação dos Técnicos e Produtores de Leite do Estado de São Paulo, afirma que os governos podem tentar duas políticas para combater o aumento da inflação e beneficiar nossa indústria: aumentando as ofertas com muito trabalho e tentar ao máximo diminuir o crescimento populacional. Faz sentido o que ele disse, pois a inflação ocorre porque existe uma maior demanda (população) com menos “mercadorias” ofertadas à essa população. Isso, é claro, num médio e longo prazo.

Frente a tais problemas em nosso país, o *McKinsey Quarterly* sugeriu um ciclo interessante que as políticas econômicas do Brasil poderiam seguir. A isso chamaram de “Ciclo Virtuoso”.

Ciclo Virtuoso das Políticas Públicas no Brasil



Fonte: *McKinsey Quarterly Journal*, disponível no artigo “Cinco Prioridades para a Economia do Brasil”, dos autores Heinz-Peter Elstrodt, Martha Laboissière e Bruno Pietracchi

É uma ideia boa, sem dúvidas, no entanto é preciso entender os problemas políticos existentes no Brasil. A *McKinsey Quarterly* não são os primeiros a sugerir essa política de evitar que o país continue gastando muito, e gastando mal.

Se perguntarmos à presidente Dilma, ou ao ministro Guido Mantega, estes vão dizer que o Brasil faz isso que está descrito no *Ciclo Virtuoso*, mas não é verdade. Um dos maiores erros do Brasil é não aplicar de fato uma reforma tributária no país. Como vimos, a China passou a crescer

vertiginosamente após mudanças políticas profundas. Na história do nosso país, após as *Diretas Já*, não houve nenhuma mudança significativa que transformasse nosso modelo econômico. Ora, dizer que o Plano Real mudou muita coisa é verdade. Mas e a base estrutural? E as Leis? A moeda é determinante, mas colocar em circulação uma moeda nova não é baixar um milagre na terra.

Pensando no longo prazo de transformações, digamos, estruturais, de base, nós ainda seremos os grandes exportadores de *commodities*. Com aquilo que o governo divulga, é fácil cairmos na ideia de que o *PAC está sendo a nossa política de mudança radical que vai transformar nossa economia!*

Não, não vai. O PAC, assim como a valorização do real, não é milagroso, o PAC não veio ao Brasil por nenhum deus. No capítulo que falo dos programas políticos, vemos como ele demora a entrar em vigor e a trazer resultados. Os orçamentos são adulterados, obras superfaturadas, lentidão, burocracias, enfim, uma infinidade de *corrupções*.

O *slogan* do governo Rousseff, a partir de 2011 passou a ser “BRASIL – País rico é país sem pobreza”. Eu complementaria, ou mudaria essa frase simples com “...mas país sem pobreza é país industrializado”.

Tudo bem que o Brasil nos últimos ano retirou milhares da linha da pobreza, mais gente migrou para a classe média e o país se safou relativamente bem da crise. O que, de verdade, precisamos ter a consciencia é de que *ainda não está bom*, poderia ser bem melhor. O país não é industrializado a um nível desejado.

Olhando para atrás, na nossa história, vemos que sempre fomos um país muito dependente economicamente, ou seja, também industrialmente.

Primeiro o comércio do pau-brasil, depois a cana-de-açúcar, após isso, o ciclo do café. Temos o “país agrícola”, agora as descobertas do pré-sal. Somos “rei das commodities”.

E hoje, como está nossa indústria?

A palavra certa para explicar a isso é *fortalecimento*. Não por caracterizar nossa indústria como *fortalecida*, mas sim colocar a força como meta para nosso território, que assim como os outros emergentes, passa perrengues para manter a economia estável.

O Brasil precisa de um fortalecimento, também, porque o mundo vai mal. O século XXI caracterizou-se pela depressão do mundo rico. Eixo este que faz girar a dependência do resto do mundo em relação a eles. Pensando assim, o Brasil não tem mais tanta garantia do mercado exportador para o “norte-rico” e por isso precisa inovar e se fortalecer. Resumidamente ampliar as relações com os emergentes e o G20, grupos dos países em desenvolvimento. Não abandonando esse eixo-rico que disse acima.

Segundo os especialistas, o grande motivo pelo qual o Brasil não *caiu* com a grande-atual-

crise é o nosso mercado consumidor interno. Mas como mero seres racionais, é claro que não podemos depender *só* disso e achar que o bolso do brasileiro vai sustentar todo um sistema econômico.

Desde a Idade Moderna aprendemos com as teorias clássicas que a nação precisa ter equilíbrio na sua balança comercial, de modo favorável. País fraco é aquele que não exporta. País fraco é aquele que não acumula riquezas para seu desenvolvimento. Ou como diz o slogan do atual governo federal: *País rico é país sem pobreza*.

A inflação é algo que sempre vai nos preocupar, você precisa manter um olho no crescimento e o outro na inflação

Dilma Rousseff, presidente do Brasil

A Globalização

Adoro o que diz o jornalista norte-americano Thomas Friedman: “A Globalização é profundamente importante. A metáfora de um mundo plano é engenhosa”. Sendo assim, posso afirmar: país fraco é o país fora da *globalização*.

Friedman, especialista da editoria econômica do New York Times, em sua obra-prima *O Mundo é Plano*, relata suas viagens acompanhando o fenômeno da globalização pelo planeta. Segundo ele, o mundo de hoje é plano. A globalização colocou tudo em um só patamar das distâncias curtas em prol das negociações entre os povos. “O achatamento do mundo é uma força positiva para os negócios, para o meio ambiente e para as pessoas do mundo inteiro”, diz Friedman.

O Brasil *vive* isso. Somos o maior reduto de investimentos da atual maior potência econômica mundial – a China. Nossos CEOs mantêm contato com os maiores líderes empresariais do mundo – emergentes ou não. Quem lê a revista Exame sabe do que estou falando.

Por isso é importante o fortalecimento da nossa indústria.

O Brasil precisa melhorar, *ainda mais*, para não deixar a desejar, para não perder para os asiáticos – a ponta direita dos BRICs, que hoje estão crescendo quatro vezes mais que os países desenvolvidos.

As grandes organizações mundiais econômicas: FMI e Banco Mundial, principalmente, avisam que na pós-atual crise as nações emergentes vão alcançar incríveis níveis de crescimento econômico, sobretudo as asiáticas, “ancorando” assim o resto da Economia Global. O FMI aponta

que em 2015 a China já valerá um terço do crescimento mundial. Bom, não é de assustar se imaginarmos que em cada 6 pessoas espalhadas no mundo, uma é chinesa. Tem muito chinês neste mundo!

Frente a isso são necessárias posições estratégicas para o Brasil lidar com a situação e poder subir e competir economicamente a fim de melhorar ainda mais sua economia nesta *grande chance*.

Os pesquisadores da Unicamp, Fernando Sarti e Célio Hiratuka, apontam alguns desafios/oportunidades importantes que o país e sua indústria precisam seguir neste novo cenário que está se formando no ninho da crise mundial.

- manter forte a demanda doméstica, ou seja o mercado consumidor interno precisa continuar forte para o curto prazo
- expandir a indústria no cenário internacional, criando oligopólios fortalecidos na competitividade
- acumular capacitações produtivas e tecnológicas fortalecendo as estruturas, claro, com elevados investimentos

Segundo os autores, a estrutura produtiva deverá reduzir a dependência do mercado doméstico e reforçar seu potencial de crescimento e de acumulação com um intenso processo de internacionalização comercial e produtiva. Ou seja, o Brasil precisa ganhar o mundo e não existe nação que se destaque no mundo sem tecnologia, sem investimentos.

Espelhado na experiência chinesa, o Brasil também tem grandes desafios e oportunidades de crescimento econômico. Na China, os investimentos públicos são altos e sendo assim, o país está se urbanizando muito, ou seja, a demanda por serviços internos é muito grande então isso vem *fortalecendo* o mercado interno a *trabalhar* no país com maior número de empregos em diversos setores, deixando tudo no *mais e mais*, transformando o gigante asiático mais gigante ainda no ciclo de desenvolvimento:

- os investimentos estão em alta;
- há mais pessoas trabalhando;
- a renda do trabalhador aumentou;
- o mercado consumidor funciona com mais dinamicidade já que as pessoas possuem mais dinheiro para gastar

Basta pensar um pouco: Qual essa semelhança com o Brasil?

O PAC!

Sim, sim. A atual situação brasileira coloca o PAC como motor de muita coisa. Muda o país para um grande canteiro de obras. É um bom significado de desenvolvimento e crescimento. Quase tudo que ocorre basicamente na China, ocorre também no Brasil. Claro que em proporções menores. Não cito aqui problemas decorrentes do crescimento como a questão ambiental ou dos direitos trabalhistas do país asiático, mas no geral não podemos negar que tudo isso é um grande motor no qual o país deve se inspirar e botar em prática.

Sabemos que a China possui uma forte característica que o Brasil ainda não possui (e creio que não teremos isso tão cedo). A China é fornecedora para o mundo todo. Seus produtos manufaturados, que hoje não são só os *ching-lings* da vida, fazem a economia do país ser mais dinâmica ainda. A China é o centro da Ásia e centro dos Tigres Asiáticos. A China tem fortes relações com os Estados Unidos (apesar de serem também rivais) e a *China* ainda possui forças para investir pesadamente na América Latina. Além de tudo isso, é um país que mantém parte do seu sucesso incrustada no mercado doméstico!

De fato é uma grande potência! Para um território que já passou por decadências econômicas, humilhação militar e degradação social, é uma grande potência.

Commodities minerais e industriais; manufaturas, alimentos e muita energia são as peças deste país que impressiona mais e mais conforme a crise mundial aumenta e diminui. Sendo assim, o Brasil precisa aprender com eles e sugar as ideias para que o mesmo seja aplicado e diversificado aqui, conforme as devidas proporções. Se mais de 1 bilhão de chineses passam por essa incrível transformação sob efeito da globalização, por que o Brasil também não passaria, com nossos singelos nem 200 *milhões* de habitantes?!

O melhor argumento para que sejamos assim é simples: *País rico é país sem pobreza*, repetindo, *país rico é país INDUSTRIALIZADO!*

Outro ponto interessante quando falamos do crescimento do Brasil e da China nesta última década é o preço das commodities. Na última década elas tiveram absurdas elevações no preço e hoje são o diferencial no crescimento econômico dos países que estão protagonizando o desenvolvimentismo no período de crise mundial. Ao passo que, nos anos anteriores, até mesmo na década de 90, o que impulsionava o crescimento dos países desenvolvidos eram os produtos eletrônicos e de alta tecnologia.

Com a crise econômica atual, o preço das commodities sofreram um “choque”, como diz o economista brasileiro Luiz Gonzaga Beluzzo. Há dados que apontam que a demanda cresceu bem menos do que os preços ocasionados pela inflação. Pela lógica, os preços das commodities deveriam ser parecidos com os valores de crescimento da procura mundial, mas no Brasil, o que tem feito a inflação ficar tão descontrolada é o movimento das classes mais baixas, que agora passam

a ter um aumento de consumo maior, fazendo com que o ganancioso mercado aumente os preços dessas commodities. “Temos hoje uma grande transformação estrutural na Economia”, complementa Beluzzo.

É fácil perceber isso. Basta ir ao supermercado e perguntar aos clientes o que eles acham dos preços. Pode haver respostas diferentes, mas a predominante é que os produtos estão bem mais caros do que antes. Entretanto há este outro lado que diz que apesar de estarem mais caros, hoje grande parte da população *consegue* comprar o que antes a sua renda era incapaz de comprar. Foi o que me disse a dona de casa Cláudia Nascimento: “O que pesa mais é bancar a Educação”.

Crescimento do Comércio dos principais grupos de produtos no mundo (em %):

	2000	2008	Cresc. 2000 – 2008 %
Produtos Agrícolas	8,5	8,4	11,7
Combustíveis e Minério	13,3	22,1	19,3
Combustíveis	10,3	17,9	20
Manufaturas	78,2	65,6	10,5
Ferro e Aço	2,2	3,7	19,3
Automotivo	8,9	7,7	10
Químicos	9	10,7	14,3
Informática, Eletrônica e Telecomunic.	15	9,8	6,1
Vestuário	3,1	2,3	7,8
Têxtil	2,4	1,6	6

Fonte: Organização Mundial do Comércio (OMC).

Nos pólos asiáticos o que os beneficiam é o baixo valor da mão-de-obra. O chinês, por exemplo, é conhecido por trabalhar demais, recebendo um valor, que *até* para os paulistas, seria desumano. É até comum protestos trabalhistas lá, mas como o país é uma ditadura em transição, as forças do governo conseguem calar as forças trabalhadoras. Assim, a mão-de-obra barata facilita a vida do empresário, fazendo com que ele gaste pouco para manter seu quadro de funcionários e passa a investir na indústria para dinamizar a produção, aumentando exportações, lucros, etc.

A Fugini Alimentos é um bom exemplo disso no Brasil. Oriunda do interior do estado de São Paulo, obviamente não recebeu incentivos para ampliar a indústria no interior paulista e por conseguinte foi buscar seu espaço lá em Goiás. E conseguiu. Na cidade de Cristalina, onde tudo é mais barato: terreno para o espaço industrial, mão-de-obra e por fim, impostos. Esses são os grandes corrosivos que atrapalham o empresariado brasileiro a crescer e a se desenvolver nesta *grande chance* rumo ao crescimento econômico.



Terreno adjunto à fábrica da Fugini em Monte Alto: as expansões não param (Foto: Heraldo Soares)

O Bruto Tributo

Troquei algumas ideias com o fundador da *Multicoisas*, senhor Lindolfo Martin. Sua empresa, do ramo de comércio de equipamentos do cotidiano (utensílios para casa, decoração e presentes), ganhou o primeiro lugar em *Melhor Franquia de 2011* pela revista especializada *Pequenas Empresas & Grandes Negócios*.

A curiosidade de saber os desafios e os empecilhos que uma empresa tem em se desenvolver no Brasil foi muito grande. Perguntei para ele o que impede que uma empresa/indústria se desenvolva no Brasil. A resposta *Tributação* não me surpreendeu nem um pouco. Para o senhor Lindolfo, o país precisa urgentemente de uma reforma tributária. “é grande a complexidade tributaria em que vivemos, e também existem diferentes exigências fiscais que mudam de estado para estado, e variam dia-a-dia”.

Complementando, ele desabafou comigo: “Pior que a alta tributação é a complexidade que envolve todos os cálculos tributários, a exemplo a questão da Substituição Tributária, que varia item

a item, por estado. Imagine a complexidade da logística reversa entre estados quando o produto é devolvido, o contribuinte precisa fazer uma maratona para tentar resgatar o imposto já pago por antecipação, neste caso acaba por vezes nem compensando a perda de tempo”.

Explicando melhor, o que ocorre no nosso país é que o contribuinte precisa pagar seus impostos antes de ter recebido pela venda que deu origem à cobrança desses impostos e contribuições.

As indústrias geralmente recebem o pagamento de seus clientes em um prazo médio de 55 dias, conforme dados pesquisados na Fiesp⁴ – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Segundo ela, o descompasso entre o recolhimento do tributo e o recebimento da venda pode chegar a 127 dias, já que as empresas costumam pagar tributos no início da linha de produção dos produtos. Em entrevista ao portal *Brasilianas.org*, que discute políticas sócio-econômicas no Brasil, o presidente da Fiesp, Paulo Skaf, disse que já pediu várias vezes ao governo federal a prorrogação nos prazos de pagamentos de tributos. Skaf disse também, que muitas vezes o empresariado precisa buscar empréstimos e se endividar para pagar as dívidas geradas pelos impostos, já que eles chegam antes da “arrecadação” das indústrias, ou seja, antes que a indústria receba pelos seus serviços e vendas, ela já precisa dar ao governo parte do valor destes bens e serviços. Os capitais que uma indústria poderia usar para investir em contratações e tecnologia, é destinado ao governo, num tempo injusto. Isso é errado!

O fundador da Multicoisas, senhor Lindolfo, desabafa mais um pouco, apontando suas alternativas para esta problemática *impostômica*: “Os governos precisam simplificar, acabar com a substituição tributária, que de exceção esta virando regra. Eles precisam nivelar a diferença de ICMS entre estados. Sei que é matéria complexa em razão dos interesses de cada estado, no entanto uma grande e corajosa reforma tributária é a ação mais importante para criarmos uma melhor perspectiva de futuro para nosso País”.

A “substituição tributária”, que o senhor Lindolfo comentou é o que acontece em nível estadual. Segundo essa forma de tributação, a indústria precisa pagar para o Governo do Estado aquilo que é imposto do comerciante final. Como dito acima, a indústria paga esse valor bem antes de receber o pagamento do comerciante. No pagamento do comerciante, por sua vez, vem o valor do consumo mais o valor devido dos impostos arrecadados pela indústria. Isso ocorre em peso com o ICMS – o imposto sobre circulação de mercadorias e prestação de serviços.

Complicado, não? É o que se indigna o senhor Lindolfo. O governo alega que assim é mais fácil aplicar a correta fiscalização. Mas com um sistema tributário destes, é difícil até sair da

4 FIESP. Gastos Públicos: cortar para crescer. Um novo arranjo para romper o imobilismo. Disponível em: <http://www.fiesp.com.br/economia/pdf/projecao_gastos_publicos.pdf>. Acesso em 29 out. 2011

informalidade do comércio brasileiro.

Vamos expandir um pouco mais o problema da tributação no Brasil.

Recentemente neste ano de 2011 li uma notícia que deixou muita gente abismada, inclusive eu, claro. Em Sumaré (SP) há uma fábrica da Honda, uma das maiores montadoras de veículos do mundo. O México importa carros produzidos em Sumaré. Em 2009 foi lançado no Brasil, *Honda City*, que por sinal é um carrão, sucesso de vendas da Honda aqui.

Certo dia, em circulação de e-mails, no twitter e no facebook haviam vários links de diversos meios de comunicação com a notícia do Honda Civic. Os mexicanos compram um *City* por 25 mil reais! No Brasil, quem quiser um carrão desses a *zero bala* precisa desembolsar nada menos que 53 mil reais! ⁶

– Por quê???

Um dos temas deste capítulo responde este absurdo, é a tributação *uma* das causas. No caso do Honda City, a carga de tributos que vai para o governo brasileiro é de 26,4%.

Ora, mas então não era para custar menos de 50 mil reais, já que na Argentina o preço de venda deste mesmo carro produzido no Brasil custa 38 mil reais e no México ele sai por menos da metade do que aqui pagamos?

É bem fácil de entender. No Brasil foi criada (não sei quando, ninguém sabe) uma cultura de valores altos, em diversos produtos. O brasileiro infelizmente aprendeu a pagar tudo pelo mais caro. Nenhum estrangeiro nunca pronunciou algo como “Vamos lá para o Brasil porque *tal* coisa lá é mais barata!”, diferentemente do que acontece com a China, ou Estados Unidos, e claro, *nuestro hermano* Paraguai. Quem deseja comprar carro *zero* deveria se segurar e obter por semi-novos. Já é uma forma de protesto! Se isso vingasse, certamente os preços dos novos diminuiriam.

Comprei um notebook na Espanha, no período que estudei Jornalismo lá. Em reais, paguei cerca de R\$900, segundo a cotação daquele dia nos 400 euros gastos. No Brasil, seria impossível eu encontrar o mesmo notebook *Dell* por não menos que R\$2.000.

Esse notebook, que agora uso para escrever este projeto, é considerado avançado para o que o Brasil vive atualmente em tecnologia de sistemas operacionais. Esta máquina mesma estava quase indo para a *ponta-de-estoque* do Carrefour da *Macarena*, região norte de Sevilha. E aqui no Brasil é um modelo que tardaria a chegar ou sequer chegaria.

Quero mostrar aqui a importância de se ter um país mais moderno, mais *inovado*, no qual as culturas não tardem a chegar ou não deixem de chegar.

Por que no Brasil tudo vem por último? Por que aqui as tecnologias chegam meses depois e,

⁶ TRINDADE, Fábio. Honda City brasileiro é lançado no México com preço inicial de R\$ 25.800 – Como é possível? IN: <<http://carplace.virgula.uol.com.br/honda-city-brasileiro-e-lancado-no-mexico-com-preco-inicial-de-r-25-800-como-e-possivel>>. Acesso em 14 out. 2011

custando o dobro do que custa nos outros países?

O que acontece é que o Brasil precisa exportar ideias. Precisamos exportar o que é produzido aqui. Ou se estamos fracos na nossa produção de inovações, precisamos “criar” coisas novas a partir de nosso solo. Não quero propor aqui um manifesto de brasilidade, mas sim tentar acordar o brasileiro para a realidade de oportunidades que passa despercebida pela maior parte da população, que é sempre enganada por míseras maneiras de manipulação.

Quando aos tributos, não faz sentido um carro produzido no país sair o dobro mais caro do que o mesmo carro que é levado para ser vendido no México, que nem ao menos faz fronteira com o Brasil.

A alta tributação em cima dos produtos é um dos pilares que *destrói* o brasileiro e o seu bolso, ou seja, acaba com as chances de desenvolvimento dos consumidores.

Não se assuste ao ver a quantidade de tributos brasileiros. É importante lembrar que tributos não são somente *impostos*, mas todo um sistema que abrange taxas, impostos e as contribuições.⁷

Lista de tributos (impostos, contribuições, taxas, contribuições de melhoria) existentes no Brasil:

1. Adicional de Frete para Renovação da Marinha Mercante – AFRMM - [Lei 10.893/2004](#)
2. Contribuição á Direção de Portos e Costas (DPC) - [Lei 5.461/1968](#)
3. Contribuição ao Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FNDCT - [Lei 10.168/2000](#)
4. Contribuição ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), também chamado "Salário Educação" - [Decreto 6.003/2006](#)
5. Contribuição ao FunRural
6. Contribuição ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) - Lei 2.613/1955
7. Contribuição ao Seguro Acidente de Trabalho (SAT)
8. Contribuição ao Serviço Brasileiro de Apoio a Pequena Empresa (Sebrae) - Lei 8.029/1990
9. Contribuição ao Serviço Nacional de Aprendizado Comercial (SENAC) - [Decreto-Lei 8.621/1946](#)
10. Contribuição ao Serviço Nacional de Aprendizado dos Transportes (SENAT) - Lei 8.706/1993
11. Contribuição ao Serviço Nacional de Aprendizado Industrial (SENAI) - Lei 4.048/1942
12. Contribuição ao Serviço Nacional de Aprendizado Rural (SENAR) - Lei 8.315/1991

⁷ Os dados são do Portal Tributário – www.portaltributario.com.br

13. Contribuição ao Serviço Social da Indústria (SESI) - Lei 9.403/1946
14. Contribuição ao Serviço Social do Comércio (SESC) - Lei 9.853/1946
15. Contribuição ao Serviço Social do Cooperativismo (SESCOOP) - art. 9, I, da [MP 1.715-2/1998](#)
16. Contribuição ao Serviço Social dos Transportes (SEST) - Lei 8.706/1993
17. Contribuição Confederativa Laboral (dos empregados)
18. Contribuição Confederativa Patronal (das empresas)
19. Contribuição de Intervenção do Domínio Econômico – CIDE Combustíveis - [Lei 10.336/2001](#)
20. Contribuição de Intervenção do Domínio Econômico – CIDE Remessas Exterior - [Lei 10.168/2000](#)
21. Contribuição para a Assistência Social e Educacional aos Atletas Profissionais - FAAP - [Decreto 6.297/2007](#)
22. Contribuição para Custeio do Serviço de Iluminação Pública - [Emenda Constitucional 39/2002](#)
23. Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional – CONDECINE - art. 32 da [Medida Provisória 2228-1/2001](#) e [Lei 10.454/2002](#)
24. Contribuição para o Fomento da Radiodifusão Pública - art. 32 da Lei 11.652/2008.
25. Contribuição Sindical Laboral (não se confunde com a Contribuição Confederativa Laboral, vide comentários sobre a Contribuição Sindical Patronal)
26. Contribuição Sindical Patronal (não se confunde com a Contribuição Confederativa Patronal, já que a Contribuição Sindical Patronal é obrigatória, pelo artigo [578 da CLT](#), e a Confederativa foi instituída pelo [art. 8, inciso IV, da Constituição Federal](#) e é obrigatória em função da assembléia do Sindicato que a instituir para seus associados, independentemente da contribuição prevista na [CLT](#))
27. Contribuição Social Adicional para Reposição das Perdas Inflacionárias do FGTS - [Lei Complementar 110/2001](#)
28. [Contribuição Social para o Financiamento da Seguridade Social \(COFINS\)](#)
29. [Contribuição Social sobre o Lucro Líquido \(CSLL\)](#)
30. [Contribuições aos Órgãos de Fiscalização Profissional](#) (OAB, CRC, CREA, CRECI, CORE, etc.)
31. Contribuições de Melhoria: asfalto, calçamento, esgoto, rede de água, rede de esgoto, etc.
32. Fundo Aeroviário (FAER) - Decreto Lei 1.305/1974
33. Fundo de Combate à Pobreza - art. 82 da [EC 31/2000](#)

34. Fundo de Fiscalização das Telecomunicações (FISTEL) - [Lei 5.070/1966](#) com novas disposições da [Lei 9.472/1997](#)
35. Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS)
36. Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (FUST) - art. 6 da [Lei 9.998/2000](#)
37. Fundo Especial de Desenvolvimento e Aperfeiçoamento das Atividades de Fiscalização (Fundaf) - art.6 do [Decreto-Lei 1.437/1975](#) e [art. 10 da IN SRF 180/2002](#)
38. Fundo para o Desenvolvimento Tecnológico das Telecomunicações (Funttel) - [Lei 10.052/2000](#)
39. [Imposto s/Circulação de Mercadorias e Serviços \(ICMS\)](#)
40. [Imposto sobre a Exportação \(IE\)](#)
41. Imposto sobre a Importação (II)
42. Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA)
43. Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU)
44. [Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural \(ITR\)](#)
45. Imposto sobre a Renda e Proventos de Qualquer Natureza (IR - pessoa física e [jurídica](#))
46. [Imposto sobre Operações de Crédito \(IOF\)](#)
47. [Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza \(ISS\)](#)
48. [Imposto sobre Transmissão Bens Inter-Vivos \(ITBI\)](#)
49. Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação (ITCMD)
50. INSS Autônomos e Empresários
51. INSS Empregados
52. INSS Patronal
53. [IPI \(Imposto sobre Produtos Industrializados\)](#)
54. [Programa de Integração Social \(PIS\)](#) e Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PASEP)
55. Taxa de Autorização do Trabalho Estrangeiro
56. Taxa de Avaliação in loco das Instituições de Educação e Cursos de Graduação - [Lei 10.870/2004](#)
57. Taxa de Classificação, Inspeção e Fiscalização de produtos animais e vegetais ou de consumo nas atividades agropecuárias - [Decreto-Lei 1.899/1981](#)
58. Taxa de Coleta de Lixo

59. Taxa de Combate a Incêndios
60. Taxa de Conservação e Limpeza Pública
61. Taxa de Controle e Fiscalização Ambiental – TCFA - [Lei 10.165/2000](#)
62. Taxa de Controle e Fiscalização de Produtos Químicos - [Lei 10.357/2001](#), art. 16
63. Taxa de Emissão de Documentos (níveis municipais, estaduais e federais)
64. Taxa de Fiscalização da Aviação Civil - TFAC - Lei 11.292/2006
65. Taxa de Fiscalização da Agência Nacional de Águas – ANA - art. 13 e 14 da [MP 437/2008](#)
66. Taxa de Fiscalização CVM (Comissão de Valores Mobiliários) - [Lei 7.940/1989](#)
67. Taxa de Fiscalização de Sorteios, Brindes ou Concursos - art. 50 da [MP 2.158-35/2001](#)
68. Taxa de Fiscalização de Vigilância Sanitária [Lei 9.782/1999](#), art. 23
69. Taxa de Fiscalização dos Produtos Controlados pelo Exército Brasileiro - TFPC - [Lei 10.834/2003](#)
70. Taxa de Fiscalização dos Mercados de Seguro e Resseguro, de Capitalização e de Previdência Complementar Aberta - art. 48 a 59 da [Lei 12.249/2010](#)
71. Taxa de Licenciamento Anual de Veículo - art. 130 da Lei 9.503/1997
72. Taxa de Licenciamento, Controle e Fiscalização de Materiais Nucleares e Radioativos e suas instalações - [Lei 9.765/1998](#)
73. Taxa de Licenciamento para Funcionamento e Alvará Municipal
74. Taxa de Pesquisa Mineral DNPM - Portaria Ministerial 503/1999
75. Taxa de Serviços Administrativos – TSA – Zona Franca de Manaus - [Lei 9.960/2000](#)
76. Taxa de Serviços Metrológicos - art. 11 da [Lei 9.933/1999](#)
77. Taxas ao Conselho Nacional de Petróleo (CNP)
78. Taxa de Outorga e Fiscalização - Energia Elétrica - art. 11, inciso I, e artigos 12 e 13, da [Lei 9.427/1996](#)
79. Taxa de Outorga - Rádios Comunitárias - art. 24 da [Lei 9.612/1998](#) e nos art. 7 e 42 do [Decreto 2.615/1998](#)
80. Taxa de Outorga - Serviços de Transportes Terrestres e Aquaviários - art. 77, incisos II e III, a art. 97, IV, da [Lei 10.233/2001](#)
81. Taxas de Saúde Suplementar - ANS - [Lei 9.961/2000](#), art. 18
82. Taxa de Utilização do SISCOMEX - art. 13 da [IN 680/2006](#).
83. Taxa de Utilização do MERCANTE - [Decreto 5.324/2004](#)
84. Taxas do Registro do Comércio (Juntas Comerciais)
85. Taxa Processual Conselho Administrativo de Defesa Econômica - CADE - [Lei 9.718/1998](#)

Em setembro de 2011 o Impostômetro já registrava mais de 1 trilhão de reais em tributos pagos pelos brasileiros. O PIB 2010 do Brasil fechou o ano com o valor de 3,6 trilhões de reais. Parece que alguma coisa está errada aí. Como um terço do nosso produto interno é originários dos impostos?

Os Estados Unidos, em 2010 arrecadaram cerca de 2 trilhões de reais em impostos e o PIB deles foi de aproximadamente 17 trilhões de reais. O Brasil é um país invertido quando consultamos os valores entre os países que deram certo e os que “estão na luta”.



Fonte: IBGE, ano 2010.

Entrará em votação no Congresso, um projeto que implantará a obrigatoriedade de todos os produtos no Brasil vir com relatos do valor do imposto. Segundo nossa Constituição de 1988, todo cidadão tem o direito de saber quanto de imposto está pagando por aquilo que consome. Esta legislação tem a minha idade (23 anos), mas até o presente momento estes aspectos ainda não foram regularizados.

No semestre que vivi na Espanha, achava estranho vir escrito nas notas fiscais “18% de I.V.A” e depois de muito tempo descobri que o tal “Iva” é o imposto europeu. Se eu comprasse um chiclete em uma loja qualquer, (exceto muitas *tiendas* de imigrantes) o vendedor me daria uma “notinha” relatando a porcentagem de tributação sobre aquele chiclete! É o certo, precisamos saber

quanto vai para o governo daquilo que consumimos!

A internacionalização das empresas brasileiras. Somos potência?

Quando falamos de crescimento econômico brasileiro, de todo esse sucesso, é de se supor que os investimentos no país aumentaram. Mas, mais do que isso, significa que os brasileiros começaram a investir em outros países. Trabalhamos aqui com dois elementos importantes:

– IDE – Investimentos Diretos Estrangeiros (o quanto países investem no Brasil)
– IBDE – Investimentos Brasileiros Diretos no Exterior (o quanto investimos lá fora)

Pegando os anos 80. Não tivemos um bom desenvolvimento, como digo em outros capítulos. Foi uma década extremamente baixa. A inflação estava alta, tínhamos uma moeda fraquíssima e os investimentos no Brasil eram poucos. As companhias que já estavam aqui estacionaram-se sem expansão.

Nos anos 90 o sistema ainda era muito frágil quanto ao recebimento de capitais estrangeiros e muito menos quanto à transformação das empresas brasileiras em multinacionais. O Brasil não tinha a imagem no exterior que temos hoje. Os IDEs ocorriam na forma de fusões e aquisições, conhecidas como “F&A”.

Em 1995, segundo dizem os especialistas que cobrem a história econômica do país, o Brasil começou a crescer neste processo. Entre os anos de 1995 e 2000, os investimentos diretos no Brasil cresciam a 50% ao ano, mas como no Brasil as F&A ocorriam em abundância, o poder de produção pouco ou nada aumentava, mas sim a força dos grupos unidos em investir cada vez mais.

Vale lembrar que em 1995, 95% dos IDEs mundiais saíam de países desenvolvidos, sendo que 83% destes investimentos eram destinados aos próprios países avançados. Temos a falsa ideia de que os países ricos povoavam os países asiáticos e latinos com suas multinacionais, entretanto, ao pesquisarmos de perto vemos que essas multinacionais dominavam o próprio eixo rico do mundo e aquela *pseuda-presença*, na verdade era forte, mas não tão expressiva quanto nos próprios países de origem.

Essa panorama já estava em intensa mudança nos anos 2000, a famosa década que deu início à queda de boa parte do eixo rico do mundo. Os países em desenvolvimento, como os *Tigres Asiáticos* começaram a surgir fortemente nos mercados. Foi a década de vôo da China, a década em que os BRICs mostraram suas faces e a década em que muitas das maiores indústrias do planeta se

encontram no continente asiático; não mais o sistema EUA-Europa eram “os” hegemônicos.

Dizendo assim parece que os países desenvolvidos agora estão sem esperança, com rumo ao inferno. Mas não é muito bem isso. São inversões e transformações de cenários. A diferença de riquezas/bens que os países ricos possuem ainda é muito maior que as das nações emergentes. Até se compararmos o PIB, com o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), veremos que não é só \$ que faz uma nação rica ou pobre. Há grandes degraus ainda para que alcancemos os valores *deles*. E não é questão de competição, mas sim de busca por espaços e oportunidades.

Também nos anos 2000 a regionalização do país foi crescendo. Hoje também as chamadas fronteiras industriais ganham seus espaços. O Sul e Sudeste do Brasil já não são mais os grandes nichos para se *dar certo* no país. Como é o caso da empresa Fugini, relatada no começo do capítulo, as empresas buscam novas fronteiras industriais na procura de menos tributação e mão-de-obra mais barata, além de espaços mais propícios e, dependendo do ramo, ter uma indústria perto de portos de escoamento para exportações já não é tão importante. A Fugini optou por Goiás.

Também nesta década o Brasil marcou sua tatuagem em commodities no braço direito. Petróleo, mineração, alimentos, além de papel e celulose são os ramos do Brasil mais presentes no exterior.

Não podemos deixar de citar o papel do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES no crescimento brasileiro. Ele foi criado em 1952, mas somente nas últimas décadas passou a fazer a diferença na indústria brasileira, ajudando-a em financiamentos, empréstimos e até colocando o dedo em fusões e aquisições entre grupos, aumentando assim a internacionalização do país.

Os ramos de atuação do BNDES e os valores dos serviços, segundo a própria instituição

R\$ milhões

Discriminação	Desembolso					Aprovação				
	jan-jul	%	últimos 12 meses	%	Δ% 12 meses	jan-jul	%	últimos 12 meses	%	Δ% 12 meses
Agropecuária	5.687	8	10.147	6	15	5.226	6	9.760	5	(8)
Indústria	22.003	32	76.945	47	59	32.129	39	79.934	43	10
Infraestrutura	28.820	42	52.925	32	1	28.431	34	61.594	34	(5)
Comércio e serviços	12.673	18	24.923	15	(2)	17.372	21	32.297	18	(8)
Total	69.183		164.939		22	83.157		183.585		0

Fonte: BNDES Investimentos 2010

O BNDES por regiões

R\$ milhões

Discriminação	Desembolso					Aprovação				
	jan-jul	%	últimos 12 meses	%	Δ% 12 meses	jan-jul	%	últimos 12 meses	%	Δ% 12 meses
Norte	5.248	8	12.511	8	18	6.162	7	10.639	6	18
Nordeste	8.615	12	17.870	11	12	8.999	11	20.078	11	(9)
Sudeste	33.771	49	93.033	56	31	42.042	51	107.497	59	2
Sul	15.706	23	30.112	18	11	18.396	22	33.480	18	4
Centro-Oeste	5.843	8	11.413	7	12	7.559	9	11.892	6	(18)
Total	69.183		164.939		22	83.157		183.585		0

O Brasil é motivo até de chacota por parte do World Competitiveness Yearbook (Ranking Mundial de Competitividade), pois fazemos parte do grupo de países nos quais o sucesso *Business* é totalmente diferente do desempenho da Política.

“O Brasil é muito diferente entre a eficiência dos seus negócios e a eficiência dos seus governantes”, disse o suíço Stéphane Garelli, professor da Universidade de Lausanne. Ele continua seu discurso dizendo que os Estados Unidos estão na mesma situação pois a Política lá está em decadência e ainda afirma que no futuro o desempenho dos governantes vai ser extremamente determinante no sucesso da competitividade do país, ainda mais no advento de tantas crises mundiais que ainda podem estar por vir.



O Brasil nos últimos dez anos quase triplicou seus investimentos no exterior, se seguirmos a tabela acima, vinda do Banco Central, é possível ver isso facilmente.

Já falando dos países em desenvolvimento, retratados como PEDs, os dados surpreendem: em 1995, apenas 5% do mercado internacional de multinacionais eram originárias deste grupo de

países (China, África do Sul, Egito, Taiwan, Argentina, inclusive o Brasil, entre outros, no total 20); já em 2008 esse percentual também triplicou, chegando a 15,6%.

Nós brasileiros estamos bem semelhantes a estes outros países em desenvolvimento (também conhecido por grupo G20)

Segundo a UNCTAD, um órgão das Nações Unidas responsável pelo desenvolvimento econômico através do comércio, as maiores empresas transnacionais dos PEDs atualmente são:

- *CITIC* – Grupo *China* International Trust and Investment Corporation (China)
- *Hutchison Whampoa* – portos, energia, indústria hoteleira, etc. (Hong Kong)
- *Petronas* – petróleo e gás (Malásia)
- *Hyundai, LG, Samsung* – veículos, eletrônicos (Coreia do Sul)
- *Tata Steel* – aço, energia, automóveis, hotelaria, etc. (Índia)
- *Cemex* – cimentos e outros produtos da construção civil (México)
- *Companhia Vale do Rio Doce e Petrobrás* – mineração, siderurgia, energia, petróleo **(Brasil)**

Segundo a UNCTAD, o número de multinacionais brasileiras e a quantidade de empresas estrangeiras que atuam no Brasil ainda possui uma grande diferença. Os dados de 2009 mostraram que o Brasil fez 274 operações no exterior, sejam elas compras/fusões ou expansão de filiais. Já o número de operações que vieram de fora para o nosso país foram 977!

Na América Latina nós somos sucesso, representamos quase metade das multinacionais espalhadas pelo mundo, mas em comparação com os PEDs, Em todo o planeta, apenas meio por cento das empresas “globalizadas” são brasileiras e entre os PEDs, a taxa é de míseros 3,2% entre os 20 países.

Ainda é muito pouco para um país que está no *gás* em seu desenvolvimento industrial.

Novos projetos de investimentos de empresas brasileiras no exterior – 2004-2009

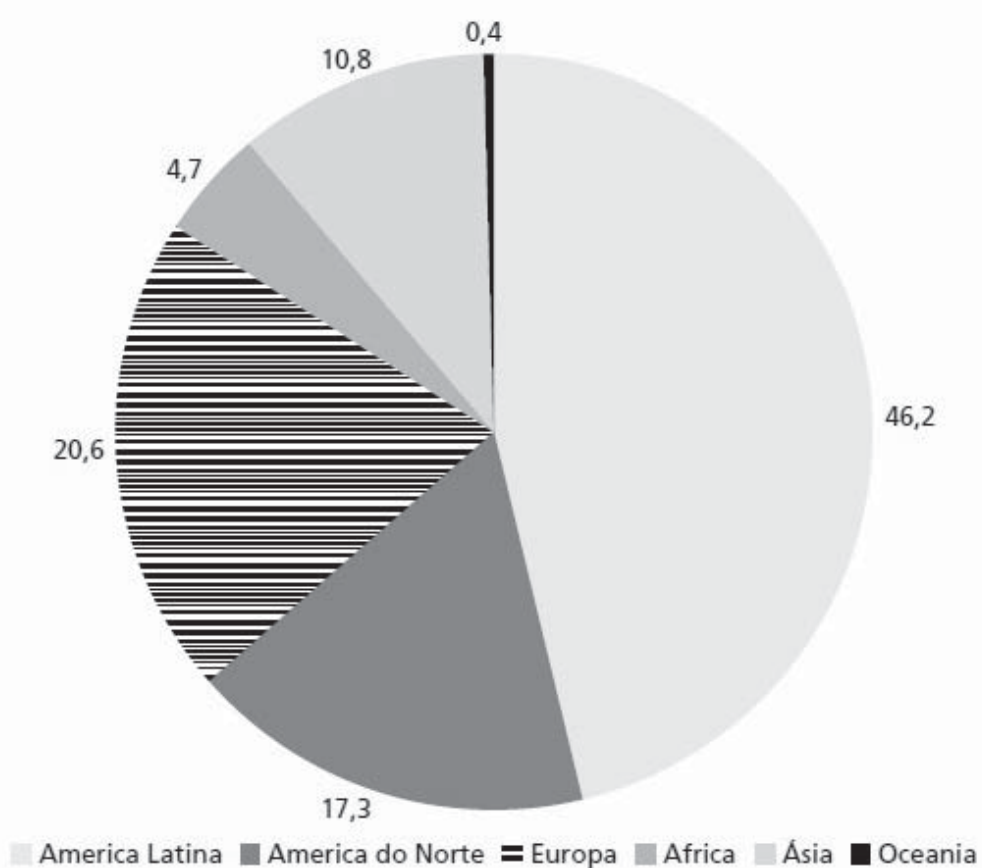
IDE <i>greenfield</i> realizado no exterior	2004	2005	2006	2007	2008	2009 ⁽¹⁾
Número de projetos realizados	40	34	39	64	97	16
Brasil/países em desenvolvimento	3,1	2,6	2,2	3,8	3,8	3,2
Brasil/América Latina e Caribe	25,3	42,0	31,0	29,0	47,3	27,6
Brasil/mundo	0,4	0,3	0,3	0,5	0,6	0,5
IDE <i>greenfield</i> recebido do exterior	2004	2005	2006	2007	2008	2009 ⁽¹⁾
Número de projetos recebidos	261	170	149	152	245	51
Brasil/países em desenvolvimento	5,4	3,8	2,8	3,1	3,3	3,1
Brasil/América Latina e Caribe	32,3	30,4	25,9	19,4	22,2	20,2
Brasil/mundo	2,6	1,6	1,2	1,3	1,6	1,5

Fonte: UNCTAD, com base em informações do *Financial Times FDI Markets*.

Nota: (1) De janeiro a março.

Quanto à localização destas empresas brasileiras, quase a metade foram parar na América Latina, especialmente em território argentino, por conta da proximidade e pela cordialidade entre os países do Mercosul. Os dados são da Fundação Dom Cabral, considerada a 5ª melhor escola de negócios pelo Financial Times, localizada em Belo Horizonte.

Localização das filiais das maiores multinacionais brasileiras por região – 2008 (Em %)



Fonte: FDC (2009).

Ranking das 20 maiores multinacionais brasileiras com seus respectivos ramos:

Vinte maiores multinacionais brasileiras por ativos no exterior – 2008

Rank	Empresa	Setor	Ativos no exterior (US\$ milhões)	Exterior (%)
1	Vale	Mineração	52.167	52
2	Gerdau	Siderurgia/metalurgia	20.375	63
3	Petrobras	Energia	14.441	13
4	Votorantim	Commodities	7.426	10
5	Odebrecht	Construção	4.434	20
6	Embraer	Aeronáutica	4.379	39
7	Marfrig	Alimentos	1.765	35
8	Camargo Corrêa	Construção	1.733	16
9	Ultrapar	Distribuição de combustíveis	515	10
10	WEG	Motores	474	18
11	Tigre	Material de construção	393	46
12	Andrade Gutierrez	Construção	353	3
13	Marcopolo	Ônibus e peças	216	16
14	América Latina Logística	Transporte	167	3
15	Lupatech	Metal-mecânica	163	18
16	Itautec	Serviços de TI	130	20
17	Sabó	Autopeças	125	49
18	Oi	Serviços de telecomunicação	119	0
19	Perdigão	Alimentos	108	2
20	Aracruz	Celulose	105	2

Fonte: FDC (2009).

Os autores Célio Hiratuka e Fernando Sabattini classificaram as estratégias de internacionalização das empresas brasileiras em três grupos:

- *liderança global*: aquelas que geralmente se expandem por fusões e aquisições e tem o poder de grande movimentação do mercado financeiro, valorizando suas ações. É o caso da Petrobrás e da Vale. A AMBEV também é um bom exemplo, pois após a sua fusão com o grupo belga *Interbrew*, tornou-se a maior produtora de cervejas do mundo.
- *Acumulação de capitais com melhorias na competitividade*: não almejam ser liderança/monopólio, mas sim complementam corredores de exportação, reforçando ativos comerciais no exterior. Temos por exemplo, a Gerdau e a CSN – Companhia Siderúrgica Nacional, além da Embraer e as empresas do ramo de sucos cítricos, como a Citrovita. Também temos neste grupo as construtoras, como a Odebrecht e a Camargo Corrêa.

- *estratégias defensivas*: se internacionalizaram na tentativa de diminuir custos de produção e aumentar a competitividade. Geralmente essas empresas praticam a terceirização e a divisão de processos produtivos – por exemplo: uma peça vem da Argentina para São Paulo para terminar a linha de montagem e assim por diante. A Coteminas, do nosso ex-vice-presidente, já falecido, José de Alencar é um bom exemplo deste tipo de transnacional.

Enfim, também foram vários os motivos que fizeram aumentar a presença do Brasil lá fora e aumentar também a vinda de capitais para o Brasil.

A valorização do real ajudou para que brasileiros fossem buscar espaço no estrangeiro. E, por outro lado, o aumento do mercado consumidor do país atraiu investidores de vários cantos, sendo predominantes chineses e norte-americanos.

O crédito ao brasileiro aumentou bastante após a criação, em 2007, da PDP – Política de Desenvolvimento Produtivo, entretanto, mais do que isso foi a atuação do BNDES em financiamentos. Essas duas ações interagiram especialmente com as indústrias de commodities como agronegócio e papel e celulose.

A tabela é deste ano de 2011. A Revista Exame encontrou dados da quantidade de empresas brasileiras e o quanto são suas respectivas vendas. Na verdade são as 500 maiores empresas atuantes em território nacional:

Maiores Empresas Brasileiras

Maiores empresas	Nacionais	Estrangeiras	Estatais
Quantidade	272	191	37
Vendas	37,00%	42,00%	21,00%

Fonte: Revista Exame Edição Especial 2011

Sendo assim, após este breve estudo é simples ver que o Brasil tomou mais seu espaço, principalmente após os anos 2000. A exportação de commodities ainda é a chave de entrada do Brasil em outros territórios e nele mesmo. É um fator totalmente ligado ao crescimento econômico brasileiro dos últimos anos.

Falo das commodities agrícolas, mas a mineração também é forte. Temos a Vale do Rio Doce que é, junto com a Petrobras nossas maiores multinacionais que levam minérios e etanol para diversos locais do mundo.

E além do mais, vale ressaltar aqui nosso território, extremamente rico em jazidas e em bacias de exploração petrolífera, principalmente com a recente descobertas da camada pré-sal. Etanol então, já é impossível mensurar o quanto ele está ganhando o mundo, saindo daqui do nosso lado.

Também houve uma plausível mudança no cenário e as taxas entre IDE e IBDE tem aumentado para ambos os lados, mostrando assim que o Brasil ainda pode se expandir mais para melhorar as relações de comércio com os emergentes asiáticos e gerar mais riqueza, mais crescimento econômico para o país.

E quem sabe assim o senhor Koji Fugita não cria mais uma filial da Fugini no Uruguai e amplia as relações no Mercosul, criando mais empregos nos dois países e ao mesmo tempo trazendo mais capitais para o Brasil, deixando ativos no país vizinho? Afinal, o mundo é um só, ele é *plano*. É quente, plano, e, *lotado*!

CAPÍTULO 6

O melhor país do mundo

Parece a ditadura, só que sem a parte militar, é uma enorme repressão fazendo o povo se matar. Querem progredir na Economia, mas assim, como evoluir se a Educação é tão ruim?!

- Matheus Melchior, estudante de Engenharia, autor de vídeos virais no Youtube, em um protesto bastante criativo ¹

Em 1941 o austríaco Stefan Zweig publicou a obra *Brasil, país do futuro*, expondo seu caso de amor com nosso país. Lá ele fala de nossa natureza, de nossa gente e do espírito brasileiro. É um livro político que retratou o Brasil ao mundo em uma época que o nosso país era totalmente desconhecido.

Agora o Brasil não precisa mais de escritores que o levem para o mundo. Já estamos inseridos nele, sendo um dos mandatários da globalização no planeta.

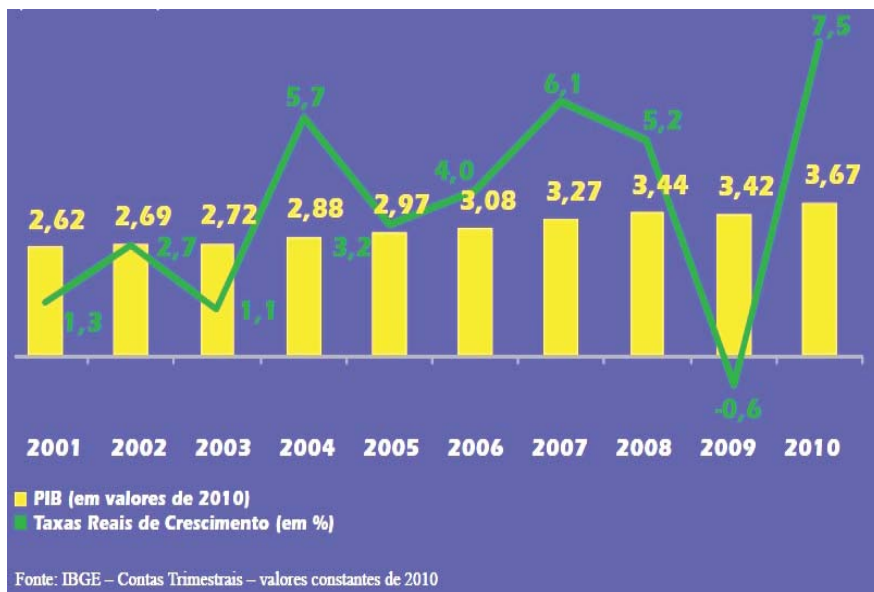
Escrevo este final muito satisfeito por perceber que mais um sonho é realizado. Não sei ao certo qual modelo de mídia irei exercer esta função tão essencial na humanidade que é o Jornalismo. Só sei que aonde for, continuarei a buscar por entender melhor este país incrível e assim, repassar ao público os conteúdos que todos merecem ter para viver melhor a sociedade brasileira deste momento.

Para boa parte dos entrevistados que me ajudaram eu perguntava se o Brasil havia melhorado. Todos disseram “sim”. Então eu não seria tolo de responder “não”. E nem por contradição de jornalista. É por verdade. É por descobrir que o país melhorou!

O diagrama abaixo ilustra números de crescimento brasileiro:

¹ MELCHIOR, Mateus. Novo Sistema. IN: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZERI-W4acSE>>. Acesso em 22 out. 2011

Taxas de Crescimento Econômico e valores do PIB em trilhões de dólares



Este foi o pontapé inicial do meu trabalho e o que me deixou mais satisfeito ainda foi poder expandir e não me reter somente aos valores de gráficos como este. Pude opinar sem medo dos resultados e sem medo de alguém ler o trabalho e dizer que está errado ou que fui partidário.

Se o Brasil é o melhor país do mundo?

Bom, eu poderia dizer que sim, pois já vivi fora daqui e vi como aqui é *gostoso* e divertido de se viver: pessoas legais, comida boa e muitos, mas *muitos* sorrisos. Tudo aquilo de bom que contagiou o austríaco Stefan Zweig em seus anos vividos no Brasil.

Eu prefiro reformular e dizer que era para o Brasil ser o melhor país do mundo. Deveríamos ser o melhor do mundo.

Assim como relatei no primeiro capítulo, eu disse à minha turma espanhola de Jornalismo Econômico que éramos para ser o melhor país do mundo para se viver, entretanto nossa História é suja e continua sendo imunda, principalmente pela falta de governos honestos nas diversas esferas entre poderes municipais, estaduais e federais.

Digo com toda a certeza que a principal causa que impediu de ser a melhor nação do mundo é a corrupção.

E melhor nação não quer dizer *potência econômica*. Os EUA não são os melhores. Há mais fatores como a qualidade de vida e a felicidade, eu diria, já que é o que as pessoas mais buscam ao longo de suas vidas.

Em 2010 a revista Newsweek lançou a lista com os melhores países do mundo para se viver. Baseando-se em cinco critérios: saúde, dinamismo econômico, educação, ambiente político e qualidade de vida. Apesar do longo período de inverno, a Finlândia ganhou, seguida em segundo lugar pela Suíça.

Estive na Suíça por só dois dias em fevereiro deste ano de 2011. Este pouco tempo já me fez enxergar o porquê deste país estar em 2º lugar na lista. A Suíça é um país único que se isolou do resto da Europa. Não defendeu lados durante os períodos de guerras e nem ao menos entrou na União Europeia. É um país menor que a região espanhola da Andaluzia e com muita força consegue até hoje sobreviver com os francos suíços, apesar de muitos lugares lá aceitarem euros. Em Genebra passei por uma grande porção de jardins próximos à ONU e ao *Lac Lemán* – um dos maiores da Europa Ocidental. Fiquei muito espantado por ver a terceira idade lá tão ativa fazendo exercícios numa manhã de final de inverno. Eram de idades variadas, alguns talvez, perto dos 90, com ou sem cães por perto. No *Lac Lemán* eu e meus pais podemos dar voltas e voltas de graça. Isso, na maior cordialidade, o capitão do barco dizia *Come in, come in* (“Entrem, entrem!”).

Na volta ao Brasil tive a sorte de vir acompanhado de uma senhora muito simpática no voo Madrid – São Paulo. Era uma brasileira que vive na Suíça há 35 anos como tradutora de alemão. Boa parte da viagem viemos conversando, inclusive uma das melhores conversas que tive no “estrangeiro”. Ela me disse que lá tudo era especializado. Tudo que eles fazem tem a Educação para ajudar. Até em funções mais simples, que no Brasil não exige nada, lá eles *estudam* para se especializarem.

Outra coisa que me chamou a atenção quanto à vida suíça são os impostos. A tradutora não me disse os valores, mas dizia ser muito caros. Por outro lado o salário mínimo é de 3000 francos (aproximadamente 6000 reais). Já o salário médio dos suíços é de 5410 francos. Estão entre os maiores do mundo, junto com os países escandinavos.

Se já não bastasse minha surpresa, começamos a falar sobre a corrupção brasileira, principalmente quanto à aprovação de leis. Minha nova amiga me disse que tudo que passa no território suíço é votado por *toda* a população. Ela citou os exemplos do aumento dos salários dos governantes suíços. Lá, se o povo não quiser, o salário do Poder Público não sobe. Aqui no Brasil é vergonhoso, no mínimo. Tudo acontece sem o consentimento da população. Se os governantes quiserem aumentar em 100% seus salários ou aumentar o tempo para o contribuinte aposentar-se, *eles podem*. Se deputados e senadores não resolvem, a bomba vai para o Supremo Tribunal Federal e assim os governantes brasileiros vão decidindo o futuro do país sem qualquer consulta. Bons tempos foram aqueles dos referendos...

Sinceramente eu não sei se seremos os melhores do mundo assim como muitos especialistas por aí projetam. Estamos na 48ª posição do ranking da Newsweek. Quem já viveu em um país desenvolvido sabe o que estou querendo dizer.

Sabem o que é andar tranquilamente pelas ruas até de madrugada sem ser incomodado por nenhuma suspeita de violência. Sabe o que é viver com saúde de qualidade, sem o transtorno de um sistema único de saúde público como o brasileiro. Sabe o que é manter os seus filhos na escola tendo a certeza de que eles estão aprendendo e irão para a universidade.

A diferença entre ricos e pobres ainda será nossa grande doença provocada em grande parte pela corrupção.

Tive uma conversa interessante com meu professor de Antropologia Cultural Cláudio Bertolli. Eu buscava respostas antropológicas para as problemáticas do assunto deste trabalho. Ele me explicou que a partir dos anos 90 a Nova Ordem Mundial passou a implantar profundas mudanças no Plano do Neoliberalismo. Essa reformulação econômica deixou de lado uma transformação nas esferas socioculturais.

Sendo assim temos que a Globalização é o processo econômico e a Pós-Modernidade é o processo cultural desta Nova Ordem.

Conforme entendi o que o professor me explicou, o Brasil vive uma ambiguidade neste contexto pois esta modernização da Cultura só está sendo consumida pelos grupos brasileiros com maior poder aquisitivo. E os mais pobres continuam sendo excluídos do processo da modernização, ou seja, excluídos da tecnologia e do processo, digamos, *globalizacionário*. Segundo Bertolli, a cabeça dos mais pobres continua tradicionalista.

Confesso que durante o tempo escrevendo este livro, tive posturas bastante “nervosas” de indignação e alguns entrevistados, como o jornalista Sérgio Leo e o produtor John Carter, me ajudaram a entender que o Brasil está melhor do que eu imaginava. Talvez por distância que tenho de alguns fatos, não sabendo de tudo que ocorre por aí.

Conversando com o Sérgio Leo, perguntei se ele acredita que o Brasil é uma plutocracia (governo exercido pelos ricos). O jornalista então me disse calmamente que somos um dos países mais democráticos da América do Sul e dos BRICs. Concordei sim com ele, até pensando nas tantas ditaduras que existem por aí e que começaram a cair como a líbia e a egípcia. Além disso a globalização está engolindo os que vão ficando. Em novembro de 2011 o governo cubano autorizou seus cidadãos a comprarem duas casas ao invés de só possuírem uma. Quando vi a notícia fiquei abismado! Não sabia que Cuba ainda estava neste atraso. Antes eles só podiam ter uma casa e não podiam vendê-la, tinham que trocar por outra. Isso causava um tremendo déficit imobiliário. Acho

que lá eles costumavam viver em 10 numa numa moradia só. No caso de Cuba, eles estão bem mais avançados que os brasileiros na qualidade de vida, agora o jeito é impulsionar a Economia. É interessante comparar esses diversos lados. Dos critérios da Newsweek o Brasil só vem alcançando o dinamismo econômico.

Enfim, penso que o Brasil é um país único. Ele pode ser o melhor do mundo para mim e para você, mas, no fundo temos que ser realistas e dar-nos conta de que isso não é verdade. O mundo passa agora por uma crise econômica / política / existencial e, ainda que o Brasil esteja sem tsunamis (como lembrou a Dona Lurdes) e sem recessões, temos que trabalhar para um país melhor.

Se contentar com pouco? Isso é para países fracos!

Que não sejamos assim!

Não se pode mais aceitar a crença economicista de que o crescimento do PIB representa tudo e vai resolver por si só todos os problemas econômicos e sociais do país

Augusto Franco, é escritor, consultor
e autor de “O lugar mais desenvolvido do mundo”

REFERÊNCIAS

AIRAS, Juan. Por qué Brasil no tiene indignados? **El País**, Madrid Espanha. 07 jul. 2011. Disponível em:

<http://www.elpais.com/articulo/internacional/Brasil/tiene/indignados/elpepuint/20110707elpepuint_9/Tes>. Acesso em 15 out. 2011.

ALMEIDA, P. Roberto de. O papel dos BRICs na economia mundial. In: **Cebri- Icone Embaixada Britânica Brasília: Comércio e Negociações Internacionais para Jornalistas**. Rio de Janeiro. 2009

ANDRÉ TRIGUEIRO (Rio de Janeiro). **Indústrias brasileiras se destacam com medidas ecoeficientes**. Programa semanal da Globo News TV. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2011/11/reduzir-o-desperdicio-na-industria-traz-beneficios-economicos-sociais-e-ambientais.html>>. Acesso em: 01 nov. 2011.

BARROS, Ricardo P. de & FOGUEL, Miguel N. Focalização dos gastos públicos sociais e erradicação da pobreza no Brasil. In: Henriques, Ricardo (org.), *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro, IPEA, 2000.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social. Bolsa Família. Disponível em <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>

BRASIL, Ministério do Planejamento. O Monitoramento Intensivo e o Programa de Aceleração do Crescimento . Disponível em: <http://www.planejamento.gov.br/secretarias/upload/Arquivos/seges/prodev/arquivos/prodevARQ_Rafael_18nov.pdf> . Acesso em 06 out. 2011

BRASIL, Ministério do Planejamento. Apresentação do PAC 2. Disponível em: <http://www.planejamento.gov.br/PAC2/anexos/Apresentacao_1Balanco_PAC2_Ministra_Miriam_Belchior.pdf> . Acesso em 10 out. 2011

CABRAL, Otávio. O crack virou epidemia. **Veja**, São Paulo, n. , p.17-19, 16 nov. 2011. Semanal.

CHANNEL 4 (Reino Unido). **A Grande Farsa do Aquecimento Global**. Disponível em: <<http://vimeo.com/1763687>>. Acesso em 11 nov. 2010

DANTAS, Guilherme A.; LEITE, André. Os Custos da Energia Eólica Brasileira. **Grupo de Estudos do Setor Elétrico - Gesel**: Instituto de Economia - UFRJ, Rio de Janeiro, n. , p.2-5. Disponível em <<http://www.nuca.ie.ufrj.br/gesel/tdse/TDSE9.pdf>> Acesso em 23 out. 2011.

DENATRAN - DEPARTAMENTO NACIONAL DE TRÂNSITO (Brasília). **Mapeamento das Mortes por Acidentes de Trânsito no Brasil**. Disponível em: <<http://portal.cnm.org.br/sites/9000/9070/Estudos/Transito/EstudoTransito-versaoconcurso.pdf>>. Acesso em 01 nov. 2011.

ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. **Focus Brazil**. Disponível em: <<http://www.economist.com/blogs/dailychart/2011/11/focus>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

ESTADOS UNIDOS. Agência Central de Inteligência Norte-americana - Cia. The World Factbook. **Country Comparison - Oil Production**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/br.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (FIESP). **Gastos Públicos: cortar para crescer. Um novo arranjo para romper o imobilismo**. Disponível em: <http://www.fiesp.com.br/economia/pdf/projecao_gastos_publicos.pdf>. Acesso em 29 out. 2011.

FRANCO, A. de. Por que precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável?. In: **Separata da Revista Século XXI**. N. 3. Millenium – Instituto de Política: Brasília, 2000.

FRIEDMAN, Thomas L. O mundo é plano: uma breve história do século XXI. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

FRIEDMAN, Thomas L. Quente, plano e lotado: os desafios e oportunidades de um novo mundo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

FUNDAÇÃO DOM CABRAL. Disponível em <<http://www.fdc.org.br>> Acesso em 21 out. 2011

GOOGLE. Google Maps. Disponível em <<http://www.maps.google.br>> Acesso em 14 set. 2011

GORE, Al. **Uma Verdade Inconveniente**. Plantation Productions. Disponível em: <<http://vimeo.com/24857305>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

GRISOTTI, Márcia ; Gelinski, Carmen Rosario Ortiz G. . Visões parciais da pobreza e políticas sociais recentes no Brasil. Revista Katálisis (Impresso), v. 13, p. 210-219, 2010.

HAKKERT, Ralph. **Demografia de negócios: campo de estudo, tendências e possibilidades**. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/Demographicas3/demographicas3artigo119a73.pdf>>. Acesso em 14 out. 2011.

INATOMI, T. A. H. ; UDAETA, M. E. M. . Análise dos Impactos Ambientais na Produção de Energia dentro do Planejamento Integrado de Recursos. In: III Workshop Internacional Brasil - Japão: Implicações Regionais e Globais em Energia, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2005, Campinas - Brasil. Anais do III Workshop Internacional Brasil - Japão: Implicações Regionais e Globais em Energia, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2005.

JACCOUD, Luciana . Proteção social no Brasil: debates e desafios.In. Concepção e gestão da proteção social não contributiva no Brasil. 1 ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e UNESCO, 2009, v. , p. 57-86.

KANITZ, Stephen. **Salvem as florestas temperadas!** Disponível em:
<<http://www.kanitz.com.br/veja/florestas.asp>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

LUZ, Amanda. Agricultura brasileira mostra como alimentar o mundo, diz Economist **Exame**, São Paulo, 27 ago. 2010. Disponível em:
<<http://exame.abril.com.br/economia/brasil/noticias/milagre-agricultura-brasileira-mostra-como-alimentar-mundo-diz-economist-591488>>. Acesso em 17 out 2011.

NOVO, Aguinaldo. Na Era Lula, lucro recorde dos bancos: R\$ 199 bilhões. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/post/2011/02/26/na-era-lula-lucro-recorde-dos-bancos-199-bilhoes-365833.asp>>. Acesso em 20 nov. 2011

Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Universidade de Campinas (NEPP - Unicamp) <<http://www.nepp.unicamp.br/>>

O BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO. Disponível em
<<http://www.bndes.gov.br>>. Acesso em 21 out. 2011

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT.

Infographic on GDP Forecast Across the World. Disponível em:
<<http://www.onlinemarketing-trends.com/2011/02/infographic-on-gdp-forecast-across.html>>. Acesso em 23 nov. 2011

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (Brasil). **Objetivos de Desenvolvimento do Milênio:** Relatório nacional de acompanhamento. Disponível em:
<<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>. Acesso em: 23 set. 2011

SALOMON, Marta. Com transposição, São Francisco pode atender 215 cidades. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo. 21 mar. 2011. Disponível em:
<<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,com-transposicao-sao-francisco-pode-atender-215-cidades,694866,0.htm>> Acesso em 20 out. 2011.

SAYURI, Juliana; MANIR, Mônica. **Pra onde vai esse trem?** O Estado de S. Paulo. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,pra-onde-vai-esse-trem,792431,0.htm>>. Acesso em: 30 out. 11.

SCOTT CONSULTORIA AGRÍCOLA. United States Department Of Agriculture. **Reorganização dos principais exportadores de carne bovina.** Disponível em:
<<http://www.nftalliance.com.br/reorganizacao-dos-principais-exportadores-de-carne-bovina/>>. Acesso em: 28 set. 2011.

SENDIN, Tatiana. A vida do RH no Pleno Emprego. **Você Rh: O Brasil Pleno Emprego**, São Paulo, n.18 , p.22-29, out. e nov. 2011.

THE ECONOMIST (London). **How to feed the world:** The emerging conventional wisdom about world farming is gloomy. There is an alternative . Disponível em: <<http://www.economist.com/node/16889019>> Acesso em: 25 nov. 2011.

THE ECONOMIST. **Como alimentar o mundo:** O senso comum emergente sobre a agricultura mundial é desolador. Há uma alternativa.. Disponível em: <<http://labexkorea.files.wordpress.com/2010/09/the-economist-como-alimentar-o-mundo.pdf>> . Acesso em: 21 nov 2011.

THE WORLD BANK. **World Development Report 1990: WORLD DEVELOPMENT INDICATORS.** Poverty. Disponível em: <http://www.wds.worldbank.org/external/default/WDSPContentServer/WDSP/IB/2000/12/13/00017883098101903345649/Rendered/PDF/multi_page.pdf> . Acesso em 19 out. 2011

Tribunal de Contas da União (TCU). <<http://www.tcu.gov.br/contasdogoverno>>.

TV NBR (Brasil). **BOLSA FAMÍLIA - Rádio Amazonas FM, de Manaus (AM).** Youtube.com. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=K0miZ3hSA9o>>. Acesso em: 22 set. 2011.

TV NBR. **Ministro Edison Lobão explica que hidrelétrica de Belo Monte não vai prejudicar indígenas.** Youtube.com. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=aFrQ5CkxZkg>> . Acesso em 23 nov. 2011.

MARQUES, Eliana. O Milagre Econômico da China: o paralelo entre o crescimento chinês e o brasileiro. São Paulo: Saint Paul, 2009.

OLIVEIRA, C. R. . Neoliberalismo, Globalização e crises econômicas. Revista Jurídica Praedicatio v. I, p. 01-15, 2009.

PINTO, E. C. . A inserção externa brasileira e a crise internacional: oportunidades e ameaças sob a dinamica do eixo sino-americano. Economia Política do Desenvolvimento, v. 3, p. 39-74, 2010.

PORTAL TRIBUTÁRIO. Os Tributos no Brasil. Disponível em:
<<http://www.portaltributario.com.br>> Acesso em 25 set. 2011.

REVISTA EXAME. Maiores Empresas por Vendas em 2010. Edição Especial 2011

ROMITA, Arion S. Globalização da economia e direito do trabalho. São Paulo: São Paulo: Ltr, 1997.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SARTI, Fernando e HIRATUKA, Célio. Investimento direto e internacionalização de empresas brasileiras no período recente. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA, São Paulo, 2011.

SOARES, H. J. M. . La Evolución de la Economía Brasileña: Análisis de los periódicos El País y Estadão. Sevilha, Espanha: Facultad de Comunicación, Universidad de Sevilla, 2011.

SPENCE, Michael. Os Desafios do Futuro da Economia: o Crescimento Economico Mundial nos Países Emergentes e Desenvolvidos. São Paulo: Campus Elsevier, 2011.

THE MCKINSEY QUARTERLY. **Cinco prioridades para a Economia no Brasil.** Disponível em: <http://download.mckinseyquarterly.com/BrazilMGI_Portuguese.pdf>. Acesso em 20 out. 2011.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD).. World Investment Report. **Transnational Corporations Agricultural Production and Developmente.** New York; Genebra: United Nations, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Universitária. **Como fazer referências.** Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br>>.

Acesso em: 05 nov. 2011.

ZWEIG, Stefan. Brasil, país do futuro. IN: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paisdofuturo.html>>. Acesso em 17 out. 2011

AGRADECIMENTOS

Muitos foram o que me confiaram a construir este projeto experimental, que talvez ainda esteja longe de ser um livro profissional.

Os anos que passei em Bauru foram sem dúvida os mais importantes da minha vida e os levarei para sempre: conhecimento, sabedoria, intercâmbio, amigos, família e Deus. Preciso agradecer aos meus pais. O Cidão sempre gostou de assistir aos telejornais, sejam os sensacionalistas ou não e isso ajudou a criar em mim um gosto sem limites pelos fatos e pela discussão do mundo, procurando soluções para a resolução de tantos problemas políticos, sociais, econômicos... A Ana, por sua vez, me matriculou num curso de inglês, me presenteava com revistas de atualidade, com jornais, com um Atlas Geográfico ou até com livros do Império Romano, desde pequeno me falava o significado das palavras para que eu redigisse a melhor redação.

Meus irmãos e suas namoradas, sempre presentes, sejam em viagens, em festas ou em momentos de muita conversa e diversão. Debochamos uns dos outros, mas no fundo sabemos a seriedade que devemos cumprir em manter nossa família!

Quero agradecer especialmente a todos os meus amigos do Santuário do Sagrado Coração de Jesus, que é composto principalmente por universitários da UNESP, da USP e da USC e que, diariamente lutam para a construção de um mundo mais fraterno e mais unido ao redor daquilo que acreditamos!

O piso Radio Sevilla fez do meu intercâmbio espanhol os mais incríveis seis meses da minha vida e nossa convivência foi crucial para que eu entendesse a Europa. Muchas gracias a todos!

Aos meus bons professores, principalmente o Max Vicente, pelas orientações neste trabalho, ao Pedro Campos que me apresentou Sevilha e ao diácono Rafael Mazzoni, por tantas palavras amigas de sabedoria, todos sempre clareando as ideias deste mundo tão exuberante, mas tão complicado de se compreender.

Obrigado aos personagens entrevistados por mim durante esse semestre. Sem a dedicação deles, este livro seria tão sem graça quanto as minhas piadas!

Meus colegas da república e meus amigos montealtenses também não posso esquecer. O mundo está pouco a pouco nos separando por conta de estágios e trabalhos, mas sei, que no fundo permaneceremos eternamente unidos durante esse trajeto tão bacana que é a vida!

Enfim, a Deus, com o qual busco conversar sempre para que nos ajude a construir um país cada vez mais desenvolvido, quem sabe, o Melhor do Mundo !

dezembro de 2011